

www.autoresespiritasclassicos.com

Paul Gibier • Ernesto Bozzano

Materializações de Espíritos



Obras contidas neste volume:

As Materializações de Fantasma
A penetrabilidade da matéria
e outros fenômenos psíquicos
por Paul Gibier

Materializações de Espíritos

em proporções minúsculas
por Ernesto Bozzano



Conteúdo resumido

O presente volume abrange duas obras distintas:

- As materializações de fantasmas (do original *Les Matérialisations de Fantômes*), de Paul Gibier;
- Materializações de espíritos em proporções minúsculas, de Ernesto Bozzano.

As referidas obras foram incluídas em um único livro possivelmente pelo pequeno volume de cada um dos trabalhos individualmente.

Ambas abordam as minuciosas pesquisas desses dois grandes nomes do Espiritismo experimental a respeito das materializações de espíritos em condições rigorosas de controle e à vista de inúmeras testemunhas presentes.

A obra de Bozzano aborda especificamente as materializações em proporções minúsculas, que são fenômenos observados mais raramente e despertam especial admiração entre aqueles que os presenciam.

Ambas as obras têm, particularmente, o objetivo de demonstrar a sobrevivência da individualidade do espírito em relação à destruição do corpo físico.

Sumário

Prefácio	5
----------------	---

PRIMEIRA PARTE – PAUL GIBIER

Materializações de Espíritos em proporções normais (As Materializações de Fantasmas. A penetrabilidade da matéria e outros fenômenos psíquicos)	27
--	-----------

PAUL GIBIER – Traços biográficos	28
Prefácio da edição francesa	32
Introdução	39
Local das experiências	42
Iluminação do aposento	43
Gaiola provida de gabinete	44
Descrição do gabinete de madeira	46
Fenômenos de materialização observados fora da gaiola em que está a médium	48
Passagem da médium através da porta da gaiola	52
Experiências com o gabinete de madeira	54
Notas e observações gerais	66
Observações acerca das materializações	73
Conclusões	78

SEGUNDA PARTE – ERNESTO BOZZANO

Materializações de Espíritos em proporções minúsculas	80
--	-----------

ERNESTO BOZZANO – Autobiografia	81
Introdução	87
Caso 1	89
Caso 2	94
Caso 3	105
Caso 4	108
Caso 5	111
Caso 6	113
Conclusões	116
Adendo do tradutor ao caso 3	118

Prefácio

Em recente número de *Psychic News*, o jornal espírita de maior circulação no mundo, como dizem os ingleses, tive ocasião de ver que certa articulista, cujo nome não anotei porque não havia ainda pensado neste trabalho, respondia, em termos, a um desses parapsicólogos que nunca fizeram experiências espíritas e andam por aí proclamando que o ilustre sábio inglês Sir William Crookes, já com mais de 40 anos de idade e grandes experiências realizadas no terreno científico, portanto um homem sereno e observador, fora ingênua e redondamente enganado pela jovem médium Florence Cook.

Como isto se passou na Inglaterra, deixei-o ficar por lá, porém, tendo tido também o ensejo de comprar a versão brasileira de uma obra intitulada *Os Poderes Secretos do Homem*, de autoria do francês Robert Tocquet, que diz que essa médium inglesa (como eles julgam todos os espíritas!) aprendera desde cedo a enganar esses tolos espíritas e que as suas sessões com Crookes foram todas fraudulentas, resolvi recapitular, resumidamente, a história das aparições do espírito de “Katie King” por meio da referida médium, mas desde as suas primeiras sessões de materialização, a fim de que os nossos esclarecidos leitores julguem o caso, já que esses “poderes secretos do homem” ou “poderes ocultos da mente” não chegaram, nem chegam (porque não o puderam) a explicar como a mente de uma pessoa ou pessoas funciona para alucinar uma máquina fotográfica a ponto desta fotografar coisas que não existem para eles, parapsicólogos. Porque, diga-se a verdade, esse espírito foi fotografado por diversas vezes, na presença de muitos assistentes, pessoas de grandes nomes e não menores reputações, entre as quais Sir William Crookes, considerado, na sua época, um dos três maiores sábios da Inglaterra.

Como a palavra de um espírita é sempre suspeita para esses parapsicólogos-negativistas, vamos recorrer a um dos mais reputados dicionários enciclopédicos brasileiros, qual o organizado pela Editora Globo sob a competente direção do

professor Álvaro Magalhães. Da pág. 664 da edição que temos em mãos, transcrevemos a seguinte nota biográfica:

“CROOKES, sir William – Biogr. Químico e físico inglês (1832-1919). Nascido e educado em Londres, estudou com A. W. Hofmann no *Royal College of Chemistry*. Fundou a importante revista *Chemical News*, da qual publicou o primeiro número em 1859. Notabilizou-se por suas pesquisas na espectrografia, sobre raios catódicos e fenômenos radioativos, pelas quais se tornou o precursor imediato das idéias atuais acerca da constituição da matéria. Inventou o radiômetro (1874), o espintariscópio (1903) e os vidros especiais que vedam a passagem dos raios de calor e de luz ultravioleta. Descobriu o elemento químico tálio em 1861.”

Eis o sábio experiente, meticuloso e observador, que durante vários anos foi, como os seus amigos, engazopado pela jovem médium...

Achamos oportuno rememorar o caso, fazendo um resumo da “História das aparições de “Katie King”, mas como já a temos excelentemente feita e reproduzida na obra do engenheiro Gabriel Delanne *A Alma é Imortal*, vamos reproduzi-la na íntegra.

Embora a verrina só tenha sido lançada contra esse sábio inglês, resolvemos traduzir, em defesa dos fenômenos de materializações de fantasmas ou espíritos, dois pequenos e importantes trabalhos do Dr. Paul Gibier e do Prof. Ernesto Bozzano, o primeiro precedido de sua biografia e o segundo de sua autobiografia, para demonstrar que o Espiritismo conta, nas suas fileiras, com homens de alto gabarito moral e intelectual.

E o supracitado Robert Tocquet quem é ou era? Em 1954, era ainda professor de Química da Escola Lavoisier, de Paris, e fazia parte do Conselho Administrativo do Instituto Metapsíquico Internacional e do corpo redatorial do seu órgão, a *Revista Metapsíquica*, da qual era redator-chefe o outro “demolidor” do Espiritismo, seu homônimo Robert Amadou, para quem todos os “Grandes Médiuns” (título de um livro dele) foram fraudadores.

As infâmias assacadas por Robert Tocquet contra o sábio William Crookes e a médium estão na pág. 419 de *Os poderes*

secretos do homem. Contra Crookes, assim: “Já dissemos o que pensávamos das experiências do sábio com Florence Cook. Julgamos que elas podem ser explicadas com duas palavras: *mistificação*, sempre, *cumplicidade*, às vezes”. E contra o médium: “O médium de Katie King era uma cínica e hábil farsista”. Assim são os parapsicólogos.

Mas passemos às aparições e materializações do espírito em questão.

História de Katie King

Os fenômenos de materialização constituem as mais altas e irrefragáveis demonstrações da imortalidade.

Surgir um ser defunto diante dos espectadores com uma forma corpórea, conversar, caminhar, escrever e desaparecer, quer instantaneamente, quer gradativamente, sob as vistas dos observadores, é decerto o mais empolgante e o mais singular dos espetáculos. Isso, para um incrédulo, ultrapassa os limites da verossimilhança e provas físicas irrefutáveis se fazem necessárias, para que o fenômeno não seja lançado à conta de fraude ou de alucinação.

Felizmente, porém, bom número existe de observações, relatadas por homens imparciais e, ainda, dotados da isenção e da competência indispensáveis a dar a tais experiências o apoio da autoridade de que eles desfrutam.

O Sr. Aksakof fez com o médium Eglinton uma série delas, em que as mais minuciosas precauções foram tomadas, o que lhe facultou chegar a resultados absolutamente inatacáveis, do ponto de vista científico. O avultado número de matérias de que temos de tratar nos obriga, com muito pesar nosso, a remeter o leitor às obras originais onde esses casos se encontram longamente expostos. Serão consultadas com proveito: *Animismo e Espiritismo*, de Aksakof; *Ensaio de Espiritismo Científico*, de Metzger; *Depois da morte*, de Léon Denis, e *Psiquismo Experimental*, de Erny.

Aqui, agora, nos limitaremos a apresentar alguns dados geralmente desconhecidos sobre a célebre Katie King, cuja exis-

tência foi posta fora de dúvida pelos trabalhos, que se tornaram clássicos, de William Crookes, consignados em seu livro: *Pesquisas experimentais sobre o Espiritismo*.¹ Servir-nos-emos dos estudos que na *Revue Spirite*² publicou a Sra. de Laversay, resumindo o mais possível essa interessante tradução da obra de Epes Sargent, editada em Boston, no ano de 1875.

Muitas pessoas, pouco a par da literatura espírita, supõem que o Espírito Katie King só foi examinado por William Crookes. Vamos mostrar que há elevadíssimo número de atestados relativos à sua existência, procedentes de testemunhas bastante conhecidas no mundo literário e científico. Quando o ilustre químico teve de verificar a mediunidade da Srta. Cook, já muito tempo havia que Katie se materializava. Os grandes médiuns, por demais raros, não se revelam de improviso. Faz-se necessário certo tempo para que cheguem a produzir fenômenos físicos. Por um lado, o médium precisa de adestramento e, por outro, o Espírito que dirige as manifestações é obrigado a exercitar-se longo tempo, para manipular com a indispensável exatidão os fluidos sutis que tem de empregar.

Em 1872, contava a Srta. Cook dezesseis anos. Desde a mais tenra idade via Espíritos e ouvia vozes; mas, como somente ela observava esses fatos, seus pais nenhuma confiança depositavam em suas narrativas. Depois de haver ela assistido a algumas sessões espíritas, veio-se a saber que a mocinha era médium e que obteria as mais belas manifestações. A princípio, o Sr. e a Sra. Cook se opuseram. Entretanto, depois de assediados pelos Espíritos, resolveram ceder aos desejos dos atores invisíveis e foi então que se deram fenômenos absolutamente probantes.

A 21 de abril de 1872, diz o Sr. Harrison, no jornal *O Espiritualista*, ocorreu um curioso incidente. Ouviram de súbito bater nos vidros de uma janela; aberta esta, ninguém viu coisa alguma. Fez-se, porém, ouvir a voz de um Espírito, dizendo: “Senhor Cook, precisa mandar limpar suas calhas, se não quiser que os alicerces de sua casa sejam abalados. As calhas estão entupidas.” Muito surpreendido, procedeu ele a uma exame imediato. Era exato! Chovera e o pátio da casa estava cheio da água que transbordara das calhas. Ninguém sabia desse acidente, antes que o

Espírito o houvesse revelado daquela forma notável. Acompanhando-se a marcha da mediunidade da Srta. Cook, observa-se o desenvolvimento de uma série de fenômenos, que se produzem sucessivamente, tornando-se cada dia mais espantosos, até chegarem à materialização de Katie. Correu assim a primeira sessão em que ela se mostrou.

Até então, as sessões se haviam realizado no escuro. Querendo remediar isso, o Sr. Harrison fez muitos ensaios em casa do Sr. Cook com luzes diferentes. Conseguiu uma luz fosforescente, aquecendo uma garrafa revestida interiormente de uma camada de fósforo, misturada com óleo de cravo. Graças a esse engenho, podia-se ver o que se passava durante a sessão às escuras. A 22 de maio de 1872, a Sra. Cook, seus filhos, uma tia destes e a criada se reuniram e o Espírito Katie King se materializou parcialmente. A Srta. Cook não estava a dormir, como o faz certo uma carta que ela no dia seguinte dirigiu ao Sr. Harrison, nestes termos:

“Ontem à noite, Katie King nos disse que tentaria produzir alguns fenômenos, mas se concordássemos em armar um gabinete escuro com o auxílio de cortinas. Acrescentou que precisava lhe déssemos uma garrafa de óleo fosforescente, visto não lhe ser possível tomar de mim o fósforo necessário, devido ao fraco desenvolvimento da minha mediunidade. Ela quer iluminar a sua figura, para se tornar visível.

Encantada com a idéia, fiz os preparativos necessários, ficando tudo pronto ontem à noite, às 8 e meia. Minha mãe, minha tia, os meninos e a criada sentaram-se fora, nos degraus da escada. Deixaram-me sozinha na sala de jantar, o que nada me agradou, porque estava com muito medo.

Katie mostrou-se na abertura das cortinas. Seus lábios se moveram e, por fim, conseguiu falar. Conversou durante alguns minutos com a mamãe. Todos puderam ver-lhe o movimento dos lábios. Como eu, do lugar onde estava, não a visse bem, pedi-lhe que se voltasse para mim. O Espírito me respondeu: “Mas, decerto; fa-lo-ei.” Vi então que só estava

formada a parte superior do seu corpo, o busto, sendo o resto da aparição uma espécie de nuvem, ligeiramente luminosa.

Após breves instantes de espera, o Espírito Katie começou por trazer algumas folhas frescas de hera, planta que não existe no nosso jardim. Depois, todos vimos aparecer, fora da cortina, um braço cuja mão segurava a garrafa luminosa. Mostrou-se uma figura com a cabeça coberta de uma porção de pano branco. Katie aproximou do seu rosto o frasco e todos a percebemos distintamente. Esteve dois minutos e em seguida desapareceu. O rosto era oval, aquilino o nariz, vivos os olhos e a boca lindíssima.

Disse Katie à mamãe que a olhasse bem, pois sabia que tinha um ar lúgubre. Eu, pelo que me diz respeito, fiquei muito impressionada quando o Espírito se aproximou de mim. Emocionadíssima, não pude falar, nem mesmo esboçar um gesto. Da última vez que se apresentou na junção das cortinas, demorou-se uns bons cinco minutos e incumbiu a mamãe de lhe pedir que venha aqui um dia desta semana... Katie King encerrou a sessão, implorando para nós as bênçãos de Deus. Expressou a sua alegria por se ter podido mostrar aos nossos olhares.”

O Sr. Harrison atendeu a 25 de abril ao convite de Katie e na sua presença se verificou a segunda sessão de materialização. Ele tomou interessantes notas que publicou depois no seu jornal, *The Spiritualist*, donde extraímos os tópicos seguintes:

Testemunho do Sr. Harrison

“Com a minha presença, uma sessão se realizou a 25 de abril, em casa do Sr. Cook. O médium, Srta. Cook, sentou-se no interior de um gabinete escuro. De tempos a tempos, ouvia-se um ruído de raspagem com unhas. O Espírito Katie segurava um tecido leve, por ela mesma fabricado e no qual procurava recolher, em torno do médium, os fluidos necessários à sua materialização completa. Para esse efeito, atritava o médium com o mencionado tecido. Dali a pouco, travou-se em voz baixa, entre o médium e o Espírito, o seguinte diálogo:

Srta. Cook – Vamos, Katie, não gosto de ser friccionada assim.

Katie – Não sejas tolinha, tira o que tens na cabeça e olha-me. (*E continuava a friccionar.*)

Srta. Cook – Não quero. Deixa-me, Katie. Já não gosto de ti. Metes-me medo.

Katie – Como és tola! (*E não cessava de friccionar.*)

Srta. Cook – Não me quero prestar a estas manifestações. Não gosto disto. Deixa-me sossegada.

Katie – És apenas o meu médium e um médium é uma simples máquina de que os Espíritos se servem.

Srta. Cook – Pois bem! Se não sou mais do que máquina, não gosto de ser assombrada deste jeito. Vai-te embora.

Katie – Não sejas estouvada.”

Vê-se, por esse diálogo, que a aparição não é o duplo do médium, pois que a vontade consciente da moça se revela em oposição absoluta à do fantasma, que se acha na sua presença. A Sra. d'Espérance, outro médium célebre,³ resolveu não mais cair em transe durante as manifestações e o conseguiu, o que mostra a independência da sua individualidade psíquica no curso das aludidas manifestações. O Sr. Harrison, em sessões ulteriores, pôde apreciar o desenvolvimento do fenômeno e o descreveu assim:

“A figura de Katie nos apareceu com a cabeça toda envolta num pano branco, a fim, disse ela, “de impedir que o fluido se dispersasse muito rapidamente”. Declarou que apenas o seu rosto se achava materializado. Todos puderam ver-lhe distintamente os traços do semblante. Notamos que tinha fechados os olhos. Mostrava-se durante meio minuto e desaparecia. Depois, disse-me: “Willie, olha como sorrio; vê como falo.” E exclamou: “Cook, aumenta a luz.” Imediatamente isso foi feito e todos puderam observar a figura de Katie King brilhantemente iluminada. Tinha uma fisionomia jovem, linda, jovial, olhos vivos um tanto maliciosos. Sua tez já não era mate e imprecisa, como da sua primeira aparição,

a 22 de abril, porque, explicava ela: “já sei melhor como devo fazer.” Quando a sua figura se apresentou em plena luz, suas faces pareciam naturalmente coloridas. Todos os assistentes exclamaram: “Vemos-te agora perfeitamente.” Katie manifestou a sua alegria, estendendo o braço para fora da cortina e batendo na parede com um leque que achara ao seu alcance.”

As sessões continuaram com bom êxito. As forças de Katie King aumentaram de mais em mais; porém, durante longo tempo, ela só consentiu uma luz muito fraca, enquanto se materializava. A cabeça trazia sempre envolta em véus brancos, porque não a formava completamente, a fim de empregar menor quantidade de fluido e não fatigar a médium. Ao cabo de bom número de sessões, conseguiu mostrar-se em plena luz, com o rosto, os braços e as mãos descobertos.

Naquela época, a Srta. Cook permanecia quase sempre acordada, enquanto se achava presente o Espírito. Algumas vezes, porém, quando fazia mau tempo, ou eram desfavoráveis outras condições, a mocinha adormecia sob a influência espírita, o que aumentava o poder da médium e obstava a que a sua atividade mental perturbasse a ação das forças magnéticas. Depois, Katie não mais apareceu sem que a médium *estivesse em transe*. Realizaram-se algumas sessões para a aparição de outros Espíritos; mas, essas sessões tiveram que ser efetuadas com muito pouca luz e foram menos perfeitas do que as em que Katie se mostrava. Contudo, verificou-se a aparição de figuras conhecidas, cuja autenticidade ficou bem comprovada. Apreciaremos daqui a pouco o testemunho da Sra. Florence Marryat, conhecida escritora.

Numa sessão feita a 20 de janeiro de 1873, em Hackney, sua face se transformou, tornando-se, de branca, negra, em poucos segundos, fato que depois se reproduziu muitas vezes. Para mostrar que suas mãos não eram movidas mecanicamente, ela fez uma costura na cortina que se havia rasgado. Noutra sessão, a 12 de março e no mesmo local, as mãos da Srta. Cook foram atadas, sendo postos selos de cera sobre os nós. Katie King se

mostrou então a certa distância, à frente da cortina, com as mãos inteiramente livres.

Como se vê, só ao fim de longas experiências, a princípio imperfeitas e que com a continuação foram melhorando, o Espírito Katie King alcançou o desenvolvimento que lhe possibilitou manifestar-se livremente, em plena luz, sob forma humana, fora e à frente do gabinete escuro, diante de um círculo de espectadores maravilhados.

A partir desse momento, organizaram-se “controles” muito severos e, somente depois de os terem estudado com todo o rigor possível, foi que o Sr. Benjamin Coleman, o Dr. Gully e o Dr. Sexton proclamaram a realidade daquelas manifestações transcendentais. Tiraram-se à luz do magnésio muitas fotografias de Katie King, estando ela completamente materializada, de pé na sala, sob severíssima fiscalização. Desde os primórdios da mediunidade da Srta. Cook, o Sr. Ch. Blackburn, de Manchester, com ponderada liberalidade, lhe fez importante dote que lhe assegurou a subsistência. Assim procedeu ele, tendo em vista o progresso da ciência. *Todas as sessões da Srta. Cook se realizaram gratuitamente.*

Primeiras fotografias de Katie King

Na primavera de 1873, muitas sessões se realizaram com o fito de obterem-se fotografias de Katie King. A 7 de maio, tiraram-se quatro com bom resultado. Uma delas foi reproduzida em gravura.

As experiências fotográficas se acham bem descritas na reseña que abaixo transcrevemos, elaborada depois de uma sessão e assinada com os seguintes nomes: Amélie Corner, Caroline Corner, M. Luxmore, G. Tapp e W. Harrison. Ao começar a sessão, tomaram-se as seguintes precauções: a Sra. Corner e sua filha acompanharam a Srta. Cook ao seu quarto, onde lhe pediram que se despisse, a fim de serem examinadas suas roupas. Fizeram-na envergar um grande roupão de pano cinzento, em substituição do vestido que despira, e depois conduziram-na à sala das sessões, onde lhe ataram solidamente os pulsos com as

fitas. O gabinete foi examinado em todos os sentidos, após o que a Srta. Cook se sentou dentro dele. As fitas que lhe atavam os punhos foram passadas por um anel fixado no assoalho, em seguida por baixo do manto, sendo, afinal, amarradas a uma cadeira colocada *fora do gabinete*. Desse modo, se a médium se movesse, logo o perceberiam.

A sessão principiou às seis horas da tarde e durou cerca de duas horas, com um intervalo de trinta minutos. A médium adormeceu logo que se instalou no gabinete e, decorridos poucos instantes, Katie apareceu e se encaminhou para o meio da sala. Também assistiam à sessão a Sra. Cook e seus dois filhos que muito se divertiam a conversar com o Espírito.

Katie vestia-se de branco. Aquela noite, seu vestido era decotado e de mangas curtas, de sorte que se lhe podiam admirar o maravilhoso pescoço e os belos braços. A própria coifa que, como sempre, lhe envolvia a cabeça, estava ligeiramente afastada, deixando ver seus cabelos castanhos. Os olhos eram grandes e brilhantes, de cor cinzenta, ou azul escuro. Tinha a tez clara e rosada, os lábios corados. Parecia inteiramente viva. Notando o prazer que experimentávamos em contemplá-la assim diante de nós, Katie redobrou de esforços para que tivéssemos uma boa sessão. Depois, quando acabou de “posar” em frente do aparelho, passeou pela sala, conversando com todos, criticando os assistentes, o fotógrafo e seus dispositivos, completamente à vontade. Pouco a pouco, aproximou-se de nós, animando-se cada vez mais. Apoiou-se ao ombro do Sr. Luxmore, enquanto a fotografavam. Chegou mesmo, uma vez, a segurar a lâmpada, para melhor iluminar o seu rosto.

Consentiu que o Sr. Luxmore e a Sra. Corner lhe passassem as mãos pelo corpo, para se certificarem de que trazia apenas um vestido. Depois, divertiu-se em apoquentar o Sr. Luxmore, dando-lhe tapas, puxando-lhe os cabelos e tomando-lhe os óculos para com eles mirar os que estavam na sala. As fotografias foram tiradas à luz de magnésio. A iluminação permanente era dada por uma vela e uma lâmpada pequena. Retirada a chapa para a revelação, Katie deu alguns passos, acompanhando o Sr. Harrison, a fim de assistir a essa operação.

Outro fato curioso também se deu essa noite. Estando Katie a repousar diante do gabinete, à espera de se colocar em posição para ser fotografada, todos viram aparecer por sobre a cortina um grande braço de homem, nu até a espádua e a agitar os dedos. Katie voltou-se e repreendeu o intruso, dizendo que era muito malfeito vir outro Espírito perturbar tudo, quando ela se preparava para lhe tirarem o retrato, e ordenou-lhe que sem demora se retirasse. No dia da sessão, declarou Katie que suas forças desfaleciam, que *ela estava a pique de dissolver-se*. Com efeito, suas forças haviam diminuído tanto, que, à luz que penetrava no gabinete para onde se retirara, ela pareceu esvair-se. Todos então a viram achatar-se, destituída totalmente de corpo e com o pescoço a tocar o chão. A médium se conservava ligada como no começo.

Chamamos muito particularmente a atenção do leitor para este último pormenor, que mostra, a toda evidência, que a aparição não é um manequim preparado, nem o médium com um disfarce. Sobre esse ponto, outro testemunho probante é o da Sra. Florence Marryat.⁴

“Perguntaram um dia a Katie King por que não podia mostrar-se sob uma luz mais forte. (Ela só permitia aceso um bico de gás e esse mesmo com a chapa muito baixa.) A pergunta pareceu irritá-la enormemente. Respondeu assim: “Já vos tenho declarado muitas vezes que não me é possível suportar a claridade de uma luz intensa. *Não sei por que* me é isso impossível; entretanto, se duvidais de minhas palavras, acendei todas as luzes e vereis o que acontecerá. Previnovos, porém, de que se me submeterdes a essa prova, não mais poderei reaparecer diante de vós. Escolhei.”

As pessoas presentes se consultaram entre si e decidiram tentar a experiência, a fim de verem o que sucederia. Queríamos tirar definitivamente a limpo a questão de saber se uma iluminação mais forte embarçaria o fenômeno de materialização. Katie teve aviso da nossa decisão e consentiu na experiência. Soubemos mais tarde que lhe havíamos causado grande sofrimento.

O Espírito Katie se colocou de pé junto à parede e abriu os braços em cruz, aguardando a sua dissolução. Acenderam-se os três bicos de gás. (A sala media cerca de dezesseis pés quadrados.)

Foi extraordinário o efeito produzido sobre Katie King, que apenas por um instante resistiu à claridade. Vimo-la em seguida fundir-se, como uma boneca de cera junto de ardentes chamas. Primeiro, apagaram-se-lhe os traços fisionômicos, que não mais se distinguiam. Os olhos enterraram-se nas órbitas, o nariz desapareceu, a testa como que entrou pela cabeça. Depois, todos os membros cederam e o corpo inteiro se achatou, qual um edifício que desmorona. Nada mais restava do que a cabeça sobre o tapete e, por fim, um pouco de pano branco, que também desapareceu, como se o houvessem puxado subitamente. Conservamo-nos alguns momentos com os olhos fitos no lugar onde Katie deixara de ser vista. Terminou assim aquela memorável sessão.”

Com o exercício, o Espírito adquirira maior força, pois que William Crookes pôde, a seguir, bater mais de quarenta chapas com auxílio da luz elétrica. Vimos acima que um Espírito tentara materializar-se ao mesmo tempo que Katie. É que, com efeito, este último não era o único Espírito a mostrar-se. Eis aqui um novo testemunho da Sra. Marryat que, numa aparição que se lhe lançou nos braços, reconheceu uma deformação característica que sua filha apresentava num dos lábios. Ouçamo-la.

“A sessão se realizou numa pequenina sala da associação, sem móveis, nem tapete. Apenas três cadeiras de vime foram ali colocadas, para que pudéssemos estar sentados. A um canto, dependurou-se um velho xale preto, para formar o necessário gabinete, em o qual foi posto um coxim para servir de travesseiro à Srta. Cook.

Esta, moreninha, delgada, de olhos pretos e cabelos anelados, trazia um vestido de merinó cinzento, guarnecido de fitas cor de cereja. Informou-me, antes de começar a sessão, que, desde algum tempo, se sentia enervada durante os tranSES e que lhe acontecia vir adormecida para a sala. Pediu-me

então que a repreendesse, caso tal coisa ainda se desse, e que lhe *ordenasse* voltar para o seu lugar, como se fora uma criança. Prometi fazê-lo e logo a Srta. Cook se sentou no chão, por trás do xale preto que fazia de cortina. Víamos o seu vestido cinzento, por isso que o xale não chegava até ao assoalho. Baixou-se a chama do gás e tomamos assento nas três cadeiras de vime.

A médium, a princípio, parecia não se sentir à vontade. Queixava-se de que a maltratavam. Decorridos alguns instantes vimos o xale agitar-se e uma mão aparecer e desaparecer, repetindo-se isso várias vezes. Apareceu depois uma forma a se arrastar com os joelhos, para passar por baixo do xale, acabando por ficar de pé, perfeitamente ereta. A luz era insuficiente para se lhe reconhecerem os traços fisionômicos. O Sr. Harrison perguntou se quem ali estava era a Sra. Stewart. O Espírito abanou a cabeça, em sinal negativo. “Quem poderá ser?” Perguntei ao Sr. Harrison.

– Não me reconhece, minha mãe?

Quis lançar-me em seus braços; ela, porém, me disse: “Fique no seu lugar; irei lá ter.” Momentos depois, Florence veio sentar-se nos meus joelhos. Tinha soltado os longos cabelos, nus os braços, assim como os pés. Suas vestes não apresentavam forma determinada. Dir-se-ia estar envolta nalguns metros de musselina. Por exceção esse Espírito não trazia coifa, estava com a cabeça descoberta.

– Minha querida Florence – exclamei –, és mesmo tu?

– Aumentem a luz – respondeu ela – e olhem a minha boca.

Vimos então, distintamente, num de seus lábios, a deformação com que nascera e que os médicos que a examinaram haviam declarado constituir um caso muito raro. Minha filha viveu apenas alguns dias. Na sessão em que se me apresentou parecia contar 17 anos.

Diante dessa inegável prova de identidade, fiquei banhada em lágrimas, sem poder dizer palavra.

A Srta. Cook estava muito agitada por detrás do xale e logo, de súbito, correu para nós, exclamando: “É demasiado, já não posso mais.”

Vimo-la então fora do gabinete, ao mesmo tempo em que o Espírito de minha filha sentado no meu colo. Isso, porém, durou apenas um instante. A forma que eu abraçava se lançou para o gabinete e desapareceu. Lembrei-me então de que a Srta. Cook me pedira que a repreendesse, caso viesse andar pela sala. Repreendi-a, pois, severamente. Ela tornou ao seu lugar no gabinete e logo o Espírito voltou para junto de mim, dizendo: “Não deixes que ela volte; causa-me um medo horrível.”

Retruquei-lhe: “Mas, Florence, nós outros, mortais, neste mundo, temos medo das aparições e tu, ao que parece, tens medo da tua médium!”

“Tenho medo de que ela me faça partir”, respondeu ela. A Srta. Cook, porém, não tornou a sair do gabinete e Florence esteve mais algum tempo conosco. Lançou-me os braços ao pescoço e me beijou repetidas vezes. Nessa época, eu me achava muito atribulada. Disse-me Florence que, se pudera aparecer-me com a marca que me permitira reconhecê-la, fora para bem me convencer das verdades do Espiritismo, no qual eu encontraria copiosas fontes de consolação.

– “Tu algumas vezes duvidas, minha mãe, disse ela, e supões que teus olhos e teus ouvidos te enganam. Nunca mais deves duvidar e não creias que, como Espírito, eu me conserve desfigurada. Retomei hoje este defeito apenas para melhor te convencer. Lembra-te de que estou sempre contigo.”

Eu não conseguia falar, tão emocionada me sentia à idéia de que tinha em meus braços a filha que eu própria depositara num esquife, de que ela não estava morta, de que presentemente era uma mocinha. Fiquei muda, com os braços passados pela sua cintura, com o coração a bater de encontro ao seu. Em seguida, a força diminuiu. Florence me deu um úl-

timo beijo, deixando-me estupefata e maravilhada com o que se passara.”

Acrescenta a Sra. Florence Marryat que tornou a ver aquele Espírito muitas vezes, *em outras sessões e com diferentes médiuns*, recebendo dele ótimos conselhos.



Uma das 40 fotografias do espírito materializado “Katie King”, tendo ao lado o Dr. Gully, que a examinou anatomicamente.

Facilmente se concebe que os incrédulos hajam negado com obstinação tão extraordinários fenômenos. Calorosas polêmicas se travaram, mesmo entre espíritas, e só as experiências e as afirmações de William Crookes puderam confirmar a autenticidade absoluta de Katie King. Recomendamos ao leitor a obra desse sábio; todavia, precisamos assinalar, de modo especial, que Katie é um ser em tudo semelhante, anatomicamente, a um ser vivo.

As experiências de Crookes

São particularmente interessantes os trabalhos do grande sábio inglês, do ponto de vista em que nos colocamos,⁵ pelo que reproduziremos aqui uma pequena parte da sua narrativa, tão completamente probante ela é. Ele nos mostra um Espírito tão

bem materializado, que se não poderia distingui-lo de uma pessoa normal.

Essa notável experiência estabelece, pertinentemente, que o perispírito reproduz não só o *exterior* de uma pessoa, mas também *todas as partes internas do seu corpo*.

“Uma das mais interessantes fotografias é a em que estou de pé ao lado de Katie, tendo esta um pé nu em determinado ponto do assoalho. Em seguida, vesti a Srta. Cook tal qual o estava Katie e nos colocamos, ela e eu, na mesma posição em que estivéramos Katie e eu, e fomos fotografados pelas mesmas objetivas, situadas estas absolutamente como na outra experiência e iluminadas pela mesma luz. Superpostas as duas fotografias, as minhas imagens numa e noutra coincidem exatamente, quanto ao talhe, etc.; ao passo que a de Katie se demonstra *maior*, de uma meia cabeça, do que a da Srta. Cook, junto de quem aquela parece uma mulher gorda. Em muitas das fotografias, o tamanho do seu rosto e a sua corpulência diferem essencialmente dos de seu médium, podendo-se ainda notar muitos outros pontos de dessemelhança...”

Isso responde à objeção, tantas vezes formulada, de que, nas sessões espíritas, as aparições que se fotografam são desdobramentos do médium. Continuemos.

“Recentemente, vi Katie tão bem, à claridade da luz elétrica, que se me torna fácil acrescentar mais algumas diferenças às que, em precedente artigo, assinalei entre ela e seu médium. Tenho a mais absoluta certeza de que a Srta. Cook e Katie são duas *individualidades distintas*, pelo menos quanto aos corpos. Pequenas marcas que em grande número se encontram no rosto da Srta. Cook não existem no de Katie. Os cabelos daquela são de um castanho tão escuro que parecem pretos! Tenho sob os olhos uma madeixa que Katie permitiu lhe eu cortasse da luxuriante cabeleira, depois de meter nesta os meus próprios dedos até ao alto da cabeça e de me haver certificado de que ela daí nascia realmente. É de um lindo castanho dourado.

Uma noite, contei as pulsações de Katie. Eram em número de 75 e seu pulso batia regularmente. As da Srta. Cook, alguns instantes depois, chegaram a 90, algarismo que lhe era habitual. Aplicando o ouvido ao peito de Katie, pude ouvir-lhe o coração a bater no interior, sendo os seus batimentos mais regulares do que os do coração da Srta. Cook quando, depois da sessão, ela me permitiu fazer a mesma experiência. Auscultados de igual modo, os pulmões de Katie se revelaram mais sãos do que os de sua médium, porquanto, no momento em que fiz a experiência, a Srta. Cook estava em tratamento de um grande resfriado.”

Tais as primeiras manifestações de Katie King. Eis agora o que se passou da última vez que ela apareceu, achando-se entre os espectadores a Sra. Florence Marryat, o Sr. Tapp, William Crookes e a doméstica Mary.⁶

A última sessão

Às 7 horas e 23 minutos da noite, o Sr. Crookes conduziu a Srta. Cook para o gabinete escuro, onde ela se deitou no chão, com a cabeça sobre um travesseiro. Às 7 horas e 28 minutos, Katie falou pela primeira vez e às 7 horas e 30 mostrou-se fora da cortina e em toda a sua estatura. Estava vestida de branco, de mangas curtas e o pescoço nu. Trazia soltos os seus longos cabelos castanho-claros, de tom dourado, a lhe caírem em cachos dos dois lados da cabeça e pelas costas até à cintura. Também trazia um longo véu branco que apenas uma ou duas vezes abaixou sobre o rosto, durante a sessão.

O médium trajava um vestido de merinó azul-claro. Durante quase toda a sessão, Katie se conservou em pé diante dos assistentes. Corrida que fora a cortina do gabinete, todos viam distintamente a médium adormecida, com o rosto coberto por um xale vermelho, para preservá-lo da luz. Não deixara a posição que havia tomado desde o começo da sessão, que transcorreu a uma luz que espalhava viva claridade. Katie falou da sua próxima partida e aceitou um ramo de flores que o Sr. Tapp lhe trouxera, assim como um apanhado de lírios que o Sr. Crookes lhe ofere-

ceu. Pediu ao Sr. Tapp que desmanchasse o ramo e colocasse diante dela as flores, no chão. Sentou-se, então, à moda turca e pediu que todos fizessem o mesmo, ao seu redor. Distribuiu as flores, fazendo com algumas um raminho, que atou com uma fita azul.

Escreveu cartas de adeus a alguns de seus amigos, pondo-lhes a assinatura: Annie Owen Morgan, dizendo que fora este o seu verdadeiro nome na vida terrena. Escreveu também uma carta ao seu médium e escolheu um botão de rosa para lhe ser entregue como presente de despedida. Pegou uma tesoura, cortou uma mecha de seus cabelos e ofereceu certa porção destes a cada um. Enfiou depois o braço no do Sr. Crookes e deu volta à sala apertando a mão de todos, um por um. Sentou-se de novo, cortou vários pedaços do seu vestido e do seu véu, presenteando com eles os assistentes. Como fossem visíveis os grandes buracos que lhe ficaram nas vestes e estando ela sentada entre o Sr. Crookes e o Sr. Tapp, alguém lhe perguntou se poderia reparar aqueles estragos, como já o fizera noutras ocasiões. Ela então expôs à luz a parte cortada, bateu em cima com uma das mãos e imediatamente aquela parte do vestido se tornou tão perfeita como era antes. Os que lhe estavam próximos examinaram e tocaram, com sua permissão, a fazenda e afirmam que não mais havia nem buraco, nem costura, nem a aposição de qualquer remendo onde um momento antes tinham visto rasgões do diâmetro de muitas polegadas.

Transmitiu a seguir suas últimas instruções ao Sr. Crookes e aos outros amigos sobre como deviam proceder com relação às manifestações ulteriores, que prometera, com o auxílio de sua médium. Essas instruções foram cuidadosamente anotadas e entregues ao Sr. Crookes. Parecendo então fatigada, Katie dizia com tristeza que precisava ir-se embora, que a sua força decaía. Reiterou muito afetuosamente seu adeus a todos e todos lhe agradeceram as maravilhosas manifestações que lhes havia proporcionado.

Dirigindo a seus amigos um último olhar, grave e pensativo, desceu a cortina e tornou-se invisível. Ouviram-na despertar a médium, que lhe pediu, banhada em lágrimas, que se demorasse

mais um pouco. Katie, porém, lhe respondeu: “Minha querida, não posso. Está cumprida a minha missão. Deus te abençoe!” E todos ouviram o som do seu beijo de despedida na médium. Logo depois, a Srta. Cook vinha ter com os presentes, inteiramente esgotada e profundamente consternada.

Vê-se assim quanto a moça, rebelde a princípio, se afeiçoara à sua amiga invisível. Katie dizia que dali em diante não mais poderia falar nem mostrar-se; que, realizando, por três anos, aquelas manifestações físicas, passara vida bem penosa, para expiar suas faltas; que decidira elevar-se a um grau mais alto da vida espiritual; que só a longos intervalos poderia corresponder-se por escrito com a sua médium, mas que esta poderia vê-la sempre, por meio da lucidez magnética.⁷

* * *

Termino aqui a transcrição das aparições e materializações do espírito de Katie King, que ocupa 17 páginas do importante livro de Gabriel Delanne *A Alma é Imortal*. Quem desejar conhecê-la não apenas neste resumo, porém bem mais ampliada, poderá fazê-lo lendo a citada obra de Crookes, traduzida para o português sob o título de *Fatos Espíritos*, ou ainda a *História das Aparições de Katie King*, no total de 87 páginas, publicada pela Federação Espírita Brasileira, como apêndice ao trabalho do Conselheiro Alexander Aksakof intitulado *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium*.

Depois dessa transcrição, pergunta-se ao leitor: a jovem médium Florence Cook enganou mesmo, *durante três anos seguidos*, por sedução e fraude, Sir William Crookes, bem como os seus companheiros de experiências, como afirma, gratuitamente, o escritor francês Robert Tocquet, *que nunca esteve presente a nenhuma das experiências feitas*, ou as experiências foram reais? Quem tem, pois, razão: o espírita que sempre *busca* a verdade, seja qual ela for, ou o parapsicólogo antiespírita, que *torce* a verdade, seja qual ela for? Cremos, sem a menor sombra de dúvida, que o leitor está conscientemente a favor do espírita. Quantos belos casos de materialização têm narrado as revistas e os jornais espíritas de todo o Brasil!



Extraordinária fotografia espírita colhida entre as inúmeras que ilustram o livro *Spirit Photography*, do Major Tom Patterson.

O prof. Charles Richet, que viveu na mesma época que Crookes, o que já não aconteceu com René Sudre, Robert Amadou, Robert Tocquet e outros, assim se expressa no seu famoso *Traçado de Metapsíquica* (pág. 56 da edição brasileira da editora LAKE):

“Mas o respeito pelas idéias tradicionais era já coisa de idolatria, a ponto tal que ninguém se dava o trabalho nem de estudar nem de refutar. Contentava-se com o rir e confesso que, por vergonha minha, estava eu também entre os cegos voluntários. Sim! Eu ria, em vez de admirar o heroísmo do grande sábio que ousava apregoar, em 1872, que há espíritos, que se pode ouvir o bater do seu coração, bem como tirar-lhe fotografias. Mas essa coragem foi sem grandes conseqüências imediatas. Devia produzir os seus frutos mais tarde. É somente hoje que se pode compreender bem Crookes, cujas experiências são ainda agora a base de toda a Metapsíquica objetiva. Foi feita com granito, nenhuma crítica pode abalá-la. Nos últimos dias de sua gloriosa e laboriosa

vida, dizia Crookes ainda *que nada tinha a retratar com relação ao que outrora havia afirmado.*”

Quem foi esse Charles Richet que assim se pronuncia a respeito das experiências de Crookes? Para não recorrer a notas biográficas de fonte espírita, recorro ao mesmo dicionário supracitado (pág. 1586), por onde se fica sabendo que ele foi um médico e fisiologista francês, que viveu de 1850 a 1935 e que foi autor de trabalhos notáveis dentro e fora de sua especialidade. No domínio da fisiologia devem-se a Richet trabalhos clássicos sobre o calor animal e a anafilaxia; no da psicologia pesquisas sobre a hipnose e fenômenos metapsíquicos. Vários outros campos de estudo foram também cultivados por esse cientista de insaciável curiosidade intelectual. Recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1913.

Dizemos ainda que Richet foi também autor de *O Sexto Sentido* e de *A Grande Esperança* e que só no fim de sua vida, em carta dirigida a Ernesto Bozzano, se confessou vencido pela evidência dos fatos da sobrevivência, carta essa estampada na pág. 114 do belo trabalho do Dr. Sérgio Valle, *Silva Mello e os seus Mistérios* e que eu mesmo li, na íntegra, no nº de 30 de maio de 1936 do *Psychic News*, de Londres.

Passo, conforme prometi, à tradução do trabalho do Dr. Paul gibier, médico francês de renome, sob o título *Materialização de Espíritos em proporções normais* (título que acresci para confrontar com o que se lhe segue), e ao do Prof. Ernesto Bozzano, intitulado *Materializações de Espíritos em proporções minúsculas*.

Com base nessas duas obras, cai por terra a hipótese de que os espíritos são apenas desdobramentos dos médiuns dos quais se originam.

Como fantasma, sinônimo de espírito ou alma, em sua significação etimológica, é espectro, sombra, visão medonha e outras coisas mais, conforme nos ensina o Prof. João Teixeira de Paula na sua *Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*, volume I, pág. 113, de 1972, preferimos o termo espírito, mais significativo, a fantasma, nestas traduções.

Precedemos o trabalho de Paul Gibier de sua biografia e o de Ernesto Bozzano de sua autobiografia.

Dois verdadeiros sábios.

Francisco Klörs Werneck

PRIMEIRA PARTE

PAUL GIBIER

**Materializações de Espíritos
em proporções normais**

**(As Materializações de Fantasmas.
A penetrabilidade da matéria e
outros fenômenos psíquicos)**

PAUL GIBIER

Traços biográficos

Esse denodado investigador dos fenômenos espíritas era Doutor em Medicina, Preparador do Museu de História Natural de Paris, Cavaleiro da Legião de Honra, discípulo e substituto do grande sábio Pasteur e Diretor do Instituto de Microbiologia de New York.

Foi designado pelo governo para estudar a febre amarela em Cuba, a cólera na Espanha e o método experimental na Alemanha. Entre os seus notáveis trabalhos, que constam dos Anais da Academia de Ciências de 1882 a 1884, conta-se a descoberta do micróbio da raiva, que concorreu para a celebridade desse predileto discípulo de Pasteur. À sua memória sobre a hidrofobia e seu tratamento a Faculdade de Medicina de Paris concedeu a mais elevada recompensa que se pode dar às teses.

Eminente bacteriologista, Gibier foi um dos que estudaram primeiramente o Espiritismo experimental, tendo observado fenômenos transcendentais, o que o levou a afirmar a veracidade dos mesmos. É assim que ele se pronuncia a esse respeito: “Temos observado estes fenômenos tantas vezes e sob formas tão variadas que negá-los seria negar os fatos comuns que verificamos diariamente.”

Em 1900 ofereceu ao Congresso Internacional Oficial de Psicologia, reunido em Paris, uma memória relatando numerosas materializações de espíritos observadas em seu próprio laboratório em New York, com a presença de várias testemunhas, notadamente de preparadores que o assistiam nos seus estudos de Biologia. Trata-se do presente trabalho. Como homem de Ciência sabia colocar-se acima das idéias preconcebidas, quando firme em suas convicções. Isto lhe valeu a perda da posição oficial que ocupava em seu país, tendo que expatriar-se para receber a recompensa de seus méritos na América do Norte, onde foi nomeado para o elevado cargo de Diretor do Instituto Pasteur de New York.

Pode-se fazer uma idéia de quanto estava convencido da Ciência Espírita por estas palavras contidas no final de sua primeira

obra: “Quando um fato existe, todos os homens juntos não poderiam impedir-lhe a existência”.

Escreveu ele duas bem importantes obras: *O Espiritismo (faquirismo ocidental)* e *Análise das Coisas*, já traduzidas para a língua portuguesa, nas quais expõe não somente suas próprias experiências, mas também as conseqüências que daí resultaram. Foi precisamente esse estudo que lhe valeu a inimizade do mundo oficial francês, ainda mal preparado para a apreciação de tais fenômenos.

O Dr. Paul Gibier havia dito que o Dr. Vulpien, ex-decano da Academia de Medicina, lhe predissera a perda de sua posição oficial e o descrédito em que cairia se persistisse na afirmação desta verdade que tinha a grande culpa de não merecer o patrocínio das academias.

Apesar dessas ameaças, o grande homem de Ciência não hesitou em por de lado os seus interesses materiais para a defesa da nova Ciência da Alma e, assim, depois de ter sido privado dos seus meios de subsistência, foi obrigado a expatriar-se para ir buscar no estrangeiro o pão cotidiano que lhe era recusado, em seu próprio país, pela intolerância de seus colegas. Mas ele foi recompensado por um esplêndido sucesso, visto que logo ocupou o invejável lugar de Diretor do Instituto Pasteur de New York, para o qual estava bem preparado pelos seus estudos anteriores.

O Dr. Paul Gibier fazia parte dessa elite intelectual para a qual a opinião vulgar, as idéias preconcebidas, nenhum valor tinham. Ele realizava as suas experiências com excessivo rigor, mas uma vez que chegava à certeza, nada o podia impedir de proclamar as suas convicções. São caracteres que se tornam raros em nossos dias, mas podemos orgulhar-nos de contar alguns deles em nossas fileiras espíritas.

Vamos transcrever alguns conceitos do ilustre médico:

“Já vimos que a questão do Espiritismo experimental foi tratada de modos diferentes pelos sábios. Os que tomaram o trabalho de examinar as coisas de perto não desanimaram desde o começo das investigações, por causa de algum insu-

cesso ou qualquer outro motivo; verificaram fatos análogos aos nossos e afirmaram sua existência.

Os sábios que, pelo contrário, só abordaram o estudo dos fenômenos em questão com idéias preconcebidas e contentaram-se com as experiências pouco satisfatórias que fizeram no início; aqueles que, sem nada haverem observado, contentaram-se com a opinião alheia conforme as suas próprias idéias e escreveram que os fenômenos denominados espíritas não existem ou, o que, no fundo, vem a dar no mesmo, que são o produto exclusivo da fraude, foram muito imprudentes e devemos pedir-lhes contas de sua atitude.

Se os fatos anunciados fossem falsos, seria preciso desmascarmos a sua falsidade por meio de sérias demonstrações e não nos contentarmos com vagas alegações. Nesse caso, faltar às regras científicas contrariava os princípios do método experimental, é verdade, mas as conseqüências desse esquecimento da boa linha não são graves.

Outra coisa acontece se, como acreditamos, a existência, a realidade desses mesmos fatos for provada. Ninguém pôde dissimular que seu alcance é imenso e, embora façamos reserva, só avançando no terreno, vagarosamente, com toda a prudência de um explorador que procura caminho em solo movediço, podemos perguntar – *in petto* – o que existe por detrás desses fenômenos estranhos, cujas manifestações inquietantes estão atormentando a ciência moderna mais do que fizeram todas as descobertas de que ela já se ocupou até hoje. Então, os que, revestidos de caráter científico, vieram dizer que esses fatos não eram verdadeiros são culpados de lesa-progresso e fatores de obscurantismo.” (*O Espiritismo - faquirismo ocidental*, “Conclusões”).

Dir-se-ia que, já naquela época, ele previa o advento desse enxame de parapsicólogos não espíritas que pretendem demolir um sólido bloco de provas experimentais para o qual em nada concorreram, limitando-se a adulterar os fatos ao sabor de suas idéias e conveniências e denegrir a memória dos mais ilustres e mais honestos experimentadores espíritas e mesmo não espíritas.

O Dr. Paul Gibier conclui a sua obra de modo muito interessante. Dirigindo-se aos homens de Ciência, assim se exprime:

“Seria desejável que formassem uma sociedade para o estudo desse novo ramo de “psicofisiologia”, a fim de sabermos logo o que devemos pensar a respeito do assunto, cujo alcance deve ser muito elevado. Não receamos repetir ainda: nada interessa tanto à humanidade como isto; por esse motivo apelamos para as inteligências sérias e de boa-vontade e, de nossa parte, ficamos à disposição dos pensadores e dos homens de iniciativa dispostos à criação de uma sociedade cujos meios de investigação formarão, no mundo, uma força poderosa por mais de um título.”

Gibier desencarnou a 10 de junho de 1900, vítima de um terrível acidente de carruagem ao ter-se espantado o animal que o conduzia, com fogos de artifícios atirados na estrada por algumas crianças, quando se dirigia da cidade de New York para a de Suffren.

Prefácio da edição francesa

Após a publicação da sua primeira obra, *O Espiritismo (faquirismo ocidental)*, que surgiu em 1886 e que, como interesse científico, pode ser comparada aos trabalhos do ilustre William Crookes, o Dr. Paul Gibier teve que ir a New York, onde fundou o Instituto Pasteur.

Do ponto de vista profissional, Paul Gibier era justamente estimado; trabalhara longo tempo no Museu de História Natural de Paris, onde suas pesquisas tinham demonstrado que certas doenças microbianas eram transmitidas dos animais de sangue frio aos animais de sangue quente e inversamente, em certas condições de temperatura; e que os pássaros eram suscetíveis de sofrer o contágio de certas doenças humanas. Depois que esses trabalhos despertaram a atenção de seus mestres e de seus pares pelo jovem prático, o governo francês confiou-lhe o cuidado de estudar, no local, duas epidemias de cólera, das quais uma tinha se produzido nas Antilhas, e duas epidemias de febre amarela, nas Antilhas e na Flórida. Essas dolorosas e honrosas missões ligaram o Dr. Gibier a inúmeras celebridades médicas e ao ilustre Pasteur, que considerava bastante sua pessoa e suas pesquisas.

Tudo isso se passava antes da publicação do seu livro sobre o Espiritismo, obra tão afirmativa e tão claramente segura da objetividade dos fenômenos espíritas, que de todas as partes, os inimigos do Espiritismo, tanto materialistas quanto ultramontanos, gritaram em altos brados, e os que não ousaram acusá-lo de fraude não deixaram de acreditá-lo como cúmplice involuntário dos prestidigitadores, que o teriam usado. Impulsionado pela necessidade de se defender, o Dr. Gibier publicou relatórios de serviços, indícios convincentes de suas faculdades de observação e esta carta de Pasteur, que deveria ser suficiente para cortar pela raiz as polêmicas:

“Caro Sr. Gibier,

Conhecendo os novos métodos aplicados ao estudo das doenças contagiosas, o senhor poderá abordar as difíceis pesquisas que irá empreender.

Desconfie, sobretudo, de uma coisa: a precipitação no desejo de concluir. Seja um inimigo vigilante e tenaz de si mesmo. Pense sempre que está em erro...

Meus parabéns e um cordial aperto de mão.

L. Pasteur”

São conselhos que só se dão a um homem capaz de segui-los, e o Dr. Gibier mostrara-se digno, experimentando mais de quinhentas vezes a escrita direta, através de um lápis colocado entre duas ardósias. É difícil tachar de leviandade a atitude de um homem que toma precauções antes de afirmar uma verdade.

Em 1890 o Dr. Gibier publicava sua segunda obra: *Análise das Coisas*. Esta não se contenta em expor secamente os fatos novos acrescentados à série de experiências empreendidas pelo sábio: oferece uma teoria geral da matéria e da vida e, baseando-se no conjunto dos fatos conhecidos para deduzir as idéias que daí podem resultar, instaura um amplo dado espiritualista que, se fosse universalmente compreendido, todas as religiões e todas as filosofias encontrariam diversos pontos de contato para aí tentar a fusão de todas as seitas, na harmoniosa unidade de uma doutrina fraternal.

Análise das Coisas é, simultaneamente, o estudo de um sábio, a efusão de um grande coração e a visão penetrante de um filósofo para quem as portas do futuro se abriram sob o claro olhar da intuição.

Quando se é tomado pelo gosto de uma pesquisa – e nenhuma é tão apaixonante e cheia de conseqüências quanto essa do fato espírita – não se conseguiria afastar-se dela, quaisquer que fossem, aliás, as obrigações profissionais. É por isso que, apesar do seu desgastante labor médico, o Dr. Gibier, embora entregue a trabalhos de pesquisa científica, encontrou tempo de ainda se entregar ao estudo experimental do Espiritismo, enquanto se achava em New York.

A América é o berço do Espiritismo e a pesquisa científica, relativa a esse dado, para aí foi impulsionada com um grande cuidado e um ardor que fez afluir os recursos nas sociedades de estudos constituídas para esse efeito. É quase inútil dizer que o Dr. Gibier aproveitou avidamente possibilidades de trabalho que se ofereciam, assim, à sua investigação. Após vários anos de pesquisas experimentais, produzidas com um controle severo, ele dirigiu ao 4º Congresso Internacional de Psicologia, ocorrido em Paris, em 1900, um relatório considerável, concernente às suas pesquisas sobre as materializações de fantasmas, a penetrabilidade da matéria e outros fenômenos psíquicos, cuidadosamente observados e anotados por ele.

Presentindo que, como suas obras precedentes, esse Memorial não deixaria de suscitar veementes polêmicas, o autor decidira vir a Paris apresentá-lo, ele próprio, e responder a todas as objeções com a autoridade que lhe conferiam sua certeza e sua imponente bagagem científica. Infelizmente, no início de 1900, ele morreu em consequência de um acidente de carro. Era uma grande perda para a Ciência em geral, maior ainda para a Ciência Psíquica, que perdia nele um de seus adeptos mais interessantes, um defensor tão temível quanto cortês na discussão, e que demonstrava, sem nenhum exagero, a verdade flagrante através do fato observado. São adeptos como esse que fazem a força de uma ciência ou de uma doutrina – e o psiquismo é os dois juntos –, porque não dão aos seus adversários essa contenda que vem da cólera e da violência. Sua pesquisa é intransigente como *um fato*, mas a explicação que dele ele dá e as conclusões que dele tira são acessíveis a todos os espíritos de boa-fé e trazem sempre, senão a convicção imediata, pelo menos essa centelha que proporciona aos espíritos não preconceituosos o ardente desejo de ter uma idéia real dos fatos em discussão.

É esse Memorial, apresentado no Congresso de 1900, que se traduz na presente obra. No pensamento de seu autor, esse Memorial tinha como objetivo completar os dois livros anteriores: *O Espiritismo (faquirismo ocidental)* e *Análise das Coisas*. Essas importantes obras tinham desaparecido completamente e julgamos necessário reimprimi-las, como um dos testemunhos mais

decisivos da causa psíquica. Os fatos revelados tanto nesses dois volumes quanto no Memorial guardaram todo o seu interesse e sustentaram sempre as mesmas polêmicas. Eles são, todavia, inegáveis e todos aqueles que se entregaram continuamente e com seriedade a experiências similares os constataram, a seu turno. Mas as experiências do Dr. Gibier têm esta vantagem, que não cabe a todo mundo, de terem sido seguidas ao longo de vários anos por um homem de grande cultura e inteiramente impregnado dos métodos de investigação científica, que nunca julga suficiente o controle ao qual submete seus auxílios, os instrumentos de seu trabalho e os resultados obtidos. É uma garantia a mais de sua perfeita veracidade.

Os fenômenos citados pelo sábio foram todos produzidos no seu próprio laboratório, que não comportava nenhum esconderijo que pudesse escapar da sua vigilância, nem nenhuma causa de erro que não lhe fosse primeiramente conhecida. Todos os processos de fraude eram cuidadosamente afastados e todos os fatos se produziram diante das personalidades científicas, que forneceram seu testemunho.

A médium à qual o Dr. Gibier dá o pseudônimo de Sra. Salmon era uma pessoa de seu conhecimento, cuja retidão ele apreciava, mas que, todavia, submetia a todo controle desejável. É impossível ver um motivo de qualquer suspeita nas pesquisas de Gibier.

O Dr. Gibier estabeleceu sobre essas bases as provas da realidade dos fenômenos que ele observou. A fotografia serve-lhe para demonstrar que as materializações obtidas nada têm de comum com a médium em transe no seu gabinete. Ele viu, tocou, e a objetiva fotográfica, testemunha refratária a qualquer sugestão, viu também e registrou. Sobre este ponto, o autor é formal.

Quanto à causa dos fenômenos assim descritos, o Dr. Gibier sempre foi muito reservado e suas respostas a esse respeito foram sempre de uma prudência extrema. A hipótese espírita não o desagradava de forma alguma e parece mesmo, em vários casos, preferi-la a qualquer outra; mas, para um sábio, o domínio da hipótese não é o da realidade experimental e, observando o rigor científico antes de qualquer coisa, não acreditou que deve-

ria tornar conhecido seu sentimento sobre um ponto debatido pelos melhores espíritos dessa época. Contentava-se em trazer para a discussão sua parte de observações irrefutáveis e, se concluiu afirmando absolutamente a realidade dos fenômenos, evita tomar partido nas querelas de doutrina que não considerava como seu domínio pessoal.

Esse Memorial contém fatos de uma importância particular e aqueles que os estudarem ficarão estupefatos com o cuidado tomado pelo sábio em não admitir senão o que é correto no conhecimento do psiquismo experimental. É esse cuidado que dá um valor tão grande a tudo o que nos restou desse grande espírito, tão cedo retirado da Ciência, e que prometia uma tão bela e produtiva carreira.

Como todo Memorial científico, esse contém, sobretudo, fatos e sua explicação, sem procurar conclusão num domínio qualquer. Assim, para acompanhar, em todo seu impulso, o vasto desdobramento das visões e dos trabalhos dessa inteligência tão pessoal e tão consciente, é preciso ler suas outras obras, onde ele colocou todo o potencial de uma existência muito curta.

* * *

Em *O Espiritismo (faquirismo ocidental)*, ele trata ainda, quase que exclusivamente, do fenômeno espírita, do ponto de vista psíquico, e especialmente da escrita direta, que tantas vezes obteve com o médium Slade. Uma das provas que mais o impressionou é que Slade, pouquíssimo letrado em inglês, e não conhecendo nenhuma língua senão a do seu país, obtém comunicações em francês e até em outras línguas, cujos caracteres gráficos são muito diferentes, como o alemão e o grego. Essa constatação, acrescida aos meios de controle empregados para tirar qualquer possibilidade de fraude, demonstrava-lhe plenamente que, se a força psíquica de Slade está em questão, nem seu corpo nem sua mente têm alguma responsabilidade, já que ele se exprime corretamente nas línguas que desconhece, e isso através de uma ponta de lápis colocada entre duas ardósias que ele toca apenas pelo lado exterior.

O Dr. Gibier comparou os fatos dessa ordem com aqueles que os faquires produzem nas Índias, fazendo germinar grãos, sob os olhos do experimentador europeu, ou transgredindo, com os objetos, as leis da gravidade, através do fenômeno de levitação.

Este livro está repleto de fatos cuidadosamente estudados e que não deixam dúvida alguma sobre sua realidade. As experiências de William Crookes aí são também relatadas com a maior minúcia, pois os trabalhos de Crookes num domínio análogo, a minúcia do seu controle nas pesquisas, tão pacientes, dão ao Dr. Gibier uma confiança absoluta nos trabalhos espíritas do grande químico inglês. *O Espiritismo (faquirismo ocidental)* oferece as fotografias de Katie King nos originais feitos por William Crookes, documentos irrecusáveis da presença materializada dessa estranha visitante que quis vir durante três anos para servir a uma causa e desapareceu no dia fixado.

* * *

Análise das Coisas entra num domínio mais filosófico e demonstra a similitude do Microcosmo e do Macrocosmo, do Homem e do Universo, segundo ritmos que ele não formou. Essa concepção serve ao Dr. Gibier para explicar muitas coisas que permaneceriam obscuras para nós sem esta visão mais transcendente que a Ciência geralmente não se permite. Mas as consequências dessas premissas nos conduzem a uma maravilhosa visão do mundo, traçada com uma lógica miraculosa. O estudo do cérebro e de suas funções é, em particular, de uma clareza tão maravilhosamente evocadora, que é impossível vê-lo de outra forma, após o estudo desse livro. Mas não há apenas idéias e hipóteses na obra; há fatos e mais fatos.

A obra precedente estudava, sobretudo, Slade. Nesta, o Dr. Gibier fez experiências com Home e Eglington e lhe é impossível não reconhecer que tudo o que foi dito sobre esses admiráveis médiuns é perfeitamente exato. Reconhece a personalidade psíquica do homem, o desdobramento, tudo o que para os sábios oficiais parecia alucinação ou prestidigitação e, longe de obstinar-se contra esses fatos observados, toma-os como tese para ir

mais longe, para procurar as conseqüências dessas descobertas que tendem a nada menos do que remoralizar o mundo atual.

Henri Durville

Introdução

Parece que estamos destinados a ser, dentro em breve, testemunhas de coisas bem estranhas. A Psicologia moderna, dissociando, até certo ponto, os extratos atávicos e adquiridos da personalidade, nos fez entrever um abismo sob a consciência humana.

As manifestações dessas camadas subconscientes, sobre as quais lançaram vistas sutis e profundas os antigos psicólogos da Grécia e, sobretudo, os da Índia, têm sido, nos últimos anos, consideradas como porções de um ser misterioso, existente em cada um de nós, de quem seria, por assim dizer, um duplo.

Esse ser psíquico, sempre desperto, seria dotado de faculdades especiais superiores, segundo uns, ou restos de funções esquecidas em um dado momento da evolução da raça, segundo outros. Em suma, é a teoria do inconsciente, do subliminal, etc.

Ainda que grande número de sintomas anormais observados na histeria e diferentes estados hipnóticos, sonambúlicos e medianímicos possam adaptar-se, de um modo geral satisfatório, ao quadro desta teoria, existem outros sintomas que não podem ser aplicados, logicamente, ao mencionado quadro e é a respeito de certos sintomas ou fenômenos desta última categoria que tenho a honra de pedir a atenção dos modernos psicólogos.

Antes de começar a descrição de minhas observações, recordarei que há quinze anos publiquei minhas primeiras investigações sobre os fenômenos psíquicos. Tais investigações referem-se, principalmente, à escrita direta obtida sobre uma ou entre duas lousas. Esse fenômeno foi observado, com todas as precauções requeridas, por meio de uma experimentação rigorosa, realizada no decurso de numerosas sessões que possivelmente chegam a quinhentas.⁸

Desde então tive oportunidade de ver um certo número de médiuns e de fazer experiências com eles. A América do Norte, onde o Espiritismo forma uma espécie de religião organizada no modelo de numerosas seitas que vivem umas ao lado das outras, é particularmente favorável ao gênero das investigações em questão, pois os médiuns de ambos os sexos são bem numerosos.

Uns são profissionais, outros não e estes se prestam ao estudo das suas faculdades em círculos íntimos.

Há mais de dez anos vivo nos Estados Unidos da América e durante esse tempo fiz experiências com diversas pessoas dotadas de várias espécies de mediunidade.

Neste trabalho proponho-me a descrever duas classes de fenômenos que observei com uma médium de materialização, a saber:

- 1^a) materializações de espíritos;⁹
- 2^a) penetração da matéria ou desmaterialização.

Fui também testemunha das manifestações chamadas psíquicas, mas isso se deu fora de minha residência e não as assisti cheio de preconceitos, procurando tomar todas as precauções possíveis a fim de não ser vítima de fraude, já que o assunto se presta a imitações. Portanto, não fiz caso dos fatos senão quando pude fiscalizá-los, verificá-los pessoalmente em meu laboratório, sempre na presença dos preparadores que me secundam nos meus trabalhos habituais de Biologia e cuja acuidade de observação me é familiar e, em certas ocasiões, assistido por reduzido número de pessoas estranhas à Ciência mas cuja seriedade me é bem conhecida.¹⁰

A médium, com a qual observei os fenômenos que vou descrever, será designada pelo nome de Salmon. É uma senhora americana com a qual tenho feito muitas experiências de dez anos para cá.

Em diversas ocasiões residiu em meu apartamento no Instituto Bacteriológico de New York, em espaços de tempos que variam entre alguns dias a um mês.

Devo dizer que todas as vezes que fiz experiências com a Sra. Salmon dei-lhe uma importância estipulada antecipadamente, visto que a mesma, sendo desprovida de recursos, não podia dispor, graciosamente, de seu tempo.

Essa particularidade, longe de prevenir-nos contra ela, deve, ao contrário, ser considerada como uma condição favorável, pois, em certa ocasião em que se achava bastante necessitada de dinheiro, permaneceu muitas semanas no Instituto sem conseguir

obter manifestações de importância, não obstante terem as regras experimentais sido as mesmas das outras sessões anteriores.

Foi preciso empregar toda a persuasão imaginável por parte de minha família para se conseguir retê-la e dar-lhe consolo pelo fracasso experimentado, devido, provavelmente, a uma espécie de crise neurastênica pela situação pecuniária de dificuldade em que se achava naquele momento.

Quando se encontrava a sós, entregava-se ao pranto e fazia preparativos para regressar ao seu lar. Por último, presa de desolação por ter-me feito perder um mês em tentativas infrutíferas, partiu para sua casa e, ao despedir-se, só quis aceitar uma pequena parte da soma combinada.

* * *

A fim de evitar repetições inúteis, vou descrever, uma vez para sempre, certas disposições gerais que foram adotadas nas sessões, tais como o local das reuniões, o modo de iluminação, a gaiola ou gabinete em que a médium foi encerrada, etc.

Omitirei, entretanto, grande número de diálogos travados entre os assistentes e as formas materializadas para não sobrecarregar de minúcias a descrição que vou fazer. Contudo, poder-se-á fazer uma idéia da marcha das manifestações e da maneira como foram observadas pela descrição tão completa quanto possível de uma das sessões de melhores resultados entre as feitas com a Sra. Salmon, porque é um fato digno de nota que nas condições, na aparência, semelhantes em dez experiências, mais da metade são abortadas, truncadas, de maneira que os fenômenos apenas se esboçam. E isto quando a médium parecia mais bem disposta, sem falar dos casos em que, durante o mês em que a Sra. Salmon ficou sob minha observação, a sua mediunidade quase desapareceu.

Local das experiências

Conforme disse acima, só tenho por válidas as sessões realizadas sob minha estrita fiscalização

Essas experiências se realizaram quer em New York, numa dependência de meu laboratório, transformada para o caso, quer nas montanhas de Ramapo num local que mandei dispor para esse fim e a uma hora de distância da cidade, de trem.

Em geral, no gabinete ou na gaiola, que descreverei mais adiante, não havia senão assentos para os assistentes e, em algumas ocasiões, uma mesa nas quais eram colocados diversos instrumentos (fonógrafos, dinamômetros, aparelho fotográfico, máquina elétrica, etc.¹¹

Iluminação do aposento

Durante as experiências de materialização, a sala só era iluminada por uma lanterna colocada no soalho, na extremidade oposta à em que ficava a médium e por detrás dos assistentes, mas de maneira que a sua claridade não impedisse de serem vistos. Os assistentes não projetavam, assim, nenhuma sombra no aposento.

A lanterna estava encerrada numa caixa de madeira aberta na parte anterior e fechada por um vidro de cor azul adaptado de modo a poder subir e descer segundo se precisava de maior ou menor quantidade de luz.

No princípio, empreguei a lâmpada de azeite, depois a substituí por um bico de gás acetileno, cuja viva claridade era diminuída por uma folha de papel branco sem goma, aplicada em cima do vidro azul.

A tampa movediça era acionada por meio de um cordão que descia desde o teto, onde passava por umas escápulas e cuja extremidade, equilibrada por um contra-peso, ia dar no gabinete, entrando na parte superior. Essa extremidade do cordão ficava fora do alcance da médium, quer ela estivesse dentro da gaiola quer atada dentro do gabinete.

Tal disposição permitia às “forças”, que desprendiam desta e se organizavam em projeções *personificadas*, regular a luz segundo o grau de desenvolvimento e poder.

Gaiola provida de gabinete

Algumas de minhas experiências foram feitas com o emprego de uma gaiola completada por um gabinete atapetado; outras com um gabinete especial sem gaiola.

A gaiola compõe-se de cinco paredes de grades metálicas, assente sobre um estrado ou base de madeira, e de uma porta da mesma construção, munida de dobradiças e de uma fechadura de cadeado. As cinco paredes (três lados, fundo e teto) são formadas por esquadrias de madeira, revestidas de uma forte rede de fios de ferro galvanizado, formando malhas quadradas de 12 a 15 milímetros de lado, através das quais se pode passar a extremidade do dedo mínimo. Os fios que formam essa grade têm cerca de 1,5 milímetros de diâmetro e estão todos soldados entre si, a zinco, por meio da galvanoplastia.

Essa rede metálica está fixada pelo lado de fora dos quadros de madeira por meio de travessas cravadas e as dobradiças da porta igualmente estão aparafusadas pelo lado de fora. Os quadros se acham reforçados, na parte média, por uma travessa de madeira e são entre si ligados por um sistema de compridos parafusos cujas cabeças ficam na extremidade da gaiola logo que ela é montada. Quando a gaiola está fechada com o cadeado, pode considerar-se impossível a um homem robusto sair dela só com o auxílio das mãos.

É preciso dizer que, se fosse praticada, numa das paredes ou da porta, uma abertura suficiente para dar passagem a uma pessoa, isso não poderia executar-se sem fazer-se ruído, nem deixar sinais. Na parte superior da gaiola estão fixadas, por meio de escápuas, duas barras metálicas que se estendem horizontalmente seguindo as bordas anterior e posterior, até um metro ao lado direito da gaiola.

Para cobrir inteiramente a gaiola, a fim de impedir que penetre nela o mais tênue raio de luz, utilizam-se grandes e pesadas cortinas que por meio dos dois braços horizontais podem se correr pela parte direita. O conjunto forma uma espécie de gabinete cuja fachada tem o dobro de comprimento da gaiola, ou

por outra, trata-se de uma gaiola fechada que tem, na sua parte direita, um gabinete quadrado coberto por uma cortina.

As dimensões da gaiola são as seguintes:

Altura 2,04 m

Profundidade 0,94 m

Largura da porta 0,87 m

A médium era introduzida no interior da gaiola, onde existe uma cadeira comum e, uma vez dentro desta, fechava-se a porta com o cadeado e selava-se este último.

Descrição do gabinete de madeira

Por motivos que exporei mais adiante, as experiências feitas com a gaiola foram abandonadas e, por indicação de um dos “guias”, foi construído um gabinete de madeira num canto da sala, onde essas experiências se realizavam. Esse gabinete é fechado em todos os lados, salvo uma abertura de 1,88 m de altura por 0,51 m de largura, fazendo face à lanterna colocada na outra extremidade do aposento, a uns 5 metros do gabinete. Além de ser de madeira, o gabinete é forrado, tanto interior como exteriormente, com um pano escuro, enquanto que um reposteiro da mesma cor, composto de duas cortinas, podendo abrir-se ao meio, fecha a referida abertura. Desse modo, o interior do gabinete fica na mais completa escuridão, qualquer que seja a intensidade de luz procedente do exterior.

Uma obscuridade ainda mais completa que a da gaiola era necessária no gabinete em que a médium ficava (pelo menos a Sra. Salmon) mesmo quando na sala dos assistentes era possível conservar uma luz suficiente para ver as horas de um relógio comum ou tomar notas à medida que se iam produzindo os fenômenos.

As dimensões do gabinete são as seguintes:

Largura da abertura ..	0,51 m
Altura	1,98 m
Largura	1,57 m
Profundidade	1,02 m
Espessura	0,02 m ¹²

A abertura, fechada, segundo disse, por uma cortina, se acha situada à direita do gabinete e na extremidade de sua face anterior.

A 0,03 m de intervalo da parede anterior, 1,08 m do solo e 0,49 m da face esquerda da abertura, ou seja, a 1 metro da extremidade direita e 0,57 m da extremidade esquerda do gabinete, foram feitos dois buracos de 0,01 m de diâmetro. Esses buracos serviam para atar a médium, conforme veremos mais adiante.

Para trás e à direita, sobre o teto do gabinete, fez-se outro buraco de 0,01 m de diâmetro com o fim de deixar passar a corda que se ligava à porta corrediça da lanterna.

Devo, enfim, acrescentar que as tábuas dessa construção são ajustadas por meio de entalhes e consolidadas por travessões que abraçam toda a peça, tanto em cima como embaixo, e que estão pregados sobre tábuas.

Fenômenos de materialização observados fora da gaiola em que está a médium

Uma vez encerrada a médium dentro da gaiola, fechado o cadeado à chave e essa em meu poder, colocou-se um selo do correio, de 14 centavos, sobre a abertura do cadeado e dois selos mais sobre a junção da porta: um deles a 0,40 m por cima da parte central de cada cadeado e o outro a igual distância por debaixo.¹³

A médium sentou-se tão confortavelmente quão possível na cadeira colocada na gaiola defronte de nós. Os assistentes tomaram assento em semicírculo, ao redor da gaiola. Sentei-me tão perto quão possível da extremidade direita do gabinete. Até esse momento os preparativos foram feitos em plena luz do gás, que foi em seguida apagada.

Preparadas assim as coisas, primeiramente ficamos surpresos com a brusca diminuição da luz, mas, ao cabo de alguns segundos, começamos a distinguir os objetos que nos rodeavam e os rostos de cada um dos assistentes, assim como as suas mãos e as partes claras das vestes, até que, dentro de breve tempo, principiámos a ver tudo de maneira satisfatória.¹⁴ Nessas condições e após uma espera que variou de alguns segundos até muitos minutos, vimos se produzirem os seguintes fenômenos:

1 – Vozes de timbres diferentes, partindo, não da gaiola, mas do gabinete situado ao lado. Primeiramente foi uma voz de menina dando boas-noites. Procedia de um dos “guias” da médium, que disse chamar-se “Maudy” (diminutivo de Maud). Uma voz ora séria, ora jovial. Logo nos saudou, com voz de baixo, o outro guia, que disse chamar-se “Ellan”. Em tom sentencioso e seco, fez um pequeno discurso a respeito das precauções que deveríamos tomar nas sessões e nos expôs igualmente as grandes dificuldades que ele e os demais espíritos tinham que vencer para conseguir a produção dos fenômenos que chamamos de psíquicos e dar provas “desta verdade esplêndida que consiste na sobrevivência do espírito depois da morte”.

2 – Em diversas ocasiões, mãos brancas e finas, às vezes bem grandes, e uma diáfana, apenas visível, acompanhando a outra de aparência mais material (em nada parecida com a da médium, que é curta e grossa), deslizaram desde o alto do gabinete até a sua parte média.

3 – Em ocasiões diferentes, apareceram, simultaneamente, nas extremidades do gabinete-gaiola um braço com a mão nua e uma mão sem braço.

4 – Uma forma feminina vestida de branco, mais alta que a médium pelo menos 16 centímetros, afastou as cortinas do gabinete que se acha à direita da gaiola, saiu para a frente das mesmas cortinas e pareceu fundir-se no tapete que cobria o chão de madeira.

5 – Outra forma de mulher, de talhe mais elevado do que o da anterior, levando uma coroa e um cinto luminoso, saiu brusca-mente de entre as cortinas, sem produzir ruído algum. Seu rosto não se parecia em nada com o da precedente. Era mais morena, tinha os cabelos pretos e levava um vestido bastante escuro. Murmurou, em voz baixa, algumas palavras que não pudemos ouvir. Entrou no gabinete sem deixar traço fosforescente ou qualquer outro.

6 – Depois de alguns minutos durante os quais os assistentes cantaram à meia voz, as cortinas do gabinete se agitaram, logo cessou o canto e uma voz de criança se fez ouvir na gaiola. Uma forma branca apareceu entre as cortinas e um homem de estatura inferior à mediana surgiu em sua abertura. Entrou rapidamente sem dizer palavra, mas a vozinha de “Maudy” nos fez saber que acabávamos de ver “Ellan”, acrescentando que ela também procuraria manifestar-se se pudesse apropriar-se de força suficiente e que “Ellan” procuraria mostrar-se de novo.

7 – As bordas das cortinas se levantaram e saiu uma forma de menino que com as suas mãozinhas batia no chão, enquanto pronunciava com sua vozinha de bebê as seguintes palavras: *ta ta tata*. A forma desapareceu. Uma voz, que partia do interior da gaiola, nos disse que a forma que acabávamos de ver era a de um menino de alguns meses, desencarnado recentemente.

8 – “Ellan” apareceu entre as cortinas do gabinete. Adiantou-se em direção a nós e falou-nos distintamente com a mesma voz com que falava dentro do gabinete ou da gaiola. Já diante de nós, pedi-lhe licença para apertar-lhe a mão e ele ma estendeu; então me levantei e, aproximando-me dele, tomei-lhe a mão direita que apertei com a minha mão direita. No momento em que me levantei, uma voz, partindo do gabinete, me recomendou que me aproximasse devagar. Apertei-lhe a mão e o espírito fez o mesmo. A mão que apertei era quente, larga, forte, um pouco ossuda, uma mão de operário. A mão da médium era menor, macia e gorda.

Observei que era mais alto do que eu (a médium era baixa), que estava vestido de preto e que o plastão branco de sua gravata se destacava claramente de seu traje escuro. Seus cabelos e barba eram castanhos, os olhos escuros (a médium tem olhos azul-claro) e parecia ter de 35 a 40 anos. Disse-me *good bye* (adeus) e se retirou para o gabinete. Ao trocar as minhas impressões com os assistentes, certifiquei-me de que todos o tinham visto. Ainda que nos tivesse interessado o que víamos, não chegamos a ficar emocionados porque a maioria de nós havíamos visto fenômenos mais ou menos semelhantes a esses.

9 – Depois da aparição precedente e uma vez restabelecido o silêncio, ouvimos a voz de “Maudy”, primeiramente na gaiola e depois no gabinete. Imediatamente apareceu entre as cortinas a cabeça de uma menina graciosa de uns 8 anos. Ao fazer o seu aparecimento, gritou: *Good evening bugaboo!* (Boa noite, papão!). Logo abriu as cortinas e se pôs a correr dentro do espaço de 1,50 m que separa o gabinete do lugar que uma senhora ocupava e da qual segurou as mãos. Em semelhante posição permaneceu um instante, depois se foi correndo para o gabinete, no qual desapareceu.

10 – Muitas outras aparições se mostraram ainda. Entre outras uma mulher que disse ter perdido a vida durante o naufrágio e se mostrava com as roupas molhadas. Muitos de nós a tocamos e efetivamente pudemos verificar que estava empapada d’água. Essa forma de mulher expressava-se em francês.

11 – Outra forma de mulher, que aparecia em quase todas as sessões que tivemos com a Sra. Salmon, dizia chamar-se “Musiquita” e pronunciava o “u” à maneira espanhola ou italiana. Tinha a aparência de cigana e pedia sempre que lhe desse uma guitarra. Quando esse instrumento se achava em seu poder, segurava-o em posição e, com a unha do indicador, rasgava as cordas durante 15 ou 20 segundos, depois desaparecia, levando a guitarra para o gabinete ou deixando-a na porta da entrada do mesmo.

Abster-me-ei de descrever, com maiores detalhes, essas aparições, porque se produziram com maior ou menor semelhança em outra sessão que descreverei com minúcias ainda maiores.

Nas experiências com a gaiola se produziu um fenômeno especial que narrarei detalhadamente.

Passagem da médium através da porta da gaiola

Quando a referida sessão se prolongava já pelo espaço de duas horas aproximadamente, ouvimos todos a voz de “Maudy” falando do interior da gaiola, dizendo-nos que as forças da médium estavam esgotadas e que por isso as manifestações iam terminar.

Logo que “Maudy” acabou de falar, ouvimos a voz de baixo de “Ellan” dirigindo-se a mim nestes termos: “Vinde receber a nossa médium, que vai sair e que carecerá de vossos cuidados”.

Julgando eu que já era tempo de abrir a porta da gaiola e libertar a médium, que estava presa nesse pequeno recinto desde o começo da experiência, ia dar mais luz, quando a mesma voz de baixo me disse: “Não aumentem a luz antes que a médium tenha saído”.

Como não estava prevenido do que ia passar-se, avancei então para a gaiola a fim de abrir-lhe a porta, cujas grades senti através das cortinas. Nesse instante, repeliram-me a mão suavemente, mas de uma forma irresistível, e vi a cortina tornar-se túrgida como se sob a pressão de um corpo volumoso. Então segurei esse volume que se apresentava diante de mim e fiquei deveras surpreendido ao reconhecer que tinha em meus braços uma mulher desmaiada.

Tratei logo de a desembaraçar da cortina que a cobria, porque a Sra. Salmon (pois era ela) ia cair se eu não a houvesse sustentado. Sem perda de tempo, instalei-a imediatamente em uma cadeira, onde as senhoras presentes ajudaram-na a voltar a si e, sem desperdiçar um minuto, e enquanto um dos meus ajudantes acendia o gás, apalpei a gaiola e particularmente a sua porta, onde nada observei que me chamasse a atenção.

Logo que todas as lâmpadas foram acesas, examinamos as cortinas do gabinete e as encontramos no mesmo estado em que se achavam no princípio da experiência.

As cortinas foram então levantadas, a porta da gaiola e todas as malhas da grade rigorosamente examinadas, em suas diferentes paredes: tudo estava absolutamente intacto.

Da mesma forma, os selos colados na fechadura do cadeado estavam todos tais quais haviam sido fixados, depois de ter sido a médium fechada na gaiola. Tirei a chave do bolso direito de meu colete, no qual a havia guardado, e abri-la: as dobradiças da porta funcionaram livremente e assegurei-me de que não haviam sido deslocadas. De resto, durante a sessão, eu havia ficado a menos de um metro de distância da porta da gaiola, cujos menores movimentos teria percebido, pois escutava atentamente os sons que pudessem sair dela. Nenhum ruído, nenhum movimento suspeito tinha sequer chamado a minha atenção e em especial quando a médium havia sido transportada através da porta da gaiola, de modo que tanto eu como todos os assistentes, conforme igualmente declararam, não ouvimos o menor barulho.

Tal é o notável fenômeno de que fui testemunha em duas experiências diferentes, feitas em meu laboratório, com apenas alguns dias de intervalo, assim como em uma terceira vez, num local fora de minha residência.

A Sra. Salmon já não se presta à experiência da gaiola, desde que uma hemoptise parece ter sido a consequência que daí lhe adveio.

Seus “guias” ou “protetores” lhe teriam mesmo proibido o emprego da gaiola metálica como meio de *test seance* (sessão de experiência) e não lhe permitem agora senão o uso do citado gabinete de madeira.

Experiências com o gabinete de madeira

Numerosas foram as experiências feitas com a utilização do gabinete de madeira, mas nem todas elas foram coroadas de igual êxito, pois durante um mês seguido deram resultados quase nulos. Narrando uma das melhores sessões que temos tido, creio poder dar uma idéia suficiente do gênero de fenômenos obtidos com a médium.

Em todos os casos, sem exceção, as precauções tomadas foram as mesmas de sempre e, em suma, a descrição feita para uma experiência pode ser aplicada a todas as outras. Todavia, antes de fazer o relato da sessão-padrão, na qual a médium se achava atada no próprio gabinete, mencionarei este fato que, em muitos casos, a médium ficava com duas outras pessoas, não no interior, mas fora e na porta do gabinete.

A médium colocava as mãos sobre o braço esquerdo da pessoa que ficava no meio e, sobre essas três pessoas assim dispostas, fazendo face aos assistentes, colocava-se uma cortina de cor escura, de maneira a não deixar ver senão a cabeça.

A luz era regulada como nas outras sessões. Nessas condições, todos nós víamos mãos de diferentes tamanhos saírem do gabinete e acariciarem as cabeças ou os ombros das pessoas colocadas à direita da médium. Como alternadamente e por sua vez cada uma ia ocupar essa posição junto da médium, me tocou a vez, fui, colocando-me no meio, ficando a médium à minha esquerda e uma pessoa à minha direita. A médium colocou a mão esquerda sobre o meu antebraço esquerdo e a mão direita sobre o meu braço esquerdo.

Decorrido um minuto, senti-me tocado no ombro direito por uma grande mão de homem e, logo em seguida, uma pequena, *fria*, de criança, me deu palmadas no lado direito do pescoço, e essas duas mãos foram ambas vistas pela pessoa colocada à minha direita. Sem perder um momento, pedi à médium para me tocar no pescoço com as mãos, as quais logo retirou de meu braço, tocando-me o pescoço, quando verifiquei que tinha as mãos quentes.

Por cima de minha cabeça apareceu um rosto que foi visto pelas pessoas sentadas à minha frente.

Vários objetos foram retirados do interior do gabinete e passados por entre as nossas cabeças. Ouvimos ressoar, fortemente e repetidas vezes, as cordas de uma viola pousada sobre uma mesa no gabinete e a mais de um metro atrás da médium; depois esse instrumento foi passado por entre as duas pessoas que se achavam sentadas no lado direito da médium.

Como nesse momento eu estivesse sentado defronte do gabinete, tomei a viola e senti uma certa resistência quando a puxei para fora. Teria sido impossível à médium tomar o instrumento na posição em que se apresentou; além disso a médium tinha as mãos pousadas sobre o braço da pessoa colocada à sua direita, havendo uma mínima distância, equivalente à espessura de uma seda fina (pois era tempo de verão), entre a pele e as mãos da médium, cujo contato declarou sentir perfeitamente.

Muitas linhas foram traçadas a lápis em uma folha de papel branco colocado junto da viola, no interior do gabinete, em um ponto que a médium não podia atingir do lugar em que se achava.

Mas eis-me chegado à observação de uma sessão-padrão com o emprego do gabinete. As notas a respeito desta observação foram tomadas durante a sessão pelo Dr. L., auxiliar de laboratório do Instituto, que as foi escrevendo à medida que os fenômenos se produziam e, como por necessidade, tais notas eram lacônicas e por vezes incompletas. No dia seguinte de manhã foram completadas pelas que foram redigidas logo depois da experiência, também por um assistente, artista distinto, antigo aluno da Escola de Belas Artes de Paris, como o autor.

Ao mesmo tempo em que o referido assistente e artista trouxe as suas notas, apresentou também alguns desenhos extemporâneos de certas aparições que se haviam manifestado, e como esses esboços dão boa idéia do que presenciemos nessa sessão, tratei de os fazer reproduzir pela fotografia, que foi anexada à memória original. Aqui fica esta observação.

Sessão de 10-12-1898, às 8:30 da noite

Presentes:

- Sra. C., vigia do Instituto;
- Sra. D., respeitável senhora, antiga conhecida minha;
- Sra. B., filha da anterior;
- Sr. B., marido da Sra. B.;
- Sr. T.S., artista;
- Dr. L., ajudante do Instituto;
- Dr. P.G., o autor;
- A médium, Sra. Salmon.

Todas essas pessoas são de minhas relações há muitos anos. A médium, ainda que no começo de um ataque de gripe, estava bem disposta, o que nem sempre lhe sucede. À tarde, tinha ido, com uma pessoa de minha família, ouvir o *Barbeiro de Sevilha* na Ópera Metropolitana, e antes do início da sessão pediu ao Sr. T.S. para cantar alguma coisa, pois este tem uma bela voz de tenor. Sem fazer-se rogar, o Sr. T.S. sentou-se ao piano e cantou *Pensées d'Automne*, de Massenet. Em seguida experimentou um fonógrafo com o qual me propus registrar as vozes, se se produzissem nas sessões, o que foi impossível. Depois coloquei nele um disco que tinha gravado uma canção popular e a coisa saiu tão atrapalhada que todos se riram.

Estávamos, por conseguinte, em alegre disposição de espírito e de modo algum inclinados à atenção expectante e muito menos a alucinações.

A médium se retirou para um canto do salão, onde a Sra. C. a examinou minuciosamente, assegurando-nos que não levava sob a roupa exterior nenhum vestido branco. O vestido que a médium usava era completamente preto.¹⁵

Atou-se então a médium, servindo-se, para o caso, de uma forte fita de seda de 1,50 m de comprimento por 0,08 m de largura, que me pertencia. A dita fita foi passada em torno de seu pescoço na presença de todos e em plena luz, dando-lhe um nó de cirurgião, ainda consolidado por um terceiro nó e tudo bastan-

te apertado, de modo a tornar difícil a passagem do indicador entre o pescoço e o laço.

O Dr. L. e o Sr. T.S. me auxiliaram a instalar a médium, que sentamos numa cadeira perto do gabinete, contra a parte exterior deste e com o rosto virado para a porta. Em seguida eu mesmo passei ambas as pontas da fita por um dos buracos situados na parede anterior do gabinete, a 49 centímetros da porta.¹⁶ Puxamos as pontas do laço até conseguir que a face esquerda da médium se apoiasse na parede e o Dr. L. atou as ditas pontas na parte externa do gabinete contra o tabique por meio de um nó duplo muito apertado, terminando a atadura com outro nó feito na extremidade das duas pontas pendentes da fita.

O Sr. T.S., o Dr. L. e eu examinamos as pontas da fita com grande atenção e ficamos convencidos de que a médium não podia abandonar, de forma alguma, a posição em que a deixamos garroteada (este é o termo apropriado). As demais pessoas presentes examinaram, do mesmo modo, a ligadura e se declararam de acordo com a nossa forma de proceder. Arriou-se a cortina da entrada do gabinete, dispôs-se a luz e cada pessoa tomou o seu respectivo lugar, colocando-se em semicírculo à distância de 1,50 m do gabinete. Eram 9 horas e 8 segundos da noite.

Decorridos 24 segundos depois que ocupamos os nossos lugares (tempo marcado pelo meu colega) e sem que fosse preciso tocar música ou cantar, vimos alguns clarões que transpareceram pela abertura das cortinas, enquanto que no alto do gabinete, lado esquerdo, e *a mais de 2 metros deste*, vimos um grande antebraço e uma mão esquerda nus, brancos como a neve e perfeitamente distinguíveis. O Dr. La., que dirigiu a confecção do gabinete, chamou a nossa atenção para a circunstância de que neste sítio o pano é contínuo, porque se estende desde a parede da sala para diante do gabinete e se ajusta no ângulo formado por este, continuando unido até a entrada que fica na parede anterior.

Esse braço e essa mão se moveram no sentido de cima para baixo sobre uma altura de cerca de 30 centímetros e, passado um lapso de tempo de 20 a 25 segundos, desapareceram no mesmo ponto, isto é, sem se retirarem do gabinete.

No mesmo instante um objeto branco apareceu entre a cortina da entrada.

Passados 3 segundos, qualquer coisa também branca se agitou na parte inferior da abertura. Isso durou 20 segundos. Terminada essa manifestação, decorreram 43 segundos sem nada se produzir. Ao fim desse tempo, viu-se uma forma de mão e antebraço branco e diáfano deslizar ao longo da cobertura das cortinas e em seguida desaparecer. Decorridos 3 segundos, outra mão da mesma aparência deslizou ainda da mesma forma. Ouvimos então a voz de “Maudy” no interior do gabinete e, depois das saudações de costume, dizer-nos que *eles* estão magnetizando os estofos e o gabinete a fim de facilitar as manifestações.

Um diálogo de muitos minutos se estabeleceu entre “Maudy” e o meu colega; depois, durante 25 segundos, completo silêncio.

Um ruído, como que produzido por uma pancada seca, violenta, ou uma pedra lançada sobre o tapete do gabinete, se fez ouvir. Durante 25 segundos nada se produziu. Então apareceu uma forma branca, indefinida, na abertura das cortinas, afastando-as e, em breve, as tornou a fechar.

Três segundos depois, uma mão diáfana se mostrou no mesmo lugar e desapareceu. Houve, em seguida, 25 segundos de espera, depois dos quais uma forma humana, vestida de branco, entreabriu as cortinas e se mostrou durante 3 segundos.

Decorreram 51 segundos; depois se mostraram um braço e logo a parte superior de um busto e uma face parecendo incompleta e quase imediatamente desaparecendo. Segundo disse “Maudy”, fizeram-se tentativas infrutíferas para materializar uma forma que se mostraria fora do gabinete, mas, depois de uma espera de 15 minutos, nada se produziu. Novamente ouvimos a voz de “Maudy” do interior do gabinete, dirigindo-se à Sra. D., que estava quase no centro do semicírculo formado pelas 7 pessoas presentes. “Maudy” pediu-lhe para trocar de lugar com o genro, que se achava na extremidade direita e mais perto do gabinete, dizendo assim: “Isto facilitará os fenômenos, pois sois médium e a vossa força nos ajudará”.

Fez-se a mudança, conforme foi pedido. Transcorreram 5 minutos; depois disso a tampa corrediça da lanterna foi abaixada por meio da corda que parte do gabinete (fora do alcance da mão da médium, pois há mais de 1,50 m de distância entre os buracos do tabique e a extremidade da corda).

Diminuiu-se a luz e, acostumados os nossos olhos ao crepúsculo artificial, pudemos distinguir, sem dificuldades, os objetos que nos rodeavam. Depois que se graduou a lanterna até um ponto suficiente, esperamos durante 22 segundos e, em seguida, apareceu um objeto branco na parte inferior da cortina. Esse objeto, a princípio, apresentava o tamanho de um ovo, mas logo foi se desenvolvendo com rapidez, em sentido vertical. Parecia barras de um vestido.

Nesse momento as cortinas foram afastadas de um modo bastante brusco e uma forma feminina, inteiramente vestida, saiu do gabinete e avançou vivamente, em direção das senhoras D. e B., que exclamaram ao mesmo tempo: “Blanche! Blanche!”. A aparição lançou-se nos braços da Sra. D. (V.F.), dizendo em correto francês: “Minha tia! Minha tia! Sou muito feliz em vê-la” e, dirigindo-se à Sra. B, acrescentou: “E a você também, Vitória!”

Essas senhoras, muito comovidas, responderam à aparição com palavras afetuosas, abraçaram-se e foram por ela abraçadas com ternura, assim como pelo Sr. P. (seu primo por afinidade). Com autorização de “Blanche”, o Sr. T.S. aproximou-se e tomou-lhe a mão, parecendo que se achava um pouco comovido. Disse que lhe produziu a impressão de uma mão de pessoa viva e que a temperatura da carne era normal.

A aparição permaneceu visível uns 2 minutos e ficou defronte e a mais de um metro do gabinete. Examinei-a de perto, sem tocá-la: sua estatura era de pelo menos 10 centímetros mais alta do que a da médium e bem mais delgada. A voz do espírito era fraca e um pouco sibilante, nada se parecendo com a da médium, que, ademais, não sabia duas palavras do francês. Levava a cabeça coberta por um véu de comungante, ainda que deixasse o rosto a descoberto, podendo-se apreciar que este era cheio e moço e aparentava ter uns 20 a 25 anos, sem apresentar nenhuma

semelhança com o da médium, cuja idade é de 50 anos. Colocou a mão direita sobre o meu coração, parecendo estar muito emocionada. Finalmente dirigiu-se para a porta do gabinete e, entreabrindo as suas cortinas, desapareceu de nossas vistas.¹⁷ No mesmo instante, apalpei o laço de seda que saía do exterior do gabinete, assegurando-me de que não havia sofrido modificação alguma.

Apenas desapareceu essa entidade, as cortinas se entreabriram de novo e surgiu uma forma que teria a altura de um metro e estava vestida com uma roupa de cor clara ainda que não branca e nos dirigiu a palavra. Reconhecemos a voz de “Maudy” (as palavras que pronunciou não foram anotadas). Permaneceu alguns breves instantes na atitude em que se fez visível e, adiantando-se rapidamente em direção à Sra. D., como se quisesse abraçá-la, retrocedeu de igual modo para o gabinete, sem aceder ao convite que lhe dirigi para que me desse a mão. Apenas me respondeu gracejando “que só queria saber de gente moça”, ao que respondi: “Não é muito lisonjeiro o que me dizes” e, com estas minhas palavras, pusemo-nos todos a rir.

Todos nós notamos que era sem dúvida a mesma voz que conhecemos quando nos falou de dentro do gabinete, a voz de “Maudy”, que tanto como a maneira de se exprimir, é completamente característica.¹⁸

Alguns segundos após o seu desaparecimento entre as cortinas, abriram-se estas de novo e deixaram passar uma forma grande de mulher, bem maior do que “Blanche”. Trazia um vestido esbranquiçado e uma saia de cor escura. Olhou-nos de frente e disse chamar-se “Musiquita”. Trata-se do espírito que, nas sessões da Sra. S., tocava guitarra. Como nessa noite não tivéssemos tal instrumento, “Musiquita” pareceu algo contrariada e desapareceu.

Depois de largo intervalo, cujo tempo não se anotou, entreabriram-se de novo as cortinas e reapareceu “Maudy” rindo como uma criança travessa. Retirou-se para dar lugar a uma forma um pouco mais alta, que saiu do gabinete cantando suavemente, com voz de soprano, uma melodia plangente. Não havíamos ouvido essa voz em nenhuma outra sessão. Apresentou-se vestida de

branco e um pouco apagada, permanecendo em nossa presença breves segundos e desaparecendo por baixo das cortinas, sem fazer nelas nenhum movimento.

Durante 109 segundos não houve nenhuma manifestação e, ao fim desse tempo, saiu uma forma do gabinete. Era maior do que quantas se haviam mostrado e muito mais alta que a médium. Achava-se vestida com uma roupa escura e disse chamar-se “Eva”. Falou-nos com uma voz lenta, soturna, ininteligível, talvez em uma língua desconhecida. Tinha o rosto pálido, redondo, olhos grandes e esquivos e dirigidos para cima. Sua expressão traduzia espantosa tristeza e sofrimento. Manteve-se ereta e firme. Depois de permanecer alguns segundos entre nós, desapareceu pela abertura das cortinas, deixando-nos aliviados de um grande peso.

Tão pronto esse espírito desapareceu, “Maudy” mostrou o seu rosto e nos disse: “Ellan” acha-se no México, pois há uma pessoa cara a nós, que está enferma,¹⁹ mas, se prometeu vir ainda esta noite, não o deixará de fazer.” Ditas que foram estas palavras, cerraram-se as cortinas.

Transcorridos 35 segundos, separaram-se de novo as cortinas e vimos avançar uma forma de homem, de estatura superior à comum, que, postando-se a cerca de um metro do gabinete, nos disse em inglês e em voz baixa: “Boas noites, amigos; estou encantado em vê-los”. Era “Ellan”, a quem logo reconhecemos.

Tal como nas experiências anteriores, vestia roupa preta, com plastão branco adornado de dois botões da mesma cor. Seus cabelos, sobrancelhas e barba (pouco abundante esta) eram de tom castanho escuro.²⁰

Retribuímos-lhe a saudação e eu lhe pedi licença para levantar-me e apertar-lhe a mão, ao que acedeu. Levantei-me e estendi-lhe a mão e o espírito a colheu e, uma vez que as nossas mãos estavam entrelaçadas, dei-lhe um bom aperto de mão que me correspondeu vigorosamente.

Estando junto do espírito, pude observar que era mais alto do que eu e que as suas feições não se pareciam em nada com as da médium. Seus ombros e o peito eram os de um homem robusto,

embora delgado. Procurei observar a cor dos seus olhos, porém não o consegui. Isto aconteceu porque eu o olhava de frente e a luz procedente da lanterna vinha da direita.

Verifiquei, com toda a exatidão, que a sua mão era larga, firme, dura e moderadamente quente, ou seja, em tudo contrário do que apresentava a mão da médium. Esta observação fez notar aos assistentes, convidando o Sr. T. para levantar-se e comprová-lo. Pedimos licença a “Ellan”, que nos deu uma resposta evasiva sem que eu lhe pudesse perceber as palavras, pronunciadas no meu ouvido no momento em que me dirigia ao Sr. T.S., que se levantara para apertar a mão da aparição. De repente, a mão do espírito, que eu tinha cerrado na minha, escorregou (não ousou dizer que fundiu-se) dela e a forma de “Ellan”, em parte desagregada, partiu em direção ao gabinete e, afastando-lhe as cortinas, desapareceu no seu interior.

Depois de 37 segundos, ouviu-se a voz de “Ellan” de dentro do gabinete a dar instruções para uma melhor disposição do recinto em que se achava a médium, realmente confinada.²¹ Período de silêncio. Depois de 52 segundos apareceu entre as cortinas uma forma de mulher vestida de branco, a qual abriu e fechou as cortinas, ficou imóvel durante 10 segundos e reapareceu por um instante para desaparecer definitivamente.

Passaram-se 6 segundos e um ponto branco apareceu no chão, junto ao gabinete. Em 2 ou 3 segundos cresceu até atingir o tamanho de um ovo, movendo-se em várias direções à semelhança de uma casca de ovo que, nas salas de tiro, dança no topo de um jato de água. Rapidamente alongou-se essa coisa até converter-se numa coluna de 1 metro de altura por 10 centímetros de diâmetro, chegando logo a 1,50 m com dois prolongamentos transversais no vértice, que lhe davam um aspecto de “T”. Tinha a aparência de neve ou assemelhava-se a uma nuvem espessa de vapor d’água. Ambos os braços do “T” se agitaram e uma espécie de véu saiu da substância, alargou-se a coisa e apareceu vagamente, primeiro com muita limpidez e depois a forma branca de uma mulher envolta em um véu. Dois braços igualmente brancos saíram de cima do véu e o afastaram para trás até que os fizeram desaparecer. Tão logo isso ocorreu, vimos uma

encantadora moça de feições finas, delicada, de porte esbelto, com 1,60 m de altura aproximadamente, que com uma voz apenas perceptível nos deu o nome de “Lúcia”. Manteve-se um momento em nossa presença como para permitir que a observássemos e efetivamente a olhamos bem, podendo apreciar que o vestido era inteiramente branco, as mangas curtas e largas não chegavam ao cotovelo e os braços nus e delicados. Os cabelos eram pretos e penteados em espessos bandós salientes que partiam dos dois lados da cabeça (a médium tem os cabelos louros, muito curtos e anelados).

A forma adiantou-se até a extremidade esquerda do círculo dos assistentes e, dirigindo-se para a Sra. D., apoiou-se nela. Esse espírito tomou-lhe as mãos, voltou as palmas para cima e soprou-as. No mesmo instante e como se do sopro se houvesse originado uma influência mágica, partiu das mãos da Sra. D. um pedaço de renda ou tule,²² que se elevou por cima de nossas cabeças enquanto ouvíamos o sopro, forte, regular e contínuo que parecia proceder de uma máquina ou de um fole de forja. Esse sopro durou, sem interrupção, pelo menos 30 segundos.²³ A Sra. D. nos disse que sentia o sopro nas mãos e no rosto.

A forma tomou esse véu nas mãos, levantou-o por cima da cabeça (posição que parece própria para condensá-lo) e, depois de desdobrá-lo, nos cobriu com essa nuvem ondulante de tecido leve. No mesmo instante, levantei-me, colocando-me defronte da parte do gabinete, enquanto o Dr. L. e o Sr. T.S., levantando-se ao mesmo tempo, se dirigiram para a aparição²⁴ e esta, puxando bruscamente para si a gaze estendida sobre os joelhos dos assistentes, desmoronou, aos nossos pés, como um castelo de cartas, coincidindo com um movimento de avanço que eu fiz para tocá-la com as mãos, e desapareceu progressivamente em 2 segundos, à distância de 50 centímetros das cortinas, junto das quais eu estava de pé. De fato eu me achava diante da porta do gabinete e a forma materializada não poderia lá entrar sem encontrar-me no caminho.

Quando o último ponto branco, vestígio da forma materializada, desapareceu no tapete que cobria o pavimento, inclinei-me para colocar a mão em cima, porém não encontrei dele nenhum

traço. Dirigi-me para o gabinete e examinei imediatamente o laço que prendia a médium, encontrando-o no mesmo estado em que o deixamos ao principiar a sessão. Nesse momento, a luz da lâmpada extinguiu-se, motivo pelo qual fiz acender o gás. A voz de “Maudy” nos convidou a desatar a médium e, em menos tempo que o preciso para contá-lo, entrei no gabinete e encontrei a médium em seu lugar, imóvel, com a saliva lhe correndo da boca e cobrindo o queixo. Parecia despertar de uma espécie de transe. Tomei-lhe as mãos e convidei o Dr. L. e o Sr. T.S., bem como os demais assistentes, para que entrassem e examinassem o laço e os nós. Examinamos o conjunto com muito cuidado, encontrando a fita de seda úmida pela transpiração, ainda que intacto e no mesmo estado em que o deixáramos.

O Dr. L. teve particular cuidado no exame da posição da médium. Enquanto estava com a cabeça junto da médium, a voz de “Maudy”, partindo do fundo do gabinete, o interpelou, fazendo uma observação chistosa. Desatamos a médium, começando pelos nós externos, encarregando dessa operação o Dr. L., que foi quem os fez. Ele experimentou muita dificuldade em desfazê-los, gastando muitos minutos. O Sr. T.S. segurou as duas pontas da fita enquanto eu as puxava para o interior, a fim de as impedir de torcer-se, ajudando, demais, a médium a sair do gabinete.

A médium apresentava um aspecto extenuado, com o rosto pálido, decomposto e coberto de suor, as pálpebras inchadas e o olhar vago. Posta na direção da luz, todos os assistentes viram o laço estreitamente atado em torno do seu pescoço pelos três nós que se fizeram no início da experiência. A fita foi por mim desatada e examinada com todo o cuidado, achando-a eu intacta.

Eram 10:48 da noite. O tempo que não se anotou foi gasto na produção dos fenômenos de materialização e nos diálogos sustentados entre os experimentadores.

As observações dessa sessão foram lidas no dia seguinte, na presença das pessoas que a haviam assistido. O seguinte atestado foi escrito e firmado à margem da última página:

“Declaramos que lemos as notas juntos e certificamos a sua exatidão.

New York, 12 de dezembro de 1898.

(Assinados): *Carolina D., Victoria B., C.N.C., Thomas S., Charles B., Dr. A.A., Dr. P.G., Salmon, a médium.*

Notas e observações gerais

a) Observações sobre as vozes

Embora características, essas vozes tinham, às vezes, entonações que faziam lembrar a da médium e outras vezes diferiam completamente dela. Nas experiências que fiz com o gabinete, em muitas ocasiões, entrei no lugar em que se achava a médium, defronte da qual ficava sempre sentado ou de pé, na obscuridade, e assim pude fazer as seguintes observações: tendo as mãos colocadas sobre o ombro da Sra. Salmon, a voz parecia partir de um lado, do chão ou do fundo do gabinete, ou, ao contrário, dos ombros, do peito, do pescoço e mesmo da boca da médium.

As vozes de “Maudy” e de “Ellan” eram naturais: pronunciavam as vogais, as consoantes e, em particular, as labiais, de maneira irrepreensível. A explicação que me deram foi a de que, segundo o “volume de forças” que os invisíveis que se manifestam podem extrair da médium, eles o fazem a uma maior ou menor distância desta última, empregando, habitualmente, para emitir as vozes, os elementos de sua laringe e de sua boca (daí, sem dúvida, os tons que caracterizam a voz da Sra. Salmon).

Da mesma forma, os invisíveis empregam os elementos dos outros órgãos para as materializações correspondentes e daí provém a necessidade de algumas vezes falarem pela própria boca da médium, cujos órgãos adaptam à sua própria voz. Diversas pessoas amigas que, com assiduidade, assistiram às sessões dadas pela Sra. Salmon me afirmam ter ouvido as vozes de “Maudy” e de “Ellan” mesmo quando a médium tinha a boca tapada com esparadrapo adesivo e as mãos ligadas atrás das costas. Por duas vezes tentei a mesma experiência, mas não obtive êxito. As mesmas pessoas me asseguram também que ouviram duas ou mais vozes ao mesmo tempo. Quanto a mim, nunca ouvi senão uma voz de cada vez. O que tenho, porém, como coisa certa é que ouvi essas vozes isoladamente, fora do gabinete em que a médium estava encerrada e fora da gaiola onde ela se achava fechada à chave e que as vozes procediam de

vultos cujos lábios deixaram escapar os sons das palavras pronunciadas.

Os diversos ensaios que fiz em meu laboratório para registrar as vozes em um disco de fonógrafo foram, até ao presente, infrutíferos, todavia algumas pessoas me disseram que deram resultado com outros pesquisadores mais felizes.

b) Observações sobre “Maudy” ou “Maudie” (diminutivo de Maud)

Essa entidade só fala o inglês. Conta ela que há cerca de 45 anos, ainda criança de berço, fora massacrada, juntamente com toda a sua família, pelos índios, na região que então se chamava *Far west*. Há 10 anos, perguntei-lhe como é que a sua aparência não denotava mais idade, visto que falecera já há tanto tempo. A resposta foi que, em primeiro lugar, a morte não existia e que havia apenas uma mudança de condição e, em segundo lugar, que no mundo dos espíritos a evolução não é tão rápida como neste mundo.

Como desde então essa forma não mudou de modo apreciável de estatura, de maneiras, de linguagem (sendo este último fato um pouco mais sério), novamente lhe formulei, há alguns meses, a pergunta já feita. Desta vez deu-nos uma resposta diferente, cujo valor, bem como o da primeira, não discutirei, a saber: que, tendo adotado a aparência sob a qual se mostra e fala há 25 anos, é conhecida sob essa forma pelos seus amigos espíritos. Além disso, acrescentou que lhe é mais fácil continuar a manifestar-se sob a forma que já é familiar do que materializar-se com a aparência de mais idade, porque isto modificaria condições e exigiria mais força.

Sua voz é bem a de uma criança de 6 a 8 anos, com as imperfeições de pronúncia e de construção de frases que se notam nas crianças dessa idade. Nas ocasiões em que fala muitos minutos seguidos, a sua voz apresenta, de tempos em tempos, entonações que fazem lembrar as da médium. Naturalmente, a primeira idéia que nos ocorre é que a Sra. Salmon é ventríloqua, mas quando se ouve a mesma voz sair da boca de uma forma materializada de

menina de 1 metro apenas de altura e que essa forma se introduz no círculo dos assistentes, deixando segurar as suas mãozinhas, enquanto a médium continua atada no gabinete ou presa na gaiola com cadeado, vemo-nos obrigados a procurar uma explicação diferente.

Neste trabalho não desejo afastar-me do objetivo a que me limitei, todavia devo acrescentar que vi “Maudy” grande número de vezes (umas vinte), sempre semelhantes a si mesma: rosto redondo, cheio e bonito, grandes olhos azuis e cabelos louros anelados. Quando sai do gabinete apresenta-se geralmente vestida como uma criança que vem dar as boas noites aos amigos da família antes de ir deitar-se: penteado um pouco flutuante e pés descalços. Estou, pois, familiarizado com ela e logo a reconheci em um retrato psíquico a carvão e em uma fotografia do mesmo gênero, obtida em duas circunstâncias diversas por outros investigadores, fora de meu laboratório.

Até aqui quanto ao físico. Relativamente ao moral, “Maudy” é viva nas respostas, muitas vezes tem espírito e ri dos seus próprios ditos, que não raramente são mordazes (seu riso é muito diferente do da médium). Durante muitas conversas que tive com a Sra. Salmon, nunca a encontrei à altura de “Maudy”, tanto do ponto de vista de vivacidade de pensamento como de acuidade intelectual.

No decorrer das sessões, “Maudy” canta sozinha umas vezes e outras acompanhada pelos assistentes. Seu diapásão é tão agudo como se pode imaginar nessa criança de 6 a 8 anos. Um assistente, que cursara o Conservatório de Música de Paris, escreveu nas notas redigidas depois das sessões às quais estava presente que, se a Sra. Salmon era ventríloqua, seria a mais notável do mundo e que, ademais, a ventriloquia poderia apenas explicar as vozes que eram ouvidas no gabinete e não as outras fora dele.

c) Observações a respeito de “Ellan”

“Ellan”, segundo dizia, era primo da médium e falecera há 30 anos. Da mesma maneira que “Maudy”, apenas fala o inglês, um inglês bastante correto e mais correto do que o da médium.

Sua voz, a que se pode aplicar as observações da nota “a”, é uma voz de “baixo”. O tom da linguagem que ele emprega é sempre sério, um pouco melancólico, benevolente e digno, e as idéias que exprime superiores às do nível intelectual da médium. A uma pergunta que se lhe fez, respondeu que, se a sua médium morresse ou deixasse de ser médium, a missão dele, “Ellan”, bem como a de “Maudy” teriam terminado e que não se ocuparia de manifestações como as em que toma parte, mas sim se dedicaria a outras ocupações de ordem mais elevada.

Tive com “Ellan” numerosas conversas às quais apenas a médium assistia, mas não me foi possível observá-lo mais do que 3 vezes, nas quais apertei-lhe a mão.

Em cada uma das vezes, notei diferenças de rosto e mesmo de estatura, o que atribuo às variações das forças fornecidas pela médium. Nas duas experiências realizadas em meu laboratório, as diferenças (com muitos anos de intervalo) não eram sensíveis, como deduzo de minhas notas e de minha memória, mas em uma sessão fora de minha casa “Ellan” e a médium se pareciam, sendo seus olhos azuis, a estatura menor e a mão menos grossa. Se não o tivesse observado em outras ocasiões em que, pessoalmente, havia encarcerado e fechado a médium à chave, certamente ter-me-ia inclinado à fraude e à idéia de que “Ellan” era a própria médium disfarçada ou auxiliada por um comparsa.

Recordo-me muito bem de que numa das experiências que fiz em meu laboratório, estando a médium na gaiola (sem ter ninguém em sua companhia), vi “Ellan” de muito perto, tendo o meu rosto à distância de 25 a 30 centímetros do seu e que a cor dos seus olhos era diferente da cor dos olhos da médium. Terei necessidade de acrescentar que a minha vista é das melhores?

No conjunto, “Ellan” dá a impressão de um operário que nas horas vagas se converte em pregador.

Poder-se-ia perguntar-me por que é que eu não tratei de ver a médium ao mesmo tempo que “Ellan” ou qualquer outra materialização e eu responderia que certa vez o tentei, mas, desde que introduzi a mão no gabinete, a forma desapareceu e apenas encontrei a médium atada em seu lugar, a qual soltou um grito de espanto quando sentiu-se tocada. Além disso, as manifestações logo se interrompiam.

d) Passagem da médium através da porta da gaiola

Esse fenômeno, um dos mais curiosos que pude observar no decurso das experiências feitas com a Sra. Salmon, lembra o caso de Zöllner com o médium Slade, no qual se produziu a passagem de objetos materiais inanimados através de objetos da mesma natureza.²⁵ No nosso caso, porém, tratava-se de uma matéria inanimada atravessada por um corpo vivo.

Muitos dos meus amigos, espíritas convictos, me asseguraram que, depois da passagem da médium através da porta da gaiola, verificaram que a grade estava quente. Pela minha parte, devo declarar que toquei com muita atenção as malhas da grade e a barra de madeira, que a médium acabava de atravessar, e a sua temperatura me pareceu algo inferior à da minha mão. Dessas observações não pretendo deduzir conseqüência que refute o que os meus amigos observaram, visto que, desejando conferir valor ao testemunho dos meus sentidos, não devo tirar o deles.

Se nos atermos às experiências dos Drs. Becquerel, Curie, Rutherford, Bon e outros acerca da luz e dos raios Roentgen, vemos que as moléculas da matéria dissociada, da matéria *imaterial*, podem atravessar os obstáculos materiais.²⁶ Aqui, todavia, nos achamos afastados da força que faz passar os corpos materiais e vivos através da matéria sem deixar vestígios da sua passagem, força cuja natureza as pesquisas psíquicas tendem a conhecer. Sob a influência de que força se podem produzir semelhantes fenômenos? Sugeridos pelo conhecimento de fatos psíquicos análogos e esperando obter esclarecimentos por parte mesmo dos seus autores, interrogamos “Ellan”, que me respondeu da seguinte maneira:

– Fostes vós que fizestes com que a médium saísse da gaiola fechada?

– Fomos eu e os demais espíritos que me ajudam nas manifestações.

– De que maneira procedestes?

– Decompomos a matéria e a recompomos imediatamente.

– Foi a matéria da médium que desmaterializastes e reintegrastes ou a da porta?

– Oh, naturalmente a da porta! A matéria viva não a podemos desmaterializar, ao passo que nos foi fácil desmaterializar e reconstituir a porta da gaiola.

– Estais bem certo de que a matéria viva não pode ser desmaterializada? Conheço casos em que esse fenômeno se produziu.

– Sem dúvida, tendes razão, mas eu ignoro isto. Podeis estar certo de que temos muito a aprender e que nós, desencarnados, ficamos muito satisfeitos quando podemos receber algum ensino dos encarnados. Existe no vosso plano grande número de pessoas que se acham mais adiantadas do que alguns espíritos de nossa esfera.

(No tom dessas palavras não pude surpreender o menor indício de ironia.)

Sou de opinião que a leitura desse diálogo pode interessar aos estudiosos dos assuntos psíquicos, ainda que não dêem uma explicação satisfatória da penetração da matéria.

“Ellan” parece ignorar a geometria da quarta dimensão de que tanto se tem usado e abusado a propósito desta prodigiosa manifestação. Seja como for, o certo é que não pôde ou não quis dar-me uma informação ampla quando lhe pedi que me explicasse o mecanismo ou o processo da desmaterialização. E depois, estava ele de boa fé, quando me dizia que a matéria viva não podia ser dissociada *psiquicamente* e não me induzia conscientemente ao erro? De fato, não é possível que ignorasse que, ao revestir um corpo material, tinha necessidade de utilizar-se do que lhe emprestava a médium, para cujo fim desmaterializava parte do mesmo.

Podemos dar crédito às suas palavras quando diz que, na passagem da médium através da gaiola, não foi o corpo vivo que se desmaterializou?

Na minha opinião (baseada na sensação experimentada ao apoiar a minha mão na gaiola, através da cortina) o que se desagregou foi a grade que está em contato com o espaço que se produz no ato da desmaterialização.

e) Observações sobre “Blanche”

Esse nome foi dado a uma das formas materializadas, referidas na descrição documentada da sessão espírita de que falamos anteriormente.

“Blanche” era sobrinha, por afinidade, da Sra. Carolina D. e, por conseguinte, prima da Sra. Vitória B, ambas presentes à sessão. Morreu de parto no ano de 1878, na idade de 29 anos.

A Sra. Carolina D. e a sua filha Sra. Vitória B., assim como o marido desta, me asseguraram que, durante os últimos seis anos, têm sido visitados pelo seu espírito materializado. O que é mais interessante é que semelhante materialização se produziu com três médiuns diferentes: A Sra. Salmon e os Srs. C. e W., este último médium autêntico que nunca foi surpreendido em delíto de fraude.

Eis alguns detalhes curiosos a respeito dessas três origens de materializações. “Blanche” nasceu no sul dos Estados Unidos da América, de pais franceses; foi educada em Paris e falava correntemente o francês e o inglês. Quando “Blanche” se manifestava aos seus parentes, por intermédio dos médiuns C. e W., se expressava de preferência no inglês, ao passo que com a Sra. Salmon empregava quase sempre o francês quando se dirigia à sua tia, nascida e educada na França, e o inglês quando falava com a filha desta última, educada que foi na América.

Essas senhoras que, em diversas ocasiões, tiveram “Blanche” em seus braços, estão de acordo em afirmar que o seu talhe delgado difere inteiramente do dos três médiuns supracitados.

Observações acerca das materializações

Uma vez estabelecida a realidade das materializações de espíritos, o problema concernente a esses fenômenos está longe de achar-se resolvido no momento. Com efeito, na presença de tão inauditos fatos, o experimentador que, da negação *a priori*, passou à dúvida e desta à certeza, pergunta a si mesmo o que são essas formas humanas que nos dão a impressão de vida e logo se dissolvem diante de nossos olhos, em nossos braços, que, em alguns segundos, criam carnes e vestes que fazem desaparecer com a mesma rapidez. Então suscitam várias questões que vamos examinar separadamente e da melhor forma possível.

1º – Essas formas que aparecem a nossos olhos terão uma existência objetiva ou subjetiva?

A duração das aparições é, em geral, tão curta (posto que, em alguns casos excepcionais, se demorem com os assistentes e se entrettenham com eles durante cinco, dez, vinte minutos e mais), que estamos no direito de perguntar se não somos vítimas de uma espécie de sugestão mental, de natureza hipnótica ou qualquer outra, análoga à influência exercida no público pelos pelotiqueiros do Oriente, influência, no nosso caso, vinda do médium e do nosso próprio subliminal (auto-hetero-sugestão).

Mas, por um lado, sabe-se que os personagens e as coisas postas em cena pelos pelotiqueiros desaparecem do campo visual logo que os espectadores se aproximam ou se afastam mais ou menos, e a chapa fotográfica não os registra. As materializações, pelo contrário, podem ser não somente vistas e ouvidas mas também tocadas, fotografadas e mesmo moldadas (esperamos ainda poder apresentar um dia fotografias e moldagens sem todavia lhes pretendermos a prioridade, pois que essas provas têm sido obtidas grande número de vezes). Portanto, as materializações têm uma existência objetiva.

2º – De que substância ou substâncias são as materializações formadas?

Segundo os ensinamentos obtidos de diversas fontes, pode-se dizer que essa substância vem do médium.²⁷ Conhecem-se casos em

que o peso dele diminuía em proporções consideráveis durante a experiência; outros casos em que o médium desaparecia em parte, senão totalmente, enquanto as materializações se produzi-
am. É um fato que nos propomos verificar no laboratório que preparamos especialmente para essas investigações.

Quanto ao tecido das roupas, discute-se por ora a sua proveniência. Algumas inteligências têm dito que o produzem desmaterializando uma parte das vestes do médium; outras falam de transportes de coisas. Tudo é possível.

Tem-se permitido por vezes cortar um pedaço de pano que, em seguida, podemos examinar à vontade, até no microscópio, do mesmo modo que os cabelos, as unhas ou o sangue, que se tem podido, segundo se diz, extrair da carne das formas materializadas. Vê-se que imenso e novo campo se apresenta às investigações dos estudiosos da Ciência. Em observações que ainda não foram publicadas, pelo que me conste, e em que, bem entendido, foram tomadas as necessárias precauções para eliminar a fraude, fizeram-se sinais, a azul de anilina, na mão do espírito e esses sinais foram transportados para uma outra parte do corpo do médium. Também se tem notado que o odor particular ao médium era encontrado na aparição.

3º – Qual é o processo pelo qual a substância das materializações é transportada, aglomerada e dissolvida?

Não buscaremos responder a esta pergunta, sobre a qual nenhum esclarecimento recebemos.

4º – As materializações ou essas personagens, que nos falam com a sua própria voz, são o que dizem ser?

Vimos anteriormente (nota “d”) que “Ellan” não pôde ou não quis dar-me explicações sobre a desmaterialização quando lhas pedi. Pois menos reservado foi quando lhe perguntei se não era uma segunda personalidade ou uma personificação emergindo do subconsciente da médium, de onde promanariam também todas as materializações. Declarou enfaticamente que ele mesmo, assim como os outros “espíritos” que se manifestam pelo médium, seu instrumento, são entidades, personalidades distintas, espíritos desencarnados, cuja missão é demonstrar-nos a existên-

cia da outra vida. Acrescentou que é em virtude das “forças materiais” emanadas do médium que conseguem manifestar-se no nosso plano.

Sem aceitar cegamente asserções da natureza das precedentes, não será permitido determo-nos um momento para refletir a tal respeito e mesmo esperar que o fenômeno da materialização nos forneça, em um futuro próximo, a solução desse problema inquietante, que hoje defronta a Psicologia: subliminal ou espíritos, ou ambas as coisas, ou nem uma nem outra?

5º – Se não são o que dizem, que podem ser então?

Como eles sempre dizem que são inteligências, almas que animaram corpos humanos “no nosso plano”, como habitualmente fazem, não faltarão hipóteses para explicar o que eles não dizem ser.

Seria talvez prematuro abordar essa questão no momento, como ela o requer, mas contentemo-nos em encarar a única hipótese que é atualmente permitida em Psicologia: seriam essas materializações manifestações subjetivas do inconsciente do médium?

Nas escolas de Psicologia, as menos suspeitas de “psiquismo”, admite-se hoje que o inconsciente pode falar sânscrito ou mesmo marciano ou personificar perfeitamente pessoas falecidas de que nunca se ouviu falar, mas cujos caracteres percebe (sem dúvida, talvez) na subconsciência de um vivo presente ou distante (telepatia).

Em suma, segundo alguns psicólogos, não se pode saber de quanto é capaz o subliminal (como o denominou Myers). Não nos detenhamos por tão pouco e já agora digamos que bem poderia o subliminal conseguir exteriorizar, ao mesmo tempo que uma segunda ou qualquer personalidade do médium, uma quantidade de substância bastante para produzir, momentaneamente, um homúnculo ou um espírito com mais ou menos aparência de vida.²⁸

Seria uma variedade poderosa de telecinesia. Daria assim a ilusão dessa personalidade, que lhe aprouve imitar e cuja imagem física ou moral pode ter colhido no subliminal dos assisten-

tes, como em outros casos imita a voz, as maneiras, a escrita dessa personagem, sem sair do médium.

Nos casos como o de “Maudy”, poder-se-ia admitir que se trata de uma reminiscência e que “Maudy” não é senão uma representação da médium na idade de 8 anos, mas tudo isso é bem complicado.²⁹

Esperemos ainda, antes de formular uma opinião, e tenhamos paciência, na esperança de ver realizar-se o acordo entre os “espíritos” e os psicólogos. Porque é preciso também dizer: longe estamos de poder crer, sob palavra, em tudo que essas formas materializadas contam, como o que emana dos outros modos da chamada comunicação entre os mortos e os vivos, pois há casos de animismo no meio.

Quanto mais se estuda, observa, lê ou experimenta, mais lacunas ou contradições se notam, como não poderia deixar de ser, nas diversas manifestações que, na verdade, nos dão por vezes a impressão de algo assim como o inconsciente de Hartmann. Um devoto não hesitaria em reconhecer aí o “espírito da mentira”. Contudo, é preciso não perder a coragem e no meio dos produtos, que vemos sair do filão dos fatos psíquicos, é possível encontrar bastante minério precioso para que sejamos pagos pelo nosso trabalho e, ousamos dizer, amplamente pagos.

6º – Se eles são o que dizem ser, que devemos concluir?

O que acabamos de dizer no parágrafo precedente poderia dispensar-nos de examinar este ponto, que, contudo, é preciso mencionar, porque naturalmente nos ocorre ao pensamento.

Pois bem: pensamos muito simplesmente que as conseqüências desse fato terão um alcance incalculável, dado o grau de evolução a que chegaram hoje os outros ramos da Ciência, porém não insistiremos mais sobre esse ponto, de que já tratamos em um trabalho precedente.³⁰

Tais são as questões e as hipóteses que surgem diante do espírito do investigador, quando na presença dos fenômenos que acabamos de estudar.

Acrescentarei apenas uma nota com respeito às materializações. É a seguinte: nas reuniões que têm por fim produzir esse

fenômeno, as formas materializadas se mostram muito tímidas a princípio, mesmo com um bom médium. Quando os assistentes se conhecem e entre eles e o médium se estabelece uma confiança mútua, as formas mais facilmente permitem que nos aproximemos e as toquemos. Exemplo: tive numerosas conversas com “Ellan”, que me permitiu apertar-lhe a mão, mas que se dissolveu e desapareceu desde que uma outra pessoa, que apenas conhecia, se aproximou. “Maudy” tinha grande predileção por uma das senhoras que assistiam às nossas experiências e que conhecia pelo menos há 15 anos. É preciso ganhar a sua confiança.³¹ Esta nota poderá ter a sua utilidade para os que se entregam ao estudo desses fenômenos.

Conclusões

Espero que me perdoem por falar aqui de reminiscências pessoais, mas é que elas se acham ligadas aos fatos de que acabo de falar.

Em 1886, quando publiquei o resultado de minhas investigações sobre certos fatos psíquicos, sabia muito bem o que me esperava, como prova o prefácio que fiz nessa época.³² Todavia, julgava que não seriam precisos 15 anos para a verdade vir à luz. Esquecia-me de que a verdade é eterna e que 15 anos não são sequer um instante para o que dura sempre. A verdade tem tempo para esperar, mas nós, pobres mortais, “efêmeras” materializações que somos, temos por certo algum direito de estar impacientes quando sentimos a vida escapar-se de nós como a água na mão de quem busca segurá-la.

Quando, por ter proclamado um fato, porque julgávamos saber que existia, fecharam-se diante de nós as portas do caminho que nos parecia destinado e até os nossos mestres, colegas e amigos mais prezados deram ouvidos a baixas calúnias e afastaram-se de nós; quando o nosso donquichotismo nos leva ao exílio e nos faz passar estes 15 anos longe da pátria e de quanto ela encerra de caro para nós, temos por certo, repito-o, alguns direitos à impaciência.

Mas, enfim, é chegado o momento em que temos a satisfação de ver a avalanche dos fatos engrossar todos os dias. O que ontem não passava de um foco apenas imperceptível vai irrompendo vigorosamente no campo da Ciência.

Devo fazer aqui uma pausa: acabo de falar em Ciência.

Estamos autorizados a introduzir nela o estudo desses fenômenos? Em outros termos, não deveríamos evitar que a Ciência oficial se misturasse assim com a ciência oculta?

Em resposta a esta objeção que me foi feita, aproveito o ensejo que se me oferece para declarar categoricamente que eu não creio na existência de tudo quanto nela se passa. A Química e a Física foram outrora ciências ocultas. Quem fala hoje de ocultismo em Física ou em Química?

Há somente duas classes de estudiosos da Ciência: de um lado os que buscam levantar a cúpula do edifício antes de estabelecer solidamente os alicerces e pretendem interpretar a natureza antes de conhecer os elementos de suas leis; do outro lado há os que avançam prudentemente, passo a passo, depois de se terem assegurado da consistência do terreno de que escavam conscientemente o solo para descobrir a rocha sobre a qual deverão assentar os fundamentos do conhecimento. Nós queremos pertencer a estes últimos.

É bem conhecida esta asserção de um pensador: “Se Deus existe, a Ciência o descobrirá.” Não sabemos se cabe à Ciência fazer tal descoberta, mas podemos esperar que, se a consciência do homem sobrevive à morte do corpo, a Psicologia Experimental o demonstrará. Alguns cétricos de ontem, hoje crentes fervorosos, afirmam que ela já o demonstrou.

Seja como for, se esta prova deve um dia ser feita, se nós a queremos completa, brilhante, irrefutável, acumulemos as observações e as experiências, pois que, como escrevia Buffon no século passado, os livros nos quais estão elas recolhidas são os únicos verdadeiramente capazes de aumentar os nossos conhecimentos.

Paul Gibier

SEGUNDA PARTE

ERNESTO BOZZANO

**Materializações de Espíritos
em proporções minúsculas**

ERNESTO BOZZANO

Autobiografia

No interesse de seus leitores, a *International Psychic Gazette*, de Londres, pediu-me um estudo autobiográfico, no qual, acima de tudo, relate as circunstâncias que me levaram a interessar-me pelas pesquisas psíquicas. Acedo de boa vontade ao pedido, reconhecendo que a história das conversões filosóficas contém sempre ensinamentos valiosos para os que a lêem.

Digo “conversões filosóficas” muito de intento, porque a minha o foi na mais ampla expressão do termo.

Nasci em Gênova, Itália, em 1862 e a minha vida carece literalmente de episódios biográficos, pois tem sido a de um eremita.

Nunca fiz outra coisa senão estudar. Na mocidade, todos os ramos do conhecimento, atinentes às artes e ciências, exerceram igualmente irresistível fascinação sobre mim, tornando-me até difícil seguir um caminho na vida. Decidi-me, finalmente, pela Filosofia e Herbert Spencer foi o meu ídolo.

Tornei-me um positivista-materialista convicto a tal ponto que me parecia incrível existissem pessoas de cultura intelectual, dotadas normalmente de senso comum, que pudessem crer na existência ou na sobrevivência do espírito. Não somente pensava assim como até escrevia audaciosos artigos em apoio de minhas convicções. A lembrança de tal proceder me faz indulgente e tolerante para com uma classe particular de antagonistas que, de boa fé, sustentam ser capazes de refutar as rigorosas conclusões experimentais a que tem chegado o neo-espiritualismo, opondo-me às induções e deduções da Psicofisiologia, nas quais eu acreditava há 40 anos passados.

É preciso que se compreenda que, nos tempos a que me refiro, eu nada conhecia das investigações mediúnicas ou do Espiritismo, com exceção de breves artigos que eu lia nos jornais, sem lhes prestar maior atenção e nos quais se apontavam estratégias de médiuns e se comentava piedosamente a credulidade dos espíritas.

Aconteceu, porém, que no ano de 1891 o professor Th. Ribot, diretor da *Revue Philosophique*, me escreveu comunicando a próxima publicação de uma nova revista sob o título de *Annales des Sciences Psychiques*, tendo como diretor o Dr. Darieux, antecessor do professor Charles Richet. Era uma revista que se propunha principalmente a colher e investigar certos casos curiosos de transmissão de pensamentos à distância, compreendidos sob a denominação de “fenômenos telepáticos”.

A misteriosa psicologia, oculta nestas frases, me atraiu a curiosidade, do mesmo modo que o nome do prof. Richet bastava para garantir a seriedade científica do empreendimento. Respon-di ao prof. Ribot, agradecendo-lhe a atenção e incluindo-me entre os assinantes da revista.

Devo sinceramente declarar que a leitura dos seus primeiros números produziu desastrosa impressão sobre o meu irreconcili-ável *criterium* positivista. Parecia-me escandaloso que certos representantes da ciência oficial quisessem discutir seriamente a transmissão de pensamento de um continente a outro, as aparições de fantasmas telepáticos, como entidades reais, e casos atuais de assombração. O inibitivo poder das preconceções tornara a minha faculdade de raciocinar inteiramente inacessível a tais idéias novas, ou, melhor, a tais fatos novos, pois realmente se tratava de fatos demonstrados cientificamente e rigorosamente documentados, embora eu não estivesse habilitado a assimilá-los. Quando ainda era esse o meu estado mental, apareceu na *Revue Philosophique* um longo artigo do prof. Rosenbach, de São Petersburgo, Rússia, atacando com violência a “sacrílega intromissão deste novo misticismo” nos recintos da Psicologia oficial e explicando os novos casos pelas hipóteses da “alucina-ção”, das “coincidências fortuitas” e mais algumas de que não me lembro.

Tais refutações me pareceram tão deficientes e inábeis a pro-duzir efeito contrário ao que me repugnava à mente, como o autor pretendia, que me convenci de que a questão era realmente de fatos. Em conseqüência, julguei o prof. Rosenbach incapaz de combatê-las simplesmente com idéias preconcebidas.

Aconteceu assim que refutações desastradas de um dos meus correligionários, aferrado à sua crença positivista, me fizeram dar o primeiro passo para a nova Ciência da Alma, à qual viria depois a consagrar a minha vida.³³

No número seguinte da *Revue Philosophique* apareceu, felizmente, um artigo do prof. Richet, no qual as argumentações superficiais do prof. Rosenbach foram refutadas ponto por ponto. Esse artigo aumentou extraordinariamente as minhas convicções quanto à realidade dos fatos e quanto ao mistério em que a explicação deles estava envolta. Nesse mesmo ano, da lavra do Sr. Marillier, apareceu uma versão em francês do famoso livro *Phantasms of the Living* (por Myers, Gurney e Podmore) sob o título de *Hallucinations Telepathiques*, tradução que adquiri incontinenti e que serviu definitivamente para me convencer da realidade dos fenômenos telepáticos. Faço notar que esse convencimento meu em nada alterou a minha crença positivista, porque a explicação científica, então em voga, dos fenômenos, explicação segundo a qual eles derivam do pensamento a caminhar pelo infinito em ondas concêntricas, satisfazia inteiramente ao meu juízo científico.

Não obstante, eu havia dado, com segurança, sem o saber, um grande passo na estrada de Damasco, porque essa primeira concessão a respeito das manifestações supranormais me colocara irrevogavelmente num novo campo de pesquisas, que iriam conduzir-me em direção oposta à do Positivismo materialista que eu professava. De fato, não tardei a chegar a um período de crise na minha consciência científica. Foi a obra de Alexander Aksakof *Animismo e Espiritismo* a causa dessa crise, abalando profundamente os alicerces de minha crença positivista.

Seguiu-se para mim uma época de perturbação moral, pois que, embora o novo caminho se orientasse no sentido de uma fé científica mais confortadora, não é sem desalento que assistimos à demolição do sistema completo de nossas convicções filosóficas, adquiridas à custa de meditações acuradas e de perseverantes esforços intelectuais.

No aludido período, li várias obras metapsíquicas, de autores então afamados, as de Kardec, Delanne, Denis, d'Assier, Nus,

Crookes, Brofferio, do Prel, porém não custei a verificar que quem desejasse realizar trabalhos científicos úteis nesse novo campo de pesquisas teria de remontar às origens do movimento espírita. Conseqüentemente, escrevi para Londres e New York a fim de obter as principais publicações datando do começo do movimento até 1870 e, à chegada dos livros pedidos, abriu-se para mim o período realmente frutuoso das investigações sistemáticas no vasto terreno do metapsiquismo.

Catalogava cada obra que lia, anotando os respectivos assuntos por ordem alfabética adequada, com a intenção de os utilizar para a classificação comparativa e a análise dos fatos e casos. A excelência de semelhante método de investigação ficou de tal modo provada, que continuo a empregá-lo até à presente data. Guardo imorredoura lembrança desse período de fervorosas e perseverantes pesquisas, porque por meio delas me tornei capaz de assentar as minhas novas convicções espíritas sobre uma base cientificamente inabalável.

Entre as obras que mais me influenciaram para a adoção de meu novo ponto de vista, mencionarei as seguintes:

- Robert Dale Owen: *Footfalls on the Boundary of another World* e *The Debatable Land between this World and the Next*;
- Epes Sargent: *Planchette, the Despair of Science*;
- Sra. de Morgan: *From Matter to Spirit*;
- Dr. N. B. Wolfe: *Startling Facts in Modern Spiritualism*.

É verdadeiramente deplorável que tais obras, há muito impressas, não fossem reeditadas na Inglaterra e na América, desde que conservam intactos seu frescor e seu valor. Quanto à história do movimento espírita, o livro da Sra. Ema Hardinge-Britten, *Modern American Spiritualism*, me foi de grande ajuda. Pelo que concerne à história dos precursores nesse mesmo campo, colhi grande resultado da obra em dois volumes de William Howitt *History of Supernatural*.

Do ponto de vista da fenomenologia mediúnica e de efeitos físicos, as atas, redigidas pela Sra. Speer, das sessões experimentais com William Stainton Moses foram as que produziram maior

efeito persuasivo sobre as minhas convicções, em virtude da intervenção do espírito na fenomenologia, demonstradas nos comentários da *Light* de 1892 a 1893.

Fiquei assim apto a formar para mim mesmo um sólido conhecimento científico, tirado dos argumentos. Entendi, porém, que chegara o momento em que deveria confirmar os meus conhecimentos teóricos com investigações experimentais.

Entrementes, por aquela misteriosa lei que une uma pessoa a outra pela afinidade das aspirações e tendências, encontrei várias pessoas que se ocupavam a sério com pesquisas mediúnicas, entre as quais menciono o Dr. Giuseppe Venzano, Carlo Peretti e Luigi Arnaldo Vassallo, editor do *Século XIV*.

Tivemos a boa sorte de descobrir, no nosso próprio grupo, dois médiuns poderosos de efeitos físicos e mentais, com o auxílio dos quais obtivemos manifestações de todos os gêneros: fortes pancadas a distância, luzes, transportes de objetos pesados e provas de identidade dos espíritos.

Realizaram-se então as experiências com Eusápia Paladino, nas quais o prof. Enrico Morselli tomou parte e maravilhosos resultados foram conseguidos. Vimos materializações completas de espíritos, observados à luz de um bico de gás Auer, enquanto o médium jazia no gabinete, atado pelos braços, pernas e cintura a uma cama de campanha. As experiências anteriores foram por mim relatadas em meu livro *Ipotesi Spiritica e Teorie Scientifiche* e o prof. Morselli fez outro tanto em sua obra *Psicologia e Spiritismo*.

Aqui termino as minhas memórias, lembrando que o que se me pediu foi que esboçasse a narrativa dos primeiros passos por mim dados no caminho que me conduziu às convicções espíritas que atualmente possuo.

Termino fazendo notar que as minhas convicções amadureceram lentamente, no curso, não pequeno, de 40 anos de pesquisas em que perseverei, empreendidas que foram sem idéias preconcebidas de qualquer espécie, daí o me sentir no direito de manifestar abertamente a minha crença na significação e importância de tais investigações a que devotei grande parte de minha vida.

Aquele que, em vez de se perder em discussões ociosas, empreende sistemáticas e aprofundadas pesquisas dos fenômenos metapsíquicos e nelas persevera por muitos anos, acumulando imenso material de casos e aplicando-lhe os métodos das investigações científicas, há de infalivelmente ficar convencido de que os fenômenos metapsíquicos constituem admirável coletânea de provas, todas convergindo para um centro: a demonstração rigorosamente científica da existência e da sobrevivência do espírito. Esta é a minha convicção inabalável e nutro a esperança de que o tempo se encarregará de demonstrar que tenho razão.

Introdução

Relendo o relatório apresentado pela Sra. Juliette-Alexandre Bisson ao Congresso Metapsíquico de Copenhagen (1922), no qual ela resume as suas experiências com a médium Eva Carrière, fiquei surpreso com o grande enigma teórico que oferece o fenômeno de materialização de espíritos em proporções minúsculas.



Uma das materializações minúsculas obtidas com a médium Eva Carrière

Trata-se de um fenômeno obtido em plena luz diuturna e na presença de seis espectadores, isto é, em condições experimentais que excluem toda espécie de fraude, assim como a possibilidade de se explicarem os fatos em questão pela hipótese da alucinação.

Pensei que seria então útil examinar, posteriormente, esse fenômeno estranho e perturbador e, para tal fim, consultei a coleção inteira de minhas classificações de fenômenos a fim de assegurar-me se não haviam, entre os casos metapsíquicos, outros casos semelhantes. Nada descobri entre os casos já antigos, mas entre os mais recentes encontrei cinco outros episódios

análogos ao relatado pela Sra. Bisson. Além disso, na categoria das “visões clarividentes de espíritos”, encontrei certo número de aparições em formas minúsculas, entre as quais algumas verdadeiramente estranhas e interessantes, em pontos de vista diferentes.

Não me parece, entretanto, que essas manifestações apresentem analogias utilizáveis para a explicação das materializações minúsculas, apesar do detalhe característico das proporções reduzidas que lhes é comum.

Nessas condições, julguei não dever considerá-lo neste estudo, podendo, em todo caso, ocupar-me dele em separado.

Caso 1

Começo a narração dos fatos reproduzindo a interessantíssima narração da Sra. Juliette Bisson. Escreve ela:

“Há 5 meses o engenheiro Sr. Jeanson, um dos meus assistentes, mostrou-se muito interessado pelas minhas experiências às quais ele assistia regularmente. Baseando-se nos fenômenos espontâneos obtidos por Eva em plena luz do dia (fenômenos assinalados em minha obra), ele me perguntou se eu aceitaria fazer sessões, à tarde, no grande aposento em que moro.

Confesso ter hesitado um pouco por causa da médium. Sabia que a experiência era possível, mas que causaria uma reação muito viva na médium e, por repercussão, uma fadiga muito intensa nela. Consentí, porém, reservando-me o direito de suspender a sessão se a médium não pudesse suportar esse gênero de experiências...

... Na hora atual, podemos trabalhar com a luz do meu atelier; víamos aparições de dia, sem inconvenientes.

Há algumas semanas, com grande surpresa nossa, depois de ter seguido com interesse a evolução de uma porção de ectoplasma que se desenvolvia em Eva, uma deliciosa mulherzinha de 20 centímetros de altura apareceu no meio dessa substância. Essa mulherzinha deslizou de cima de Eva, avançou docilmente para nós e, continuando os seus movimentos, veio colocar-se nas mãos de Eva, fora das cortinas, depois nas mãos do Sr. Jeanson e, em seguida, nas minhas.

Passo à exposição dos fenômenos, lendo-vos a ata feita pelo Sr. Jeanson:

Sessão de 25-05-1921, às 16 horas e 36 minutos

Os assistentes são em número de seis. A Sra. Bisson adormece a médium. Esperamos três quartos de hora. No fim desse tempo, a respiração da médium se acelera, faz ouvir sons guturais e, em suas mãos, que, segundo o costume, não deixavam de ser seguras por nós, a Sra. Bisson à direita e eu

à esquerda, aparece, subitamente, um pouco de uma substância cinza e branca, cujo volume aumenta, atinge o de uma tangerina, depois ovaliza-se e alonga-se de tal modo que o seu comprimento pode ter uns 20 centímetros e seu diâmetro 6 centímetros. Nesse momento e *em plena luz diuturna, a materialização se desprende das mãos da médium e dos fiscalizadores e se mostra um pouco acima*. Cada um de nós verifica que a extremidade esquerda da materialização se transforma em cabelos muito finos e que a parte central se torna branca e muito clara. Ela se modela muito rapidamente e podemos todos reconhecer, admiravelmente modelada, a curva da cintura de uma mulher, vista de costas, como que engastada em uma ganga sem forma. A parte branca se dirige rapidamente para a direita, depois para a esquerda e a substância se transforma progressivamente em uma mulherzinha nua, de forma impecável, na qual vemos surgir, sucessivamente, a cintura, as coxas, as pernas e os pés.

Da substância primitiva só restam alguns cordões cinzentos e pretos, enrolados no baixo ventre e dos quais não vemos os pontos de ligação. A pequena aparição é admirável de delicadeza; longos cabelos louros a cobrem, enrolados na cintura; seios descobertos; a parte inferior é de uma brancura notável.

A materialização tem 20 centímetros de altura; *ela é perfeitamente iluminada pela luz que jorra através dos vidros de uma larga janela; ela é visível a todos*. No fim de dois minutos, desaparece, depois se mostra de novo. Os cabelos estão dispostos de outra maneira, pondo-lhe o rosto à mostra. Verificamos que as pernas têm movimentos próprios; uma delas se dobra, fazendo movimentar as articulações do quadril e do joelho. Ela desaparece bruscamente. Logo depois a substância branca ressurgue nas mãos da médium, aí se mostrando, muito rapidamente, um delicado rosto de mulher, parecendo iluminado por uma luz que lhe é própria. É, em tamanho, cinco vezes maior do que a materialização precedente. Admiramos-lhe o azul dos olhos e o carmim dos lábios. A aparição some. Introduzo minha mão livre pela aber-

tura do saco e sinto então um contato indefinível que se pode comparar ao roçar que produziria uma teia de aranha. Pouco depois, a médium entreabre o saco: tornamos a ver a mulherzinha nua, estendida no avental da médium.

Ela é vista em sua forma primitiva, porém 5 centímetros menor; está deitada no regaço da médium, com a cabeça voltada para a esquerda. Os braços estão desembaraçados da cabeleira. A Sra. Bisson pede à aparição para mover-se, a fim de mostrar que está viva. Logo a pequena forma se agita e, sem mudar de lugar, move-se, mostrando, sucessivamente, o lado direito e depois a face.

Ela retoma a sua posição anterior. As pernas, que estavam à direita, deslocam-se e se cruzam à esquerda; depois, apoiando-se sobre as mãos, a forma faz um movimento ascendente à força dos músculos dos braços, assim como é clássico em ginástica, colocando-se de pé para tornar a deitar-se em nova posição, desta vez com a cabeça voltada para a direita.

A médium me segura a mão livre e, levantando-a à boca, faz-me explorar-lhe a cavidade, que acho inteiramente vazia. Durante esse tempo, a formazinha continua as suas evoluções, subindo e descendo, verticalmente, pelo peito da médium, como um ludrião.

Nesse momento, a médium retira as suas mãos das nossas e, segurando este corpezinho, deposita-o nas minhas mãos, a 40 centímetros de distância do saco. A aparição fica nas minhas mãos durante 10 segundos e cada um pode verificar-lhe a perfeição das formas. Esse pequeno corpo é pesado e o tato que dele tive é seco e suave, porém não me deu a impressão nem de quente nem de frio. Depois desaparece das minhas mãos. Vimo-lo ainda um momento evoluir sobre os joelhos da médium, depois desaparece definitivamente. Deixamos a médium repousar alguns instantes, depois a revisamos e a estendemos em um divã próximo.

Essa sessão é inesquecível, quer pelo interesse dos fenômenos, quer pela admirável fiscalização.

Lida e achada absolutamente exata.

(Ass.) *Juliette Bisson, Maurice Jeanson, Anne Barbin, René Duval, Jean Lefebvre, J. de la Beaumelle*”

A Sra. Bisson comenta assim a ata dessa memorável sessão:

“Que significam essas manifestações? De onde saem elas? Que são? Muitas hipóteses foram arquitetadas, todas elas interessantes, ainda que uma só possa pretender ser a verdadeira. Se, como supõem os espíritas, são espíritos de desencarnados que nos vêm visitar, de que esfera desce essa mulher em miniatura de que acabo de falar? De onde provêm essas manifestações insólitas? Se a teoria da ideoplastia, que ensina que a idéia em ação provém sempre do médium ou dos espectadores (para fazer uso de um termo já antigo) é a verdadeira, como explicar o papel quase negativo que representam os espectadores do ponto de vista da produção do fenômeno? Como explicar igualmente – sempre dentro da hipótese ideoplástica – o transe brutal da médium em horas imprevistas? Como explicar, por exemplo, que, às 8 horas da manhã, Eva, ocupada, quer em seu toucador, quer em seu apartamento, caia bruscamente adormecida? Só tenho tempo de transportá-la para a sala das sessões, onde ela me dá uma materialização... Enfim, precisamos todos continuar com as nossas verificações e experiências, sem buscar dar um nome à força X que utilizamos durante os nossos estudos. Todavia, somos obrigados a declarar que tal força é inteligente. É impossível, atualmente, afirmar que tal ou qual hipótese corresponde à realidade dos fatos. O que é inegável é a existência de uma força X, de uma “energia inteligente” que preside certas experiências, parecendo dirigi-las.”

O momento ainda não chegou de fazer seguir as considerações da Sra. Bisson pelas nossas. Com efeito, os processos da análise comparada, aplicados a alguns episódios dos casos de que tratamos, poderão apenas permitir-nos descobrir algum fundamento indutivo legítimo para a solução do problema. Limito-me, então, a insistir no fato das condições experimentais literalmente irrepreensíveis, dentro das quais o fenômeno se

produziu. Notarei que o ideal dos metapsiquistas foi sempre o de obter fenômenos físicos em plena luz diuturna e que dessa vez chegou-se a atingir o fim desejado. Os experimentadores tiveram oportunidade de seguir a evolução de uma materialização minúscula, em todas as fases do seu desenvolvimento, desde o aparecimento de um núcleo de ectoplasma que, alongando-se e condensando-se, modelou-se como por encanto, sob os seus olhos, começando as suas transformações por uma das extremidades. Viram surgir daí uma fina cabeleira loura que chegava até a cintura da forma feminina em miniatura, a qual, depois de toda formada, se moveu, levantando, deitando-se, subindo na médium e deixando-se colocar na palma da mão dos espectadores para desaparecer em seguida, bruscamente, e depois de reaparecer, não menos repentinamente, menor ainda. Essas circunstâncias eliminam, de modo absoluto, qualquer possibilidade de fraude, sendo, pois, absurdo duvidar-se da autenticidade dos fatos.



Ampliações dos rostos de duas das materializações minúsculas obtidas nas sessões

Aquele que duvidasse delas seria convidado a explicar como poderia reproduzir, pela fraude, semelhante manifestação, em plena luz do dia, na presença de seis pessoas e com um médium seguro pelas mãos. Que se poderia pretender ainda: Suponho que ninguém pensará em pôr em dúvida o fenômeno aqui relatado, estupefaciente que ele é.

Outros episódios análogos, que seguem, demonstram que o fenômeno de que se trata não é único em seu gênero: eles contri-

buem para torná-los mais assimiláveis às nossas mentes sempre obstinadas em querer circunscrever as possibilidades da natureza.

Caso 2

Este caso é extraído das já célebres experiências do Dr. Glen Hamilton, de Winnipeg, Canadá.

Do ponto de vista que nos ocupa, difere, consideravelmente, do da Sra. Bisson, pois que os fenômenos de materialização minúscula se limitam, aqui, à formação de rostos animados e vivos, de três dimensões, que se produzem com o auxílio de uma emissão de ectoplasma aderente à face da médium, atingindo suas proporções apenas um terço do rosto desta. Difere também do caso da Sra. Bisson sob este outro aspecto: são produzidos em plena obscuridade. Vários aparelhos fotográficos, assestados para o mesmo ponto, as fixaram em chapas sensíveis.



Um conjunto de máquinas fotográficas que focalizavam um mesmo ponto para fixar as fotografias, tiradas nas sessões, em chapas sensíveis. Desnecessário se faz lembrar que máquinas fotográficas não se alucinam...

Escreve o Dr. Hamilton:

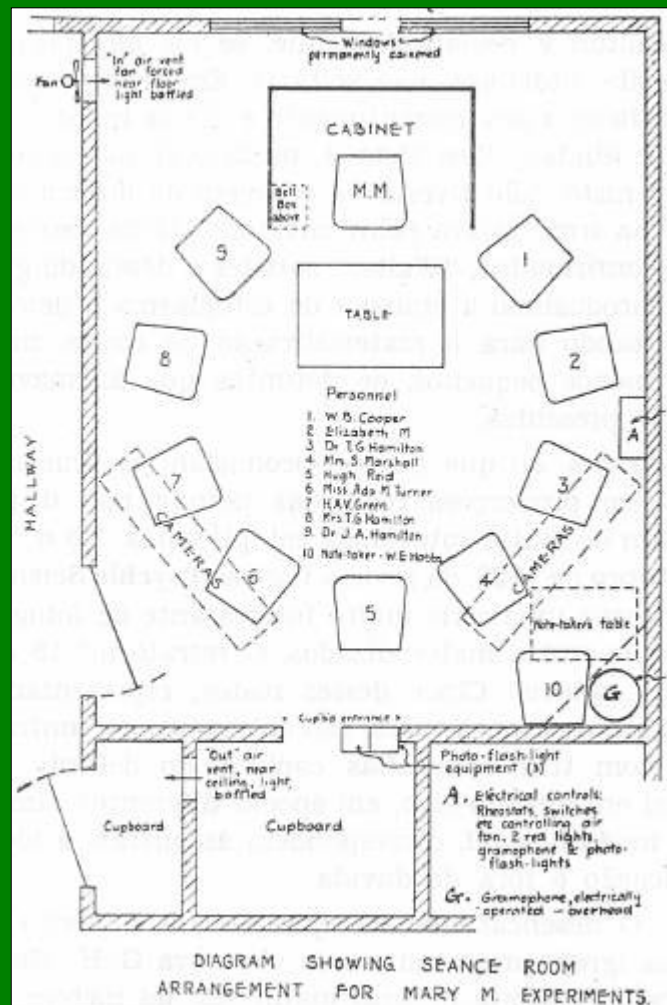
“Não fomos levados a fazer experiências por motivo de natureza sentimental nem por convicções ou considerações religiosas, mas sim impulsionados por intensa curiosidade de natureza científica. Queríamos verificar o que de verdade

havia nas manifestações mediúnicas. Como nos propusemos satisfazer nossas intenções de maneira rigorosamente científica, decidimos só conceder atenção aos fenômenos observados em condições de fiscalização que permitissem eliminar toda espécie de fraude. Com esse fim, empregamos sempre métodos científicos:

- 1º) provocando a repetição do mesmo fenômeno em condições diversas;
- 2º) tomando notas exatas à medida que os fenômenos se produziam;
- 3º) empregando amplamente a fotografia.” (*Psychic Science*, 1929, pág. 180).



Materialização de “Lucy”, um dos “guias” da médium Mary M.



O diagrama acima mostra a disposição da sala das sessões. No gabinete ficava a médium Mary M. e ao redor 9 experimentadores. Por detrás dos experimentadores n.ºs 3, 4, 6 e 7 estavam colocadas as máquinas fotográficas que eram acionadas ao mesmo tempo, tirando as fotografias de vários ângulos. Havia, bem defronte do gabinete em que se achava a médium, uma mesa grande e no canto da sala o 10.º experimentador, que era encarregado de tomar notas de tudo que acontecia nas sessões.

O Dr. Hamilton experimentou com duas médiuns que se prestaram graciosamente às experiências, mas as materializações de rostos minúsculos foram exclusivamente obtidas pela mediunidade de Mary M., a respeito da qual dá o narrador as seguintes informações:

“Aprendemos a respeitar nela uma mulher trabalhadora, desinteressada, devotadamente sensível aos interesses de sua confissão religiosa, de seus amigos, de sua pequena família. Do mesmo modo que a outra médium, não teve Mary M. o-

casão de receber uma instrução qualquer que fosse, todavia é inteligente, com capacidades diversas notáveis.

Desde a sua infância percebera que possuía faculdades visuais e auditivas que não podia compreender. Há alguns anos interessou-se pelas experiências mediúnicas, freqüentou sessões e não tardou a cair em transe. Em janeiro de 1928 Mary M. tornou-se membro de nosso grupo, do qual a outra médium, Elisabeth, continuava a fazer parte. Durante os três primeiros meses o esperado desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas causou-nos certa decepção, pois, com efeito, não se notava nela nenhum sinal de faculdades supra-normais. Seus progressos pareciam depois encaminhar-se para as formas comuns de mediunidade, com estado de transe mais profundo, acompanhado de um aumento de suas faculdades de clarividência e clariaudiência. Eis, porém, que em dado momento uma mudança feliz se operou graças à intervenção de uma entidade espiritual que tomou o controle da médium.” (*Psychic Science*, 1929, págs. 183-4).

Achando-me na necessidade de abreviar esta narração, direi que esse novo espírito-guia, que reformou a mediunidade de Mary M., deu o nome de Walter Stimson, irmão e guia espiritual da famosa médium de Boston, Sra. Margery Crandon. Ele começou por ensaiar a produção dos mesmos fenômenos probantes executados no grupo de Boston, porém, como a experiência das campainhas, que se faziam ouvir em uma caixa fechada, a qual abria a série de fenômenos, pouco interessasse ao Dr. Hamilton, este não executou as minuciosas instruções de fiscalização científica ordenadas por “Walter”.

“Walter” acabou por indispor-se com o Dr. Hamilton e declarou-lhe que se ele não fazia o que lhe ordenara, não voltaria. Em seguida, para justificar o seu ressentimento e a sua insistência, disse ainda: “Eles (os sábios) não acreditam nisto. Não tiveram a coragem de dizer que a minha irmã falava pelos ouvidos?” (essa asserção foi confirmada). “Walter” satisfez o desejo do grupo, produzindo a emissão de ectoplasma e dele se utilizando para a materialização de rostos, mais ou menos pequenos, de defuntos que afirmavam estar presentes.

Estes, ao que parece, produziam os seus rostos em proporções reduzidas porque não dispunham de muita substância ectoplásmica. No número de outubro de 1929 da revista inglesa *Psychic Science*, apareceu uma série muito interessante de fotografias de rostos materializados. Cinco desses rostos, representando o mesmo desencarnado, são colocados em confronto com três fotografias comuns do defunto tal qual era quando vivo, em épocas diferentes. Umas, de modo notável, correspondem às outras: a identificação não permite dúvida.

O desencarnado em questão era ministro de uma igreja protestante e se chamava G. H. Spurgeon. A história de suas manifestações merece ser aqui resumida:

No decurso da sessão de 4 de novembro de 1928, “Walter” pediu a um dos assistentes para passar a mão pelo rosto da médium. A pessoa a quem se dera essa ordem, depois de haver executado a ordem recebida, declarou nada lhe ter percebido nem no rosto nem no pescoço. “Walter” deu então o sinal convencional para que se acendesse o magnésio. Logo que essa ordem foi executada, “Walter” pediu a um dos experimentadores que passasse um lápis e uma folha de papel à médium, que se achava mergulhada em profundo transe.

A médium escreveu no papel qualquer coisa e “Walter” anunciou que ela escrevera o nome do defunto cujo rosto materializado saíra na chapa. Ele ordenou que se entregasse a folha de papel ao Dr. Hamilton, não devendo ninguém vê-la enquanto a fotografia obtida não fosse mostrada à outra médium, visto que essa, tendo percebido, pela clariaudiência, o defunto que se materializara, iria reconhecê-lo na fotografia.



Materialização ectoplásmica minúscula do rosto de “Walter”, o falecido irmão e “guia espiritual da médium Margery.

Preciso é acrescentar que “Walter” tinha antes pronunciado algumas palavras de momento, contendo referências religiosas, dizendo que o que ele fazia era repetir o que lhe transmitia um dos espíritos presentes, de nome John Plowman. Seguiram-se as instruções de “Walter” e, quando a chapa fotográfica foi mostrada à médium Elisabeth, esta observou, com espanto, que se tratava de um espírito que conhecia muito bem e que lhe dissera chamar-se Spurgeon. O Dr. Hamilton tirou então do bolso o papel escrito pela outra médium, no qual se lia Charles Haddon Spurgeon.

Fizeram-se, em seguida, outras descobertas notáveis, isto é, que o nome John Plowman, pronunciado por “Walter”, era o pseudônimo de Spurgeon quando escrevia artigos para revistas. Verificou-se, além disso, que as frases pronunciadas por “Walter” constituíam uma passagem do último sermão proferido pelo reverendo Spurgeon. Concebe-se que nenhum dos assistentes tinha conhecimento dos fatos em questão.

Relativamente à fotografia obtida durante a referida sessão, escreve o Dr. Hamilton:

“Esta materialização foi fixada por três aparelhos, entre os quais um estereoscópico.

Os três retratos apresentam o mesmo fenômeno: um rosto absolutamente perfeito em todos os seus detalhes e que mostra tais indícios de vitalidade e uma semelhança tão espantosa com os retratos de G. H. Spurgeon que provocaram imenso interesse e grande surpresa.

Do ponto de vista biológico, é de notar que na fotografia as duas seções de ectoplasma se estendem como asas de uma borboleta em repouso. Analisando as margens das duas asas, verifica-se que são notavelmente análogas, como se constituíssem duas seções de um invólucro que seria fendido lateralmente em uma linha bem nítida para fazer aparecer o rosto nele contido. Esta forma morfológica de desenvolvimento parece ter algumas semelhanças com o fenômeno que se observa na vida das plantas.

Enfim, esse rosto em miniatura se mostra em três dimensões como um rosto normal, pelo menos no exterior; reproduz a figura de um indivíduo normal, salvo nas proporções.” (*Psychic Science*, 1929, págs. 200-1).

Em uma outra relação sobre os mesmos fenômenos e se referindo ao conjunto dos fatos, observa o Dr. Hamilton:

“Dos treze rostos fotografados até aqui, todos, menos um, são rostos em miniatura, ainda que todos, menos um, sejam figuras de pessoas adultas.

Essas miniaturas delicadas, que não atingem um terço do rosto da médium, são perfeitas em seus traços e parecem vivas; elas se impõem então aos pesquisadores como uma fonte inesgotável de estudos e maravilhas. Graças ao relevo que as sombras conferem aos traços da figura, assim como ao fato da incidência produzida pela luz nas pupilas dos olhos (como se observa nas fotografias tomadas em ângulos diferentes), obtém-se excelente prova de sua formação em três dimensões. Uma outra circunstância de grande valor científico consiste no fato de que todos esses rostos ectoplásmicos são cercados desta substância em condições amorfas, de ma-

neira a fazer supor que elas se formam no invólucro da substância que se fende quando a organização do rosto está completa. Se esta hipótese é exata, e nossas experiências o demonstram muito eficazmente, achamo-nos em face de um processo embrionário semelhante ao de todo processo gerador natural. Notarei que essa analogia já foi assinalada pelo Dr. Geley.” (*Psychic Science*, 1931, pág. 268).

O Dr. Hamilton evita construir teorias, entretanto sente-se que ele está muito impressionado com o fato dos rostos minúsculos de defuntos que afirmam estar presentes e que são identificados e, sobretudo, com o outro fato das admiráveis provas de identificação pessoal que se ligam à imagem materializada de Spurgeon, o que faz com que ele conclua dizendo:

“É verdade que grande número de pesquisadores eminentes, no domínio das pesquisas psíquicas, se propuseram ignorar ou antes ocultar o traço característico de natureza subjetiva que sempre está associado à emissão de ectoplasma. Essa atitude foi sábia no primeiro período transitório, no decurso do qual se tratou, sobretudo, de certificar-se da realidade dos fenômenos; mas, presentemente, é chegado o momento em que podemos e devemos analisar os fatos em seu conjunto, isto é, tomando seriamente em consideração a circunstância da inteligência ou das inteligências interpostas, que dirigem os fenômenos.

Devemos fazê-lo com um cuidado escrupuloso e com a mesma coragem moral que empregamos em analisar as maravilhas da substância ectoplásmica.” (*Psychic Science*, 1929, pág. 208).

Eis palavras serenas, sábias e sagradas, que infelizmente não serão muito facilmente ouvidas pelos investigadores eminentes aos quais o Dr. Hamilton faz alusão.

Não importa que a circunstância das inteligências interpostas, que acompanham sempre estas manifestações, seja a mais importante para a penetração de sua origem.

Notarei, a esse respeito, que o conjunto das manifestações de que falamos já nos permite entrever qual deveria ser a orientação do pensamento científico para chegar ao fim desejado.

É que, se os fenômenos em questão parecem ser produtos da ideoplastia, se parecem ser criações de um pensamento e de uma vontade exteriorizadas tomando forma concreta, não é menos verdade que tudo contribui para demonstrar que esse prodígio não deveria ser sempre exclusivamente atribuído ao poder supranormal do pensamento e da vontade dos vivos (Animismo), mas também, conforme as circunstâncias, ao pensamento e à vontade dos defuntos (Espiritismo). E no caso em questão, no qual se obtiveram imagens de defuntos que os experimentadores não conheciam e que deram excelentes provas de identificação pessoal, esta segunda versão da hipótese ideoplástica teria todas as probabilidades de ser verdadeira.

Jamais deixarei de repetir que o Animismo e o Espiritismo, longe de serem hipóteses opostas, são complementares uma da outra e ambas necessárias à interpretação espiritualista dos fenômenos mediúnicos.

Efetivamente, se a sobrevivência é um fato, só se pode encontrar nas profundezas da subconsciência as faculdades supranormais do espírito, já formadas, posto que ainda em estado latente, faculdades que não poderiam ser criadas do nada, no momento da morte.

Se assim é, essas faculdades devem emergir, por jatos fugazes, nas crises de minoração vital às quais os indivíduos estão sujeitos (sono fisiológico, sono mediúnico, síncope, narcose, coma). Ora, é justamente o que atestam os fenômenos “anímicos”, que, pelo simples fato de existirem, provam que o homem já é um espírito durante a sua vida na carne, na expectativa de exercer suas faculdades espirituais latentes em um meio adaptado, depois da crise da morte. Donde ainda uma vez: a existência dos fenômenos “anímicos” constitui uma condição indispensável para admitir-se a existência dos fenômenos “espíritos”.

Segue-se daí que, do nosso ponto de vista e graças ao fenômeno anímico da ideoplastia, devemos conjeturar que aquilo que

um espírito “encarnado” pode fazer, um espírito “desencarnado” deve poder fazer também, com a vantagem, para este último, de poder realizá-lo muito melhor, visto achar-se livre do invólucro carnal, que cria um obstáculo, em certa medida, ao exercício das faculdades transcendentais do espírito.

Concluimos: a análise do caso em questão nos autoriza a pensar que, em princípio, é inteiramente provável que as materializações minúsculas de rostos e de espíritos constituem simples “simulacros” (do mesmo modo que várias fotografias transcendentais), porém simulacros projetados e materializados pela vontade das personalidades mediúnicas que operam e que, em certos casos, são as personalidades dos defuntos representados nas formações em apreço.

Acrescento, todavia, que esta interpretação dos fatos admite várias exceções à regra, pois que se encontram condições especiais de manifestações, como, por exemplo, no caso da Sra. Bisson e nos três casos análogos que vão seguir.

Essas condições especiais exigem interpretações diferentes, considerando que as figuras minúsculas se mostram vivas e inteligentes. Fiz referência a uma dessas interpretações a propósito do caso relatado pelo Dr. Hamilton, notando que certas personalidades mediúnicas explicaram que elas se materializaram em proporções reduzidas porque não dispunham de ectoplasma suficiente para fazê-lo em proporções normais. Falarei de uma interpretação desses fatos quando tratar do caso 6, onde o rosto apareceu em forma reduzida a fim de não despender muita força.

Com as duas interpretações que acabo de indicar, estamos em condições de responder, por completo, às seguintes interrogações da Sra. Bisson:

“Se, como supõem os espíritas, são espíritos de desencarnados que vêm visitar-nos, de qual esfera desce esta forma em miniatura? Donde provêm estas manifestações insólitas?”

Finalmente, dever-se-ia conjecturar que estas últimas só são simples simulacros projetados e materializados pela vontade das

personalidades mediúnicas que operam, ao passo que as “figuras minúsculas”, vivas e inteligentes, não proviriam de nenhuma esfera espiritual especial; elas se organizariam em proporções minúsculas ou por falta de ectoplasma à sua disposição ou pela vontade das próprias entidades que se materializavam e que assim agiriam para não gastarem muita força. Acrescento que essas duas interpretações receberão, pouco mais adiante, confirmações absolutamente decisivas.

Caso 3

Tiro este episódio da obra da Sra. Anne Louise Fletcher, *Death Unveiled* (A morte sem véu). Ele adquire maior importância probatória pelo fato de a autora que relata o fato, do qual foi testemunha, achar-se em companhia do conhecido metapsiquista norte-americano Dr. Hereward Carrington, experimentador metuculoso, prestidigitador habilíssimo, com 30 anos de experiências nas pesquisas psíquicas e autor da obra *The Story of Psychic Science* (História da Ciência Psíquica).

Escreve a Sra. Fletcher:

“Em Washington tive ocasião de assistir, em casa de um amigo, a uma sessão com a bem conhecida médium Srta. Ada Bessenet de Toledo (Ohio). A sessão se realizou em completa obscuridade, porém o Dr. Hereward Carrington estava sentado à direita da médium e vigiava-lhe atentamente todos os movimentos. Não tardamos em ver aparecer as habituais luzes que iam e vinham à altura do teto; em seguida, “vozes diretas”, masculinas e femininas, se fizeram ouvir no alto, cantando “solos” e “duos”.

Quando as primeiras formas materializadas apareceram, iluminando a si próprias, entrevi, de maneira fugaz, o rosto de minha mãe, o qual me apareceu depois sob a forma de um camafeu. Um dos meus amigos, falecido havia já algum tempo, se materializou tão perfeitamente bem que lhe percebi, na face direita, um grande sinal natural que o caracterizava. Naturalmente, nesse grupo de 8 pessoas não fui a única a ser favorecida com essas manifestações.

O fenômeno, porém, que mais me surpreendeu, interessando-me grandemente, foi a materialização de uma figura com a altura de 14 polegadas, cercada de longo manto flutuante, a qual se pôs a dançar na mesa, entre mim e o Dr. Carrington (estávamos sentados um defronte do outro).

Como explicar esse fenômeno? Talvez que tenhamos percebido, pela visão inversa (como quando se olha em um binóculo ao contrário), essa pequena que dançava ao ritmo da

música, iluminada por sua própria luz? Em todo caso, era bem uma mulherzinha viva, perfeitamente normal, salvo no que concerne às suas proporções minúsculas. É também possível que tenhamos obtido um ensaio de transmissão à distância de uma “imagem psíquica”, graças às ondas elétricas, assim como se faz pela “televisão”. É, enfim, possível que a entidade em questão, por um ato de sua vontade, tenha querido materializar-se em proporções reduzidas. Consta-nos que, nos fenômenos de materialização, os espíritos se manifestam mais ou menos bem, segundo o grau de intensidade com o qual chega a concentrar o pensamento sobre o fenômeno que se propõe produzir. Isto explicaria porque diversas vezes as materializações dos desencarnados não correspondem, no que concerne à sua altura ou à sua beleza, à expectativa dos experimentadores. O Dr. Carrington colocou na mesa um prato quimicamente preparado que registrou o fenômeno da luminosidade dos espíritos, mas não a sua aparência. Recordarei que cada uma das materializações sucessivamente iluminava a si própria.” (Ibidem, pág. 50).

O episódio supra parece inteiramente análogo ao narrado pela Sra. Bisson.

Neste último caso, a figurinha materializada demonstrara a sua natureza de criatura viva e inteligente, executando, por assim dizer, operações ginásticas; a de que fala a Sra. Fletcher a demonstrou, ao contrário, dançando na mesa ao ritmo da música.

A Sra. Fletcher se esforça pela resolução do problema que estabelece esse fenômeno propondo quatro hipóteses diferentes, das quais a terceira é a mesma que propus mais acima. Com efeito, ela supõe que as materializações minúsculas não deveriam ser sempre olhadas como simples simulacros projetados à distância pela vontade dos defuntos, mas que poderiam ser às vezes animadas pelos espíritos dos defuntos que se materializariam, por sua própria vontade, em proporções reduzidas.

Na sua quarta hipótese a Sra. Fletcher supõe que essas materializações poderiam também ser mais ou menos pequenas em conseqüência da intensidade com a qual a entidade espiritual

chega a concentrar o pensamento sobre o fenômeno que se dispõe a produzir. Esta é uma hipótese que poderia também ser bem empregada, segundo as circunstâncias.

Caso 4

O seguinte episódio é tirado da revista inglesa *Psychic Science* (1925, pág. 221) e narrado pelo comandante de artilharia C. C. Colley, filho do arcediogo Colley, bem conhecido como intrépido defensor da verdade espírita em face de todos, mas sobretudo perante os seus próprios confrades em religião: os pastores, diáconos, arcediagos e bispos. O comandante Colley, numa conferência realizada na sede do *British College of Psychic Science*, relatou, entre outros, o seguinte caso que lhe é pessoal:

“Certo dia do mês de agosto de 1898 fui convidado para assistir a uma sessão com o mesmo médium de que falei na minha última conferência. Recordarei que nessa ocasião levei comigo um oficial subalterno, meu amigo, que acendera um fósforo, do que resultou que, da outra vez, não levei ninguém a essa sessão. Éramos quatro: o médium, o nosso hospedeiro, a sua filha e eu. Os espíritos me anunciaram que eu iria assistir a uma manifestação prodigiosa e que me preparasse para ver um fenômeno que não obteria nunca mais em minha vida. Respondi-lhe: “Se assim é, concedei-me tempo para tomar todas as medidas de fiscalização necessárias”. Assim, depois de haver fechado a porta à chave, pedi licença para fechá-la de modo que não pudesse ser aberta nem de dentro nem de fora. Fechei, da mesma maneira, a janela e, quando adquiri a certeza de que ninguém poderia sair do aposento ou de aí penetrar, comecei a esquadrinhar todos os cantos desse aposento, inclusive o piano, que era de grandes dimensões. Após isto, pediram-me para abaixar a luz do gás, o que fiz gradualmente, solicitando que concedessem tanta luz quanto possível, o que fizeram a ponto de eu poder ler, correntemente, um jornal ilustrado que se achava na mesa.

O médium estava mergulhado em profundo transe. De repente, vi sair de seu lado algo parecendo o vapor de uma chaleira fervendo. Esse vapor tomou a forma de um tubo – que chamaremos o condutor da substância – que se alongou

até atingir o centro da mesa oval em torno da qual estávamos sentados. Aí ele se transformou numa nuvenzinha de cerca de dois pés de diâmetro, que não tardou a tomar a forma de uma bela boneca da altura de 18 polegadas, que se pôs a passear graciosamente na mesa, como se fosse a miniatura viva de um espírito. Ela se apresentou diante de cada um de nós com muita naturalidade e, finalmente, sentou-se em meus joelhos.

Tive o privilégio de apertar-lhe a mão, que não era maior do que o meu polegar.

Essa mãozinha era quente, mas desde que a apertei via-a fundir-se na minha, que esfriou subitamente e pareceu-me cercada de uma espécie de nevoeiro. Então, a figurinha começou, por sua vez, a dissolver-se rapidamente, deixando uma como nuvem na mesa. Finalmente, o “tubo condutor” foi rapidamente absorvido no lado direito do médium. Tais são os fatos. Felizmente para mim, verifico que o auditório a quem me dirijo não é o mesmo que ouviu meu pai quando lhe aconteceu narrar um fenômeno semelhante a que assistira e durante o qual vira materializar-se uma forma de mulher com a altura de 4 pés, num processo análogo ao que acabo de descrever.

Dúvida alguma padece de que o fenômeno que acabo de relatar é digno de toda a atenção dos sábios por causa das induções que se pode extrair dele. Devemos considerá-lo como uma experiência científica, pois, com efeito, não está longe o dia em que se descobrirá que essas materializações são reguladas por leis estritamente físicas. Minha teoria a esse respeito é a seguinte: “Quando os espíritos dos defuntos não dispõem de substância suficiente para materializar-se ao natural e fazer-se identificar, podem, todavia, materializar-se em miniatura. Por que? Eu, por mim, ficaria mais satisfeito em ver a figura completa de meu pai, em miniatura, com o seu porte característico e os seus gestos habituais, do que unicamente a sua cabeça em proporções normais. Ora, sou de opinião que, no caso em apreço, algo de semelhante se realizou. Dir-se-ia que essa mulherzinha se manifestou a mim

dessa forma na esperança de que a reconhecesse pelos gestos, pelo porte, pela roupa. Infelizmente, devo dizer que não a reconheci, porém a sua graciosa figurinha, com os seus cabelos louros anelados, maravilhosamente conformada e vestida de roupa branca parecendo de musselina, me ficou gravada na memória de modo indelével.”

Este caso é, por sua vez, absolutamente semelhante aos outros dois que o precederam. Notarei que, no caso da Sra. Bisson, a figurinha materializada subiu na palma da mão de três experimentadores e que, no caso do comandante Colley, a forma sentou-se nos joelhos deste.

Quanto à hipótese formulada pelo Sr. Colley para considerar o fenômeno a que assistira, pode-se ver que ela é a mesma que formulei a respeito. E se se considera que outro experimentador, a Sra. Fletcher, chegou a hipóteses que pouco diferem da de que tratamos, só se pode deduzir daí que essa concordância na interpretação do fenômeno já demonstra que esta hipótese é a mais natural.

Caso 5

O episódio que segue não é uma narração propriamente dita dos fenômenos observados, mas simplesmente uma referência a fenômenos desta categoria que se produziram durante longa série de manifestações mediúnicas complexas e extraordinárias, fenômenos que realmente se deram e que servem para esclarecer, ulterior e eficazmente, a gênese provável das manifestações minúsculas, o que me levou a tomá-lo seriamente em consideração.

Na interessantíssima narração do professor F. W. Pawloski a respeito de suas experiências com o famoso médium polonês Frank Kluski, publicada na já citada revista *Psychic Science* (1925, págs. 206-8), encontra-se a passagem que aqui reproduzo:

“As materializações não são sempre do tamanho normal. No fim da sessão, quando o médium começa a ficar esgotado ou quando não está fisiológica e psicologicamente bem disposto, a estatura dos espíritos torna-se inferior à normal; ela fica reduzida a dois terços ou mesmo à metade da normal. A primeira vez que me sucedeu observar esse fenômeno, julguei tratar-se de crianças, mas examinando-as melhor, distingui os rostos enrugados de um velho e de uma velha, em dimensões muito reduzidas. Quando esse fato se deu, a personalidade dirigente das sessões disse: “Ajudemos o médium”, expressão empregada no círculo para fazer notar que o médium começava a perder as forças e que os experimentadores executassem simultaneamente a respiração profunda cujo efeito era literalmente maravilhoso: o tamanho dos espíritos anões aumentava rapidamente e, em alguns segundos, tomava proporções normais.” (Ibidem, págs. 216-7).

Não se poderia desejar melhor prova experimental do que esta para demonstrar que a hipótese que propus, como dois outros experimentadores, para explicar as causas que determinam as materializações minúsculas é legítima, racional e bem fundada, pois que é confirmada por modalidades nas quais se realizam os fenômenos em questão. Dever-se-á então reconhecer que, quan-

do rostos ou espíritos em proporções minúsculas se materializam, isto significa, quase sempre, que as personalidades mediúnicas que se manifestam não dispõem de ectoplasmas em quantidade suficiente para poderem materializar-se normalmente. É o que vemos produzir-se no caso exposto pelo professor Pawloski, no qual, desde que os assistentes, executando a respiração rítmica profunda, fornecem, abundantemente, fluido vital ao médium, o tamanho dos espíritos materializados aumenta, tornando-se, em alguns segundos, normal. Ora, esse fato não é apenas uma prova a favor de minha tese, mas constitui também uma demonstração absolutamente decisiva de que ela está certa, salvo sempre a circunstância de que o fenômeno pode, por vezes, produzir-se por efeito da vontade da entidade que se manifesta.

Caso 6

Na importantíssima narração do Sr. E. H. Saché, de Auckland (Nova Zelândia), publicada na *Light* (a partir do nº de 15 de novembro de 1929), encontra-se um episódio de figurinhas vivas completamente materializadas. O médium era a Sra. Lily Hope, residente em Wellington. O narrador fê-la ir a Auckland e escreve a respeito:

“A médium viveu em nossa casa durante os 16 dias que duraram as minhas experiências e nesse período de tempo apenas saiu duas vezes, acompanhada por minha esposa e eu.”

As sessões de materialização se realizaram à luz vermelha com a médium no gabinete, mas as formas saíam do gabinete mediúnico para se mostrarem em plena luz e muitas vezes afastavam as cortinas a fim de fazerem ver a médium sentada na poltrona e mergulhada em profundo transe.

Escreve o Sr. Saché:

“À luz vermelha viu-se o ectoplasma cair lentamente sobre o estrado, no ponto de junção das duas cortinas. Ele se elevou até três pés de altura e, no interior dessa substância, começaram a aparecer rostos em miniaturas que se formavam e se dissolviam. Em dado momento, apareceu um rosto que tinha um nariz muito comprido e pouco depois dois rostos se materializaram simultaneamente um ao lado do outro. Não nos esqueçamos de que isto se produzia sob os olhares de todos, com uma luz mais do que suficiente e os nossos olhares perscrutadores se aproximavam, às vezes, de algumas polegadas do ectoplasma gerador. Nesse momento, *Sunrise* (o espírito-guia) nos pediu que abrissemos a cortina lateral e olhássemos para o interior do gabinete. Olhamos e vimos que o médium jazia na sua poltrona enquanto o ectoplasma se formava no centro do gabinete.”

A respeito de outra circunstância, escreve ainda o Sr. Saché:

“Houve um curto intervalo de repouso, depois do qual vimos aparecer, no meio de nós, uma figurinha com a altura de cerca de 30 polegadas, a qual, sorrindo, nos dirigiu a palavra. Ela diz ser *Sunrise*, que deixara, por alguns instantes, o controle da médium a fim de mostrar-se a nós. Perguntamos-lhe por que se manifestava em dimensões tão reduzidas e ela respondeu que assim o fizera para não gastar muita força. Tendo lhe pedido que permanecesse entre nós mais algum tempo do que as outras manifestações, sorriu, fez um sinal negativo com a mãozinha e desapareceu.”

Neste quarto episódio das materializações minúsculas integralmente organizadas, nota-se primeiramente uma confirmação da observação que formulamos em nossos comentários ao caso precedente, isto é, que o fenômeno das materializações minúsculas algumas vezes deve realizar-se em consequência de um ato de vontade da entidade manifestante. Neste último caso é, com efeito, a própria entidade que afirma ter-se materializado em proporções reduzidas para não consumir muita força. Parece-me, então, que as duas hipóteses que propus para a explicação das causas que determinam as materializações minúsculas já foram examinadas sob diferentes pontos de vista que convergem todos para sua confirmação.

Apenas, no caso narrado pelo Sr. Saché, há outra coisa ainda a considerar. Nota-se nele, com efeito, o importantíssimo detalhe de a figurinha materializada conversar com os assistentes. Segue-se daí que neste caso trata-se, evidentemente, da encarnação da entidade que operava na pequena forma materializada. Nestas condições é mais do que patente que se deveria admitir, em geral, a hipótese que propus e segundo a qual as “materializações minúsculas de rostos e de espíritos” devem ser consideradas como projeções de simples “simulacros” materializados pela vontade das personalidades operantes.

De outra parte, porém, não é menos verdade que esta regra está sujeita a exceções, pois o último episódio o demonstra de maneira decisiva. Penso que ninguém o contestará, mas, ao mesmo tempo, não ignoro que, a propósito da inteligência que anima a pequena forma materializada, se me poderia objetar que

esse fato não demonstra a presença, no local, de entidades espirituais estranhas ao médium, pois o “psiquismo” deste último poderia muito bem animar a figurinha. Responderia que neste caso especial é impossível provar o contrário e não insistirei nisso, ainda que tal não seja opinião minha bem refletida, fundada na circunstância de que, nas experiências do Dr. Hamilton, ainda que só se tratasse de simples rostos em miniatura, chegou-se a obter magníficas provas de identificação pessoal de mortos que materializavam os seus rostos.

E, como no episódio a que refiro, as indicações pessoais fossem ignoradas de todos os assistentes, somos levados, racionalmente, a admitir a presença espiritual, na sessão, daqueles que eram os únicos a conhecê-las e que, ao mesmo tempo, materializaram a imagem dos seus próprios rostos.

Conclusões

A presente classificação demonstra que o magnífico caso relatado pela Sra. Bisson, longe de ser único, já se renovou pelo menos seis vezes nestes últimos tempos, com modalidades idênticas de produção, o que basta para conferir-se alto valor de autenticidade aos casos de materializações minúsculas.

Nessas condições, era cientificamente oportuno que se lhes descobrissem as causas. A análise comparada de alguns casos que eu recolhi permitiu-me fazê-lo. Com efeito, graças ao exame das modalidades nas quais esses fatos se produziram, vimos que o fenômeno das materializações anãs tinha como causa determinante a circunstância da quantidade mais ou menos suficiente de ectoplasma e de fluidos de que dispunha o espírito que operava. Este, não podendo manifestar-se em proporções normais, o fazia em dimensões reduzidas, o que não impede que, em certos casos, o fizesse para economizar a força e os fluidos de que dispunha.

Pareceu-me, ao mesmo tempo, necessário formular a esse respeito uma hipótese mais extensa, segundo a qual os fenômenos em questão, especialmente quando se trata de simples rostos, podem, em princípio, ser considerados como projeções criadas por um ato de vontade das personalidades mediúnicas que operam, ou bem, em casos especiais, simulacros criados por um ato de vontade dos espíritos de defuntos, cujos rostos ou figuras foram representados nas formas em apreço. Sempre, bem entendido, com as inevitáveis exceções à regra, nas quais as figurinhas materializadas aparecem vivas, inteligentes, o que leva a pensar que elas são diretamente animadas pelas entidades que as criaram.

Relativamente ao último problema que se refere à individualidade psíquica (subconsciente ou estranha ao médium) das personalidades mediúnicas que se manifestam nessas condições, o momento ainda não é chegado de formulá-lo definitivamente, pois os dados de que dispomos sobre o assunto não são suficientes.

Entretanto, o fato, mais acima assinalado, de terem certas personalidades mediúnicas de defuntos chegado a demonstrar a sua identidade pessoal, só pode fazer-nos inclinar para a suposição de que se trata, muitas vezes, de verdadeiras intervenções estranhas aos médiuns e assistentes. Isso corresponde, aliás, ao que se verifica em todas as categorias de manifestações psíquicas que, segundo as circunstâncias, podem ser algumas vezes *anímicas* e em outras ocasiões *espíritas*. Não seria, pois, lógico supor que as manifestações de que acabamos de tratar constituam uma exceção à regra e que sejam sempre *anímicas*.

Ernesto Bozzano

Adendo do tradutor ao caso 3

O Dr. T. Glen Hamilton foi um ilustre experimentador espírita de Winnipeg, Canadá, cuja visita à Inglaterra, em 1932, constituiu notável acontecimento nos anais das pesquisas psíquicas.

No dia 30 de julho ele realizou uma palestra no *British College of Psychic Science*, ilustrada com projeções de lanterna e para um vasto auditório constituído, inclusive, de muitas pessoas de destaque no domínio das pesquisas psíquicas.

O conferencista foi apresentado ao público pela Sra. Rose Champion de Crespigny, *Honorable Principal* do *British College*, que discorreu sobre as pesquisas realizadas pelo Dr. Hamilton em um círculo privado com médiuns preparados por ele, e a Sra. Hewat McKenzie, outro membro eminente do *College*, referiu-se ao grande interesse despertado nessa importante associação inglesa pelas experiências do cientista canadense.

A *Psychic Science*, muito apreciado órgão do *British College*, publicou, em vários números seus, relatos das sessões do Dr. Hamilton, todos eles ilustrados com as mais curiosas fotografias psíquicas.

Dentre as experiências do Dr. Hamilton, as que mais nos interessam para este apêndice sobre as materializações minúsculas são as que vêm narradas nos números de janeiro e outubro de 1932 da referida revista bimestral. Elas foram realizadas em 22 de setembro e 27 de outubro de 1929. Para fotografar os interessantes e curiosos fenômenos ectoplásmicos que se produziam nas sessões, o Dr. Hamilton dispôs um total de 11 máquinas fotográficas, de vários tipos e fabricantes, em duas prateleiras, na frente e nos lados direito e esquerdo da médium, com as necessárias disposições para se baterem as chapas conjuntamente e de modo instantâneo.

No meio das notáveis fotografias que ele tirou na primeira dessas memoráveis sessões destaca-se a que se vê abaixo, que é uma ampliação. Na fotografia original os quatro rostos são quase microscopicamente pequenos. Vêm-se nela: 1) Arthur Conan Doyle, facilmente reconhecível por quem quer que o tenha

conhecido em vida, mesmo em retrato; 2) C. H. Spurgeon um jovem pregador; 3 e 4) um rosto de moço e um crânio, ambos, evidentemente, “desenhos” de “Walter” na massa ectoplásmica.



Abundante emissão de ectoplasma que sai da boca da médium Mary M., mostrando rostos minúsculos, entre os quais o do falecido Sir Arthur Conan Doyle.

Com referência ao aparecimento da forma minúscula do rosto de Conan Doyle, devemos esclarecer o seguinte: a 17 de abril Conan Doyle, escrevendo pela mão da médium Mercedes em transe, disse que, se “Walter” lhe permitisse, ele produziria uma imagem ectoplásmica de sua pessoa, e assim o fez.

A outra massa ectoplásmica, acerca da qual queremos chamar a atenção dos leitores, produziu-se na sessão de 27 de outubro de 1929, como dissemos antes, sendo a vigésima segunda massa ectoplásmica a ser fotografada bem defronte da médium de Winnipeg, Mary M., e a nona a revelar a presença de rostos minúsculos.

Em muitos dos seus aspectos ela constitui a mais notável e brilhante produção psicofísica até então obtida, pois a nitidez e a perfeição biológica dos rostos minúsculos bem demonstram que se verificou excepcional fenômeno.

Na primeira sessão preliminar duas pequenas massas ectoplásmicas apareceram e foram fotografadas. Pela primeira vez o sinal, para se bater o instantâneo, *sinal este sempre dado na mais completa escuridão*, foi dado por um médium auxiliar na pessoa de um dos assistentes – um médium assistente – pela entidade espiritual “Walter”, diretora dos trabalhos.

Na sessão de 29 de setembro essa personalidade espiritual predisse a formação de ectoplasmas com outros rostos, tais como os que se produziram de Stead, Spurgeon e outros. No dia 6 de outubro “Walter” também referiu-se ao futuro fenômeno, informando então que a manifestação que eles esperavam produzir requeria uma boa porção de “força” de todos, médiuns e assistentes.

Na sessão de 20 de outubro “Walter”, falando pela médium Mary M., com pesar informou que ele não pudera, nessa sessão, produzir o “quadro” como pretendia, devido ao fato de que, ao contrário do costume, se examinara a cabeça da médium e a parte superior de seu corpo, sem o habitual aviso para tal. Em consequência, eles haviam destruído o seu “trabalho” inicial. Esse alegado “erro de técnica” deu por resultado que, no meio da sessão, outro “guia” de Mary M., conhecido por “Black Hawk” (o índio Gavião Preto), falando em lugar do aborrecido e desapontado “Walter”, deu, inesperadamente, o sinal convencional para se tirar o instantâneo, obtendo-se a fotografia em que se vê a massa ectoplásmica saindo da boca da médium.

Antes de principiar-se a célebre sessão de 27 de outubro, a médium Mary M. foi despida, lavada com uma esponja e vestida com uma roupa apropriada para a sessão. Os assistentes e os arranjos da reunião foram os mesmos de sempre, inclusive com uma taquígrafa que registrava no papel todas as particularidades dela. As mãos da médium em transe foram seguras de um lado pelo Sr. W. B. Cooper e do outro pelo Dr. J. A. Hamilton, os quais lhe examinaram cabeça, rosto, pescoço, busto, antebraços, nada encontrando de mais, do que fizeram uma declaração audível para todos.

Os outros dois médiuns caíram logo em transe e comunicaram que, com toda probabilidade, a manifestação, há muito

esperada, estava iminente. Onze minutos depois, de acordo com o sinal pré-combinado de “Walter” (quatro batidas com o pé de Mary M.) sendo batida a quarta, o instantâneo foi tirado e, ao momentâneo clarão da luz, pôde-se perceber os contornos de uma massa branca na frente da médium.

Logo a seguir, houve interessante diálogo entre a personalidade mediúnica “Walter” e o Dr. T. Glen Hamilton, a quem “Walter” anunciou que seriam reconhecidos os rostos minúsculos aparecidos na massa ectoplásmica.

Sete máquinas fotográficas foram usadas na experiência em questão. O Sr. Hugh A. Reed assistiu o Dr. Hamilton na revelação das chapas logo após o término da sessão, tendo ele próprio revelado a tirada por sua máquina no apartamento do hotel em que residia.

Conforme “Walter” anunciara, no meio da massa ectoplásmica que saía do nariz e da boca da médium, caindo sobre o colo, viam-se duas caras pequeníssimas e uma terceira não bem visível e nítida como as outras duas.

Uma delas apresenta, com fidelidade admirável, como se pode ver pela ampliação da fotografia tirada na sessão (figura abaixo), comparada com a batida, quando vivo, o filho do professor Oliver Lodge, morto na I Guerra Mundial, o mesmo Raymond que deu origem a um livro que leva o seu nome, de autoria do próprio pai e já publicado em nossa língua. Lodge, a quem foram remetidas as provas fotográficas, não teve objeções a opor aos elementos de identidade oferecidos pela fotografia, mostrando-se apenas surpreso por não ter o espírito de seu filho o avisado da experiência que ia tentar no Canadá, talvez esperando o resultado dela, para maior surpresa do pai.



Comparação do rosto de "Raymond", quando fardado de soldado, com o aparecido na massa ectoplásmica saída da boca da médium.

A outra imagem, também identificada, apresenta um morto de cujo nome, por motivos de ordem particular, só foram publicadas as iniciais. A semelhança, neste caso, é também nitidamente perfeita.

Limitamo-nos a fazer este resumo sem entrar no relato de inúmeros pormenores e abstando-nos, por outro lado, de comentários a respeito. Os fatos falam por si e são bem eloqüentes.



Abundante emissão de massa ectoplásmica, mostrando rostos minúsculos de pessoas mortas, que foram reconhecidas.

O Dr. T. Glen Hamilton, já falecido, se revelou um dos mais hábeis cultores das pesquisas psíquicas, que lhe ficaram devedo-

ras de uma contribuição considerável de experiências bem impressionantes. Foi um sábio sereno e frio na experimentação e prudente e sóbrio nas teorias e conclusões. Não obstante, não se pôde furtar à necessidade de declarar, sinceramente, que não conseguia encontrar hipótese mais clara e satisfatória, para explicar os fenômenos relatados, senão aquela segundo a qual as entidades operantes eram realmente o que diziam ser, isto é, espíritos de pessoas mortas que procuravam fornecer aos vivos da Terra as mais extraordinárias e impressionantes provas de sua sobrevivência espiritual.



Ampliação da fotografia anterior, mostrando dois rostos de pessoas bem conhecidas em vida, sendo um de "Raymond", filho de Sir Oliver Lodge, e o outro de um jovem cujo nome não se quis divulgar.

Todas as fotografias que ilustram este volume foram por mim colocadas nele, visto não existir nenhuma delas nem na obra do Dr. Paul Gibier nem na monografia do Professor Ernesto Bozzano.

Poucas foram colhidas em outras obras, mas a maioria delas devo à ilustre redação da *Psychic Science*, de Londres, Inglaterra, que atenciosamente me remeteu os números que me eram necessários para esse fim.

O Dr. T. Glen Hamilton foi presidente de *The National Executive of the Canadian Medical Association* de 1922 a 1933,

membro da *Manitoba Medical Association* em 1921/22, membro da *Provincial Legislature* de 1915 a 1920 e decano da *King Memorial Church* durante 28 anos. Foi também presidente da *Winnipeg Society for Psychical Research*.

Do seu grupo habitual de experimentadores faziam parte quatro médicos, um advogado, um engenheiro civil e um engenheiro eletricista e ainda sua própria esposa, enfermeira diplomada. Ele se utilizou dos seguintes médiuns não profissionais: Elizabeth M., Mary M. e Mercedes.

Devo, finalmente, uma explicação ao leitor, isto é, que as duas fotografias a seguir – mais duas excelentes provas da sobrevivência espiritual – não fazem parte do assunto deste duplo trabalho. A primeira é uma das muitas luvas de parafina obtidas pelo médico francês Dr. Gustave Geley no Instituto Metapsíquico Internacional, do qual foi o primeiro diretor, e a seguinte obtida numa sessão com a médium de Boston, Sra. Margery Crandon, pela qual se manifestava o espírito “Walter”.

O tradutor



Um par de luvas de parafina com os dedos das mãos entrecruzadas, mostrando grãos do corante colocados na cera para melhor autenticá-lo.



Impressão digital feita em cera dentária pelo espírito “Walter”, verificada ser verdadeira em confronto com a constante de sua ficha datiloscópica completa existente nos arquivos das autoridades locais.

– FIM –

Notas:

¹ Editado em português com o título de *Fatos Espíritos*, ed. FEB.

² *Revue Spirite*: “História de Katie King”, pela Sra. de Laver-say, de março a outubro de 1897.

³ Sra. d'Espérance, *No País das Sombras*, edição da FEB.

⁴ Florence Marryat, *There is no death* (Não há morte).

⁵ Veja-se: *Pesquisas sobre o moderno Espiritualismo*.

⁶ *The Spiritualist*, 29 de maio de 1874.

⁷ William Crookes, *Pesquisas sobre o Espiritismo*, fim.

⁸ Vide *O Espiritismo (faquirismo ocidental)*.

⁹ Na obra citada acima descrevi uma materialização parcial de uma mão, que observei à luz do dia.

¹⁰ É, em resumo, quase o método que eu adotara em 1885/86 com Slade. No instante em que eu publicava meu trabalho, não ignorava, certamente, que esse médium tinha sido suspeito e, talvez até, pego em flagrante delito de fraude. Porém, desde essa época eu sabia também que se apenas devessem ser considerados os fatos observados com médiuns inteiramente isentos de qualquer velhacaria, ou acima de qualquer suspeita, não se publicaria absolutamente nada e que, sem dúvida, não há um único médium (sobretudo entre os profissionais) que não possa ser pego em falta.

Apresso-me em acrescentar que, segundo minha experiência, em grande número de casos, o médium apenas aparentemente trapaceia, seja fazendo movimentos dissociados, de alguma forma automáticos e prestando-se à suspeição, seja porque a fraude, embora real, foi cometida enquanto o médium encontrava-se num estado de inconsciência, mais ou menos completo; seja, ainda, porque a fraude grosseira, brutal, ousou dizer, tenha como causa um agente completamente estranho ao médium.

Mas não quero insistir nesse ponto familiar aos observadores que conhecem bem as pesquisas psíquicas. O que importa conhecer é, de um lado, a propensão comum de certos médiuns para trapacear (fato que assinalei há mais de dez anos e sobre o qual é preciso saber tomar seu partido) e, de outro lado, a conseqüente necessidade de se manter constantemente alerta durante as sessões. Se viessem me dizer que se têm provas positivas de que um médium verdadeiro foi pego com a mão na botija, eu não ficaria senão espantado; isso provaria simplesmente que ele quis dar-se mais do que ele pode produzir, e que lhe foi preciso, em conseqüência, adulterar seu artigo; eis tudo. Cabe aos investigadores tomarem suas precauções.

¹¹ Ensaiei as correntes elétricas com a máquina estática, com o fim de produzir eletricidade e ar na atmosfera, esperando que

assim se favorecesse o desenvolvimento das manifestações, mas o resultado foi duvidoso.

¹² A fim de aumentar o volume do ar no interior do gabinete em que permanecia encerrada a médium, essas dimensões foram aumentadas e se estabeleceu um sistema conveniente de ventilação, eliminando-se ao mesmo tempo a luz.

¹³ Apesar dos seus protestos de boa vontade para se submeter às condições da experiência, a médium, suscetível como o são quase todos, mostrou, todavia, que essas precauções ofendiam seus sentimentos profissionais. A primeira vez que ela me viu colar os selos como acaba de ser dito, a Sra. Salmon perguntou-me com um ar malicioso se eu me propunha “colocá-la no correio com a gaiola”.

¹⁴ Quando tudo está pronto e uma luz branda clareia o quarto, é comum os assistentes cantarem juntos. Não é preciso que o canto seja religioso ou monótono, ou mesmo que os executores cantem certo, desde que cada um faça o melhor. Em várias experiências, um piano colocado no quarto para a ocasião foi mantido por uma das pessoas que assistia à sessão.

É evidente que o espectador desprevenido, não iniciado, tenha o direito de achar esse detalhe infantil ou suspeito, como a semi-escuridão; não é menos verdade que com todos os médiuns que eu vi, qualquer que fosse a natureza dos fenômenos, estes se mostraram muito mais prontamente e com maior intensidade numa penumbra e, ainda, desde que os cantos estabeleceram uma espécie de vibração harmoniosa, senão do ar, pelo menos dos pensamentos dos assistentes. Nunca perdi de vista o fato de que, em certos casos, o barulho do canto pode ser usado com proveito para preparar algum “truque” no interior ou mesmo fora de um gabinete, e tive os ouvidos atentos a todos os sons que poderiam vir do lugar onde se achava a médium. Com muita freqüência o canto *mezza voce* dos assistentes, ao qual não me juntava nunca, permitiam-me ouvir, de vez em quando, a respiração da médium e nada mais.

¹⁵ Até a camiseta usada sobre a pele era preta e não tinha corpete.

¹⁶ Vide o capítulo “Descrição do gabinete de madeira”.

¹⁷ Vide, no capítulo “Notas e observações”, a nota e) Observações sobre Blanche.

¹⁸ Vide, no capítulo “Notas e observações”, a nota b) Observações sobre Maudy.

¹⁹ A Sra. Salmon não havia feito a menor menção de sua filha residente no México. Certamente ignorava a sua doença. Só quinze dias depois é que soube que ela estava gravemente enferma de septicemia.

²⁰ Vistos à distância de 1 a 1,50 metros pelo Sr. L. e pelos Srs. T.S. e B., pareciam pretos.

²¹ Essas instruções foram postas em prática nas sessões seguintes.

²² Ainda que eu retivesse uma parte dessa substância em minhas mãos, não pude apreciar exatamente o que era. Pelo tato, julguei que esse tecido era forte e resistente como algodão coberto de uma camada de goma.

²³ Um homem de tórax bem desenvolvido dificilmente poderia sustentar tal sopro pelo espaço de 10 segundos.

²⁴ Ainda que não estivéssemos de pleno acordo, a nossa intenção era a de cercar o espírito para vê-lo mais de perto e, se possível, tocar-lhe as mãos.

²⁵ Temos no Novo Testamento um caso típico, qual seja a passagem do apóstolo Pedro através da grade de sua prisão. (N.T.)

²⁶ *Revista Científica*, 14 de abril de 1900.

²⁷ É o que mais tarde se chamou de ectoplasma, do grego *ektos*, por fora, e *plasma*, objeto modelado. (N.T.)

²⁸ O Dr. Gibier trata de uma hipótese, mas sabe-se bem que um espírito materializado não pode ser uma personificação subconsciente de um médium, pois há casos de um mesmo espírito se manifestar e se materializar por meio de vários médiuns e em diversos lugares afastados. Depois há sempre alguma diferença

entre um e outro, inclusive no falar de línguas. Os adversários do Espiritismo só fazem “concessões” quando anulam a sobrevivência do espírito depois da morte do corpo carnal, de que as materializações são a melhor prova. (N.T.)

²⁹ Para um cientista o é, mas não para um parapsicólogo, graças ao fantástico poder da mente... (N.T.)

³⁰ *Análise das Coisas.*

³¹ Conhecemos casos em que a forma materializada foi agarrada por um assistente imprudente, resultando uma hemoptise no médium e vários dias de hospital. Daí a prudência com que os espíritos se aproximam dos novos assistentes de uma sessão experimental. (N.T.)

³² *O Espiritismo (faquirismo ocidental).*

³³ Bozzano escreveu esta autobiografia em 1930. Seu primeiro artigo é de 1901 e ele escreveu até 1940. (N.T.)